



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

RAFAELLA MARQUES FARIAS

**"GEOFFREY CHAUCER E A CONSTRUÇÃO DA TRADIÇÃO LITERÁRIA INGLESA:
MEDIEVALISMO E IDENTIDADE CULTURAL NOS SÉCULOS XIV E XIX"**

Recife
2025

RAFAELLA MARQUES FARIAS

**"GEOFFREY CHAUCER E A CONSTRUÇÃO DA TRADIÇÃO LITERÁRIA INGLESA:
MEDIEVALISMO E IDENTIDADE CULTURAL NOS SÉCULOS XIV E XIX"**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de Mestra em História. **Área de concentração:** Sociedade, Culturas e Poderes

Orientador: Prof. Dr. Bruno Uchoa Borgongino

Recife

2025

.Catalogação de Publicação na Fonte. UFPE - Biblioteca Central

Farias, Rafaella Marques.

Geoffrey Chaucer e a construção da tradição literária inglesa: medievalismo e identidade cultural nos séculos XIV E XIX / Rafaella Marques Farias. - Recife, 2025.
125f.: il.

Dissertação (Mestrado)- Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, 2025.

Orientação: Bruno Uchoa Borgongino.

1. Geoffrey Chaucer; 2. Literatura inglesa; 3. Identidade cultural; 4. Medievalismo. I. Borgongino, Bruno Uchoa. II. Título.

UFPE-Biblioteca Central

RAFAELLA MARQUES FARIAS

**"GEOFFREY CHAUCER E A CONSTRUÇÃO DA TRADIÇÃO LITERÁRIA INGLESA:
MEDIEVALISMO, IDENTIDADE CULTURAL NOS SÉCULOS XIV E XIX"**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de Mestra em História. **Área de concentração:** Sociedade, Culturas e Poderes.

Aprovada em: ____/____/____.

BANCA EXAMINADORA

Professor Doutor Bruno Uchoa Borgongino (Orientador)
Universidade Federal de Pernambuco

Professora Doutora Daniele Gallindo Gonçalves (Examinadora Externa)
Universidade Federal de Pelotas

Professor Doutor Renato Pinto (Examinadora Interno)
Universidade Federal de Pernambuco

À minha mãe.

É em sua memória que deposito cada conquista.

AGRADECIMENTOS

Concluir esta dissertação representa mais do que um marco acadêmico; é o resultado de uma trajetória construída com esforço, persistência e pelo apoio de pessoas que, de diferentes formas, caminharam ao meu lado.

Agradeço ao meu orientador pelas orientações e pelas provocações intelectuais que contribuíram para o desenvolvimento desta pesquisa.

Aos professores e colegas do programa de pós-graduação, por cada troca de saberes, pelas conversas que ampliaram meu horizonte e pelo companheirismo ao longo desta jornada.

Aos amigos que estiveram presentes nos momentos decisivos — Lucas Nascimento, João Senna, Giovanna Ramalho e Silvio Romero, agradeço profundamente pela escuta, pelo incentivo e pela capacidade de transformar os dias difíceis em passos possíveis.

À minha família, registro minha gratidão. Ao meu pai, Elias, por sua presença em diferentes momentos da minha trajetória. E, de modo especial, à memória da minha mãe, Joselma, cuja força, amor e ensinamentos continuam a orientar cada conquista da minha vida.

Por fim, a todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para que eu chegasse até aqui, pessoas, ambientes, oportunidades e experiências que moldaram não apenas este trabalho, mas também quem me tornei, deixo meu sincero reconhecimento.

“Cultural tradition is also a negotiation of power.”

RESUMO

Esta pesquisa examina a construção da imagem de Geoffrey Chaucer como figura central da tradição literária inglesa, partindo de seu contexto histórico no século XIV até sua consagração no século XIX. Ao investigar as condições sociais, políticas e culturais que moldaram sua produção literária na Inglaterra medieval, o trabalho estabelece as bases para compreender como, séculos depois, o medievalismo vitoriano resgatou e reinterpreto Chaucer. Analisa-se como as agendas culturais e ideológicas do período vitoriano transformaram-no em símbolo da identidade nacional e “pai da poesia inglesa”, por meio da atuação de críticos e intelectuais na formação do cânone. A pesquisa também considera o papel do multiculturalismo medieval, o uso do inglês vernáculo e as influências pós-coloniais nesse processo de consagração. Fundamentada em teorias do medievalismo, do nacionalismo cultural e do pós-colonialismo, a dissertação discute como a literatura foi instrumentalizada para reforçar valores identitários e ideológicos tanto na Idade Média quanto na era vitoriana.

Palavras-chave: Geoffrey Chaucer, Medievalismo, Literatura Inglesa, Século XIV, Século XIX, Identidade Cultural.

ABSTRACT

This research examines the construction of Geoffrey Chaucer's image as a central figure in the English literary tradition, tracing his historical context in the fourteenth century through to his consecration in the nineteenth century. By investigating the social, political, and cultural conditions that shaped his literary production in medieval England, the study lays the groundwork for understanding how Victorian medievalism later revived and reinterpreted Chaucer. It analyzes how the cultural and ideological agendas of the Victorian era transformed him into a symbol of national identity and the "father of English poetry," through the efforts of critics and intellectuals involved in shaping the literary canon. The research also considers the role of medieval multiculturalism, the use of vernacular English, and postcolonial influences in this process of canonization. Grounded in theories of medievalism, cultural nationalism, and postcolonialism, the dissertation discusses how literature was instrumentalized to reinforce identity and ideological values in both the Middle Ages and the Victorian period.

Keywords: Geoffrey Chaucer, Medievalism, English Literature, 14th Century, 19th Century, Cultural Identity.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO 1: CHAUCER E O CONTEXTO HISTÓRICO DA LITERATURA MEDIEVAL	21
1.1 PANORAMA LITERÁRIO DA IDADE MÉDIA	21
1.2 GEOFFREY CHAUCER: ENTRE A CORTE E A POESIA	26
1.2.1 A INFLUÊNCIA DA CORTE INGLESA NA VIDA E OBRAS DE CHAUCER	28
1.2.2 HAINAULT E NAVARRA	38
1.2.3 REIMS E CALAIS	40
1.2.4 VIAGENS E CONEXÕES	42
1.3 O CAMINHO PARA CANTUÁRIA	49
CAPÍTULO 2: CHAUCER COMO SÍMBOLO CULTURAL: PERSPECTIVAS	56
PÓS-COLONIAIS	56
2.1 IDENTIDADE, PODER E CULTURA	56
2.2 IDENTIDADE E ALTERIDADE EM “THE CANTERBURY TALES”	64
2.3 O PAPEL DO INGLÊS VERNACULAR NA AFIRMAÇÃO CULTURAL E LITERÁRIA DA INGLATERRA MEDIEVAL	71
2.3.1 O PÚBLICO LEITOR DE CHAUCER	82
CAPÍTULO 3: A REVITALIZAÇÃO DO MEDIEVO E A ASCENSÃO DE CHAUCER NO SÉCULO XIX	86
3.1 MEDIEVALISMO, IDEOLOGIA E IDENTIDADE NO SÉCULO XIX	86
3.1.1 LITERATURA INGLESA EM FOCO	89
3.2 GEOFFREY CHAUCER E A EXPANSÃO CULTURAL INGLESA: O PAPEL DA LITERATURA NO IMPÉRIO INGLÊS	96
3.2.1 EDUCAÇÃO E CULTURA NO CONTEXTO COLONIAL	106
3.3 A FORMAÇÃO DO CÂNONE LITERÁRIO: CHAUCER, SPIVAK E A DESCOLONIZAÇÃO DA LITERATURA INGLESA	110
CONSIDERAÇÕES FINAIS	116
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	121

INTRODUÇÃO

A literatura inglesa, ao longo de sua história, tem desempenhado um papel importante na construção das identidades culturais e ideológicas da Inglaterra, fazendo parte das dinâmicas sociais, políticas e econômicas de cada período histórico. Entre as figuras literárias mais notáveis dessa tradição está Geoffrey Chaucer, frequentemente reconhecido como uma das principais personalidades da literatura inglesa. Seus escritos, especialmente *The Canterbury Tales*, são reconhecidos pelo uso do inglês vernacular e pela representação da sociedade inglesa medieval, tornando uma referência importante para a sua formação do cânone literário ocidental. Contudo, a construção de Chaucer como essa figura significativa na literatura inglesa não ocorreu de maneira espontânea, mas foi, em grande parte, uma construção ideológica e cultural que se estabeleceu nos séculos XIV e XIX, períodos de transformações para a Inglaterra.

O século XIV, sendo o contexto da produção original de Chaucer, oferece uma visão das influências sociopolíticas e linguísticas que moldaram suas obras, como a transição do latim e do francês para o inglês vernáculo, o fortalecimento de certas formas embrionárias de identidade coletiva, e o papel da literatura nesse processo. Embora o conceito moderno de identidade nacional ainda não estivesse plenamente formulado, é possível observar, nesse período, o surgimento de discursos de diferenciação cultural e afirmação do inglês enquanto língua literária — elementos que contribuíram para a posterior construção de uma ideia de nação. O século XIV é fundamental, pois marca o período de vida e produção literária de Chaucer, sendo a época em que ele consolidou sua posição como um dos principais poetas da literatura inglesa.

O século XIX, por sua vez, foi um momento significativo para a reinterpretação e promoção da obra de Chaucer. Durante esse período, houve um esforço editorial para preservar e dar nova forma às suas obras, e as edições críticas de figuras como Frederick J. Furnivall (1825 –1910) se destacou na preservação de seu legado. A abordagem do século XIX permite entender como o contexto histórico e social desse período, incluindo os movimentos de valorização do nacionalismo e da identidade cultural inglesa, influenciou a maneira como a obra de Chaucer foi recebida e posicionada no cânone literário ocidental. A análise das modificações editoriais e das representações culturais nesse período proporciona uma compreensão do processo de construção de uma figura literária e da sua adaptação às necessidades e valores da época.

O século XIX foi um período de reavivamento do interesse pelo passado medieval, por uma nostalgia idealizada, que se manifestou de diversas formas na literatura, na arquitetura e nas artes. Esse movimento não se limitava a um simples fascínio pelo passado, mas representava uma busca por valores e identidades culturais coesas que pareciam perdidos em meio às mudanças sociais e ao impacto das expansões coloniais. Chaucer, com sua conexão com a Idade Média e sua reputação como um cronista das complexidades sociais e políticas do seu tempo, foi progressivamente

reinterpretado como uma figura emblemática nesse processo de reconexão com o passado. No contexto vitoriano, suas obras passaram a ser lidas e utilizadas em chave ideológica, de forma a projetar nele a imagem de um intelectual e símbolo de uma suposta identidade nacional inglesa, em consonância com as exigências culturais e políticas do imperialismo. Este estudo busca analisar como essa construção de Chaucer foi moldada e como ele passou a ser utilizado em diferentes agendas culturais, particularmente aquelas relacionadas ao medievalismo e ao pós-colonialismo.

Para traçar a linha de pensamento para esse trabalho, a interseção entre pós-colonialismo e medievalismo oferece uma perspectiva crítica essencial para compreender a construção da imagem de Geoffrey Chaucer. Como observa Altschul (2008), o pós-colonialismo propõe uma crítica à construção hegemônica da história literária, enquanto autores como Biddick e Scott (1998) demonstram como o medievalismo serve à reinscrição ideológica do passado em discursos contemporâneos. Juntas, essas abordagens permitem explorar não apenas como Chaucer foi apropriado pela Inglaterra vitoriana, mas também como essa apropriação moldou a forma como ele é lido e estudado até hoje. Este quadro teórico ilumina a complexidade do legado de Chaucer, e também contribui para debates mais amplos sobre a relação entre literatura, poder e identidade cultural.

A importância desta pesquisa está em revelar como a construção da imagem de Chaucer serve como uma perspectiva para compreender de que maneira as literaturas e as figuras literárias são utilizadas como ferramentas em diferentes contextos históricos. Chaucer foi exaltado como o autor medieval por excelência, representando a essência de uma Inglaterra medieval idealizada. Obras como *The Canterbury Tales* foram amplamente celebradas por sua suposta autenticidade e universalidade, mas as complexas influências políticas e culturais que moldaram sua criação permaneceram, por muito tempo, negligenciadas.

Nesse contexto, o medievalismo funcionou como um poderoso instrumento ideológico, não apenas mascarando as desigualdades sociais e culturais do período medieval e da era vitoriana, mas também estabelecendo uma narrativa seletiva do passado. A literatura medieval, incluindo a obra de Chaucer, foi apropriada para reforçar noções de pureza cultural e continuidade histórica, minimizando o impacto das influências externas e ignorando o dinamismo multicultural do período. Assim, enquanto celebrava o passado, o medievalismo silenciava e marginalizava aqueles que não se encaixavam na visão dominante de identidade inglesa, promovendo uma visão limitada e hegemônica da história cultural.

Um dos desafios centrais deste estudo é analisar como a imagem de Geoffrey Chaucer foi gradualmente reinterpretada. Essa construção de sua imagem foi fortemente influenciada por fatores como o multiculturalismo da Inglaterra, o legado colonial e as necessidades ideológicas da Inglaterra. Nesse sentido, é pertinente questionar de que maneira estratégias culturais e literárias

contribuíram para tornar Chaucer uma figura de relevância universal e como essas estratégias refletem as demandas políticas e culturais da Inglaterra.

Com base nesse panorama, o objetivo principal deste estudo é investigar as estratégias que consolidaram Geoffrey Chaucer como o "pai da poesia inglesa", durante o período que se sucedeu após sua morte, final do século XIV e início da era moderna no século XV, além de situar sua posição como cânone no contexto das dinâmicas culturais e políticas vitorianas do século XIX. Pretende-se examinar como o medievalismo, em diálogo com o pós-colonialismo, moldou a representação de Chaucer como um ícone literário. O estudo buscará explorar o papel dos primeiros chaucerianos e de seus sucessores durante as décadas de 1800 no processo de construção de sua imagem, destacando como essas iniciativas responderam às complexas tensões de uma Inglaterra multicultural e colonial.

Chaucer foi celebrado como uma figura literária singular. Desde os primeiros elogios de contemporâneos como Eustache Deschamps (1340 – 1410) e John Gower (c. 1340 – 1408), sua produção foi associada tanto a uma genialidade inerente quanto a adaptação de suas obras em dialogar com diversos contextos históricos e sociais. Embora esses elogios não tivessem inicialmente uma função biográfica rigorosa, eles forneceram os alicerces para as biografias subsequentes, ajudando a construir, ainda no período medieval, uma representação de Chaucer como um ideal coletivo — o nobre patriarca e pioneiro da língua inglesa. Essa construção simbólica viria a ser basilar na formação de sua imagem canônica.

Essa imagem de Chaucer, inicialmente delineada por seus contemporâneos e sucessores imediatos, foi decisiva para sua recepção. A diversidade temática e estilística de suas obras possibilitou sucessivas releituras e apropriações por diferentes autores. Em *The Canterbury Tales*, o poeta apresenta uma variedade de personagens que representam distintos estratos sociais e origens geográficas. O comportamento e a construção narrativa de cada figura são condicionados por seu status social, com personagens como o Cavaleiro e o Pároco associados a valores como altruísmo e responsabilidade, enquanto aqueles de camadas menos privilegiadas exploram temas provocativos, satíricos e, em alguns casos, subversivos. Além disso, Chaucer introduz representações de personagens estrangeiros, especialmente do Oriente, frequentemente caracterizados de forma ambígua ou vinculados a estereótipos de agressividade. Suas narrativas, portanto, evidenciam as dinâmicas culturais e ideológicas de sua época e forneceram elementos para sua posterior idealização como símbolo da Inglaterra medieval.

David Wallace, em *Chaucerian Polity: Absolutist Lineages and Associational Forms in England and Italy* (1997), argumenta que as obras de Chaucer foram instrumentais para a construção dessa tradição literária nacional durante o período imperialista inglês. Wallace explora como os textos chaucerianos foram mobilizados para promover uma identidade nacional e uma

noção de superioridade cultural inglesa, especialmente em relação à França. Segundo o autor, as obras de Chaucer foram apresentadas como provas das realizações culturais e intelectuais da Inglaterra, contribuindo para a formulação de um cânone literário que definiu a identidade inglesa e justificou a hegemonia cultural da metrópole.

O resgate de elementos do passado medieval pela Inglaterra não apenas contribuiu para o fortalecimento de um imaginário de continuidade cultural que legitimava tanto a identidade inglesa quanto a expansão imperialista, que também viabilizou a exportação de valores culturais que legitimavam a supremacia da metrópole sobre suas colônias. Esse processo de construção cultural, entretanto, não se limita às relações entre a metrópole e suas colônias ultramarinas, mas inclui também formas internas de colonização cultural e social.

A formação de Chaucer como um cânone literário emerge, assim, como um processo dinâmico e multifacetado, no qual fatores intrínsecos às obras literárias interagem com contextos históricos, sociais e culturais específicos. Reconhece-se, atualmente, que a constituição dos cânones é moldada por aspectos históricos, sociais e culturais dominantes em cada época, refletindo não apenas critérios estéticos, mas também ideologias de poder. Esse processo hierarquiza determinadas obras e autores, ao mesmo tempo em que marginaliza outros, refletindo preconceitos culturais, políticos e sociais. Nesse processo, o cânone literário torna-se não apenas um repositório de obras "exemplares", mas também um instrumento de legitimação das ideologias que o sustentam.

O estudo biográfico de Chaucer é amplamente documentado, contando com trabalhos como *The Riverside Chaucer*, organizado por Larry Benson (1987), e as contribuições de Derek Brewer (1978) em *Geoffrey Chaucer: The Critical Heritage*, volumes 1 e 2. Brewer reúne uma vasta gama de críticas e interpretações sobre Chaucer que nos expõem os diversos estudiosos que o enaltecem e contribuíram para este processo histórico de construção de Chaucer como o "pai da literatura inglesa", título que começou a ser consolidado no século XVII. Caroline Spurgeon (1902), em *500 Anos de Crítica e Alusão a Chaucer*, também contribui significativamente ao compilar a evolução crítica da obra do autor ao longo dos séculos. Esses trabalhos evidenciam como a figura de Chaucer foi moldada por diferentes conveniências históricas e ideológicas, criando a impressão de que pouco resta a ser descoberto sobre sua obra.

Tais livros trazem as diversas maneiras pelas quais o autor e seus textos foram descritos, interpretados e aclamados ao longo de diferentes períodos históricos. Embora ricas em comentários e análises, a abundância dessas interpretações e a tendência de reiterar perspectivas já consolidadas podem dificultar a emergência de novas leituras. No entanto, é com a intenção de superar essas limitações que esta pesquisa é conduzida, reconhecendo tanto as incertezas quanto às oportunidades que os estudos sobre Chaucer oferecem.

Reconhecer a seletividade e a subjetividade presentes em qualquer tentativa de reconstrução da história de Geoffrey Chaucer, inclusive na abordagem adotada nesta pesquisa, constitui um ponto de partida indispensável. Ainda que as análises propostas busquem iluminar aspectos persistentes e desafiadores de sua trajetória, não se pretende oferecer uma narrativa definitiva. A investigação evidencia lacunas, ambiguidades e contradições que marcam tanto a vida quanto a recepção de sua obra. Nesse sentido, Chaucer deve ser entendido como uma figura em constante reconfiguração, cujos textos continuam a gerar novas interpretações e questionamentos.

Essa abordagem demanda uma análise crítica das evidências textuais disponíveis, partindo do princípio de que toda leitura é condicionada pelas circunstâncias históricas e culturais tanto do autor quanto do leitor. Cada época, com suas prioridades e paradigmas, moldou de forma particular a imagem do poeta. Portanto, reavaliar as interpretações consolidadas não apenas amplia o entendimento sobre o autor, mas também indicam como seus textos dialogam com diferentes contextos ao longo do tempo. Ao propor essa reinterpretação, esta pesquisa busca oferecer um olhar renovado sobre Chaucer, explorando a relevância de suas obras nos debates contemporâneos.

Esta pesquisa será conduzida a partir de uma abordagem que articula análise literária, histórica e cultural, com o objetivo de investigar *The Canterbury Tales*, de Geoffrey Chaucer, como obra literária e artefato cultural cuja recepção e interpretação têm se transformado ao longo dos séculos. O estudo buscará situar o texto em seu contexto histórico, social e político do século XIV, examinando as dinâmicas linguísticas e culturais que moldaram sua produção e circulação, enquanto também analisa sua inserção no debate sobre identidade e cultura inglesas. Além disso, será realizada uma revisão de textos biográficos e edições acadêmicas que têm contribuído para a construção da imagem de Chaucer como figura central do cânone literário inglês.

A metodologia adotada neste estudo combina revisão bibliográfica, análise textual e a aplicação de teorias como medievalismo e pós-colonialismo. Nesse quadro, a pesquisa se concentra nas contribuições dos primeiros "chaucerianos" — estudiosos e editores como Thomas Tyrwhitt, William Godwin e Frederick J. Furnivall — cujas ações foram fundamentais para consolidar Chaucer como um ícone literário. Os textos que celebraram Chaucer como símbolo de uma identidade inglesa em ascensão também o posiciona como representante de uma tradição literária apropriada pelo imperialismo do século XIX. Dessa forma, a análise também dedica atenção especial aos prefácios, biografias e adaptações produzidos durante o período vitoriano, com o objetivo de identificar como o medievalismo vitoriano se apropriou da figura de Chaucer para construir narrativas de identidade cultural, particularmente no contexto do império inglês.

Uma parte significativa da análise textual será dedicada aos temas, personagens e estruturas narrativas de *The Canterbury Tales*, avaliando como esses elementos dialogam com as tensões sociais e culturais da época. Chaucer viveu em um período de mudanças linguísticas, com a

ascensão do inglês vernáculo em substituição ao latim e ao francês, além de transformações políticas e religiosas significativas. Considerar essas influências é essencial para compreender o alcance cultural de *The Canterbury Tales* e sua permanência na tradição literária..

Entre os documentos analisados, destaca-se as edições críticas organizadas por Frederick J. Furnivall (1825 – 1910) que representou um marco no redescobrimento do autor. Também serão examinados os escritos de Thomas Hoccleve em *The Regement of Princes* de 1410 e John Lydgate em *Lydgate's Troy Book* de 1412 . Esses escritores compartilharam um ambiente cultural que contribuiu para a consolidação da tradição literária inglesa. Ademais, a análise das percepções de Chaucer por seus sucessores, como John Lydgate em *A Commendacion of Chauceres*, parte de sua obra *The Life of Our Lady*, publicada em 1484, também oferece uma compreensão mais ampla de como sua obra foi tratada ao longo do tempo.

A estrutura deste trabalho está organizada em três capítulos, cada um voltado para aspectos específicos da construção da imagem de Geoffrey Chaucer e de sua obra. O primeiro capítulo, "Chaucer e o Contexto Histórico da Literatura Medieval", busca situar o autor e sua produção literária no cenário cultural, social e político da Inglaterra medieval, apresentando um panorama que serve como alicerce para as análises desenvolvidas nos capítulos seguintes.

Este capítulo é estruturado em três eixos principais, começando com a definição da literatura medieval e seu papel enquanto instrumento cultural, destacando a importância da escrita no século XIV. A literatura será analisada sob a ótica de sua função na formação de identidades culturais, abordando como ela serve como meio de expressão estética e política, impactando tanto o indivíduo quanto o coletivo. A partir dessa perspectiva, examina-se a forma como a produção literária de Geoffrey Chaucer interage com essas dinâmicas, levando em consideração os processos históricos que influenciaram sua escrita e sua recepção.

Será também apresentada uma biografia do autor, com foco em sua atuação na corte e suas relações com figuras influentes da política inglesa. Além disso, a análise incluirá suas principais obras, com destaque para *The Canterbury Tales*, no contexto da consolidação do inglês como língua literária. A literatura medieval, longe de ser apenas uma forma de entretenimento, tinha um papel ideológico importante, contribuindo para a construção da identidade nacional, especialmente no caso de Chaucer, que, ao escrever em inglês vernáculo, fortaleceu a língua como veículo literário em um cenário onde o francês e o latim predominavam nas esferas acadêmicas e nobres. *The Canterbury Tales*, portanto, ilustra as tensões linguísticas e culturais presentes na Inglaterra medieval.

O texto também explora a vida de Chaucer, enfatizando sua experiência no comércio e na corte real, elementos que influenciaram sua visão social e política. Proveniente de um ambiente mercantil, Chaucer teve contato com diversas culturas e tradições, o que enriqueceu sua produção

literária. Sua atuação como diplomata e suas viagens pela Europa ampliaram seu repertório cultural, refletido nas obras que são um produto das interações entre as tradições locais e influências externas. Dessa forma, a obra de Chaucer não apenas narra as complexidades da sociedade medieval, mas também é moldada pelas dinâmicas culturais e intelectuais da época.

O segundo capítulo, *“Chaucer como Símbolo Cultural: Perspectivas Pós-Coloniais”*, examina a aplicação das teorias pós-coloniais ao estudo da literatura medieval, especificamente à obra de Geoffrey Chaucer, analisando como as dinâmicas de poder, identidade e alteridade presentes no período medieval podem ser compreendidas à luz dessas teorias. A partir da década de 1990, os estudiosos passaram a investigar como as relações de poder e as ideologias imperialistas influenciaram a cultura medieval, com ênfase na construção de identidades e no surgimento de uma identidade cultural durante esse período.

Estruturado em três seções, o capítulo mobiliza conceitos dos estudiosos pós-coloniais, como Jeffrey Jerome Cohen (2000), Suzanne Conklin Akbari (2009) e Manuela Zehnter (2015). A análise investiga de que modo discursos sobre identidade cultural influenciaram a recepção da obra de Chaucer, associando sua escrita ao fortalecimento da identidade inglesa na transição para a modernidade e considerando sua inserção em um contexto global, no qual interações transcontinentais desempenharam papel significativo.

Além disso, o impacto das trocas culturais entre a Europa e o Oriente é examinado como fator que contribuiu para a complexidade das narrativas de Chaucer, permitindo que sua obra dialogasse com os anseios de uma Inglaterra em processo de definição identitária. Nesse sentido, Chaucer é abordado como um autor cujas referências literárias extrapolam os limites nacionais, incorporando elementos provenientes de diversas tradições linguísticas e culturais. A investigação destaca como as interações culturais moldaram a construção da escrita de Chaucer, evidenciando como essas influências foram, em muitos casos, minimizadas ou disfarçadas, dando predominância às influências europeias. A análise também aponta como o uso de discursos que reforçam estereótipos e preconceitos em suas obras contribuiu para a idealização de Chaucer como um representante exclusivo da cultura inglesa. Essa estratégia de seleção e ênfase em elementos europeus e ingleses favoreceu sua recepção como uma figura central na construção da identidade cultural inglesa, enquanto outras influências foram apagadas ou relegadas a um segundo plano.

A terceira seção aborda o papel do inglês vernáculo na formação de uma identidade nacional inglesa, particularmente em seu confronto com a predominância do francês e do latim. No século XIV, o inglês, inicialmente vinculado às classes populares, começou a ser reconhecido como uma língua literária, em sintonia com mudanças políticas e sociais, como a Guerra dos Cem Anos (1337–1453) e o fortalecimento do nacionalismo. A coexistência de diversas línguas — o latim, usado na administração e pelo clero; o francês, associado à nobreza; e o inglês, progressivamente

valorizado como idioma literário — contextualizam esse processo de afirmação cultural. Nesse sentido, esta seção examina a atuação dos primeiros editores e estudiosos, os primeiros "chaucerianos", responsáveis pela preservação e promoção da obra de Geoffrey Chaucer. O capítulo, assim, oferece uma análise da recepção póstuma de Chaucer, não apenas como poeta, mas também como uma construção cultural que reflete as tensões políticas, sociais e ideológicas de seu tempo e das gerações seguintes.

O terceiro capítulo, "A Revitalização do Medievo e a Ascensão de Chaucer no Século XIX", explora o contexto inglês do período vitoriano, um período caracterizado pela intensa busca por uma identidade nacional, conhecida como "*Englishness*". Será abordado as motivações dos ingleses para a reavivação do medievo e sua influência na construção da imagem de Geoffrey Chaucer, analisando de que maneira esses esforços impactaram a recepção de sua obra e sua relevância no contexto do Imperialismo Inglês. Essa análise articula as iniciativas vitorianas para resgatar o medievo com o estabelecimento de Chaucer como uma figura central no cânone literário, demonstrando as diversas camadas que sustentam o legado de Chaucer até os dias atuais.

O capítulo está estruturado em três seções, que abordam, respectivamente, as razões culturais e políticas para a idealização do medievo na era vitoriana, as táticas empregadas para consolidar Chaucer como figura central do cânone literário inglês e as implicações desse processo para o estudo da literatura e da história cultural na contemporaneidade.

A primeira seção, a fim de compreender como o medievo foi instrumentalizado para reforçar a hegemonia imperial inglesa, examina o conceito de medievalismo, analisando suas manifestações na literatura, arquitetura e nas artes durante o período vitoriano. Em um período de acelerada industrialização e profundas mudanças sociais, a sociedade vitoriana buscou no passado medieval uma forma de resistência simbólica, idealizando-o como um modelo de estabilidade, autenticidade e valores atemporais. Esse anseio por um retorno à Idade Média, frequentemente permeado por uma forte carga romântica, foi uma estratégia cultural usada para consolidar as tradições e legitimar o poder imperial inglês..

Nesse cenário, a Idade Média, reinterpretada como um período de autenticidade cultural, foi utilizada como uma ferramenta ideológica para estabelecer uma continuidade histórica entre as tradições medievais e a expansão imperial. Ao mesmo tempo, o "medieval" se transformou em uma narrativa de identidade inglesa, construída em oposição ao "Outro", ou seja, as culturas colonizadas, que eram frequentemente representadas como primitivas e exóticas.

Esse processo de idealização do medievo alimentou a retórica de superioridade cultural que sustentava a dominação imperial. A busca por uma identidade cultural genuína, ancorada no passado medieval, emergiu como uma resposta simbólica às pressões do colonialismo, ao mesmo tempo em que reforçava a percepção de uma Inglaterra superior. O medievalismo, portanto,

funcionou não apenas como um recurso para lidar com as transformações internas da sociedade vitoriana, mas também como um meio de consolidar a posição de poder da Inglaterra no cenário global, validando sua expansão imperial por meio da construção de um imaginário cultural marcado pela superioridade e continuidade histórica.

Em meio a um processo de modernização acelerada e com uma presença crescente no contexto colonial, a Inglaterra vitoriana encontrou no medievalismo uma alternativa simbólica para enfrentar as incertezas do presente. A idealização da Idade Média, com suas imagens de ordem, estabilidade e coesão, representou uma tentativa de reafirmar uma identidade em face das rápidas transformações internas e externas. Assim, o medievalismo tornou-se uma ferramenta não apenas estética, mas também ideológica, consolidando um sentimento de continuidade histórica. Ao ser reinterpretado como um período de valores imutáveis, o medievo passou a ser visto como um modelo de referência em tempos de mudança, fornecendo uma âncora cultural em meio às tensões sociais e políticas da modernidade.

A segunda seção concentra-se na análise das motivações e estratégias utilizadas pelos ingleses do século XIX para estabelecer Geoffrey Chaucer como um ícone da tradição literária inglesa. Por meio de edições críticas, prefácios elogiosos e adaptações voltadas ao grande público, Chaucer foi elevado à posição de modelo de excelência literária, consolidando sua imagem como símbolo da herança cultural inglesa. Nesse processo, a figura de Frederick James Furnivall se destaca. Furnivall dedicou grande parte de sua carreira à publicação de textos em inglês antigo e médio, com ênfase nas obras de Chaucer.

Em 1864, ele fundou a Early English Text Society (EETS), com o objetivo de tornar os textos medievais acessíveis a um público mais amplo, tanto na Inglaterra quanto nas colônias inglesas. A fundação da Chaucer Society, em 1868, complementou essa iniciativa, visando não apenas preservar e difundir as obras de Chaucer, mas também fortalecer a ligação entre os leitores vitorianos e sua herança literária. Esse esforço pode ser interpretado como parte de um projeto nacionalista, que buscava afirmar a continuidade da identidade cultural inglesa e reforçar o vínculo com o passado medieval como forma de legitimar a posição da Inglaterra no cenário global.

A análise aborda o papel das biografias e prefácios, que desempenharam um papel relevante na ampliação da visibilidade e do prestígio de Chaucer. Ao revisitar sua figura, intelectuais vitorianos reforçaram a ideia de continuidade cultural entre o passado medieval e o presente, destacando valores de autenticidade e identidade inglesa. Essa reinterpretação não apenas consolidou a posição de Chaucer como uma figura proeminente na literatura inglesa, mas também teve um impacto significativo nas ideologias vitorianas relacionadas ao progresso e à continuidade.

A estratégia de posicionar Chaucer como modelo de virtude literária e moral ajudou a consolidar a imagem de uma Inglaterra com uma longa tradição cultural e intelectual. Assim, as

iniciativas vitorianas em torno de Chaucer não só contribuíram para sua inserção no cânone literário, mas também desempenharam um papel na construção de uma identidade nacional, centrada na valorização do passado medieval. Esse movimento estabeleceu uma conexão entre a tradição literária inglesa, o império colonial e a ideia de continuidade histórica da nação.

A seção final examina as influências das abordagens imperialistas na canonização de Geoffrey Chaucer e na construção do cânone literário ocidental. A análise aborda como Chaucer foi incorporado a esse cânone, levando em consideração perspectivas pós-coloniais e anti-imperialistas, que contestam as narrativas predominantes e desafiam as forças culturais que sustentam sua centralidade. O foco recai sobre as implicações dessas abordagens na leitura e interpretação das obras de Chaucer na contemporaneidade, além de discutir o papel da literatura na formação das tradições literárias globais e na construção de uma identidade cultural dominante.

Em conclusão, esta pesquisa visa analisar as diversas dimensões da literatura de Geoffrey Chaucer, investigando como sua obra e imagem foram recebidas, reinterpretadas e promovidas ao longo dos séculos. Através da análise de seu contexto histórico, das estratégias de seus primeiros estudiosos e editores, e do impacto das campanhas vitorianas de revivalismo medieval, busca-se compreender o processo que consolidou Chaucer como uma figura central no cânone literário ocidental. Além disso, a pesquisa propõe situar sua obra como um meio de compreender as dinâmicas culturais, sociais e políticas de sua época, ao mesmo tempo em que examina os desdobramentos dessa construção literária nos tempos contemporâneos.

CAPÍTULO 1: CHAUCER E O CONTEXTO HISTÓRICO DA LITERATURA MEDIEVAL

1.1 PANORAMA LITERÁRIO DA IDADE MÉDIA

A literatura, em sua essência, transcende o mero registro de ideias e narrativas, assumindo um papel ativo na formação de identidades culturais e nacionais. Durante o final da Idade Média, um período marcado por transformações políticas, linguísticas e culturais significativas, a literatura tem um lugar importante na consolidação de uma identidade cultural inglesa ainda em construção. Geoffrey Chaucer, frequentemente reconhecido como o "pai da poesia inglesa", ocupa uma posição central nesse contexto, especialmente por meio de sua obra *The Canterbury Tales*. Dessa forma, ao investigar a contribuição do poeta para a consolidação de uma identidade cultural inglesa, torna-se necessário integrar uma perspectiva histórica à análise literária.

Além de registrar histórias, a literatura funcionava como um instrumento de expressão ideológica e afirmação cultural. Alguns autores, como Geoffrey Chaucer, foram fundamentais nesse processo, uma vez que suas obras traziam uma percepção de uma identidade coletiva. Sua contribuição torna-se evidente à medida que analisamos suas produções por seus contemporâneos, o uso pioneiro do inglês vernáculo e as implicações desse contexto sob a luz de teorias pós-coloniais e de identidade.

O conceito de literatura, enquanto construção intelectual e cultural, constitui um ponto de partida indispensável para qualquer análise que busque investigar a produção de Geoffrey Chaucer e seu papel na formação de uma identidade cultural inglesa. Nesse aspecto, é relevante considerar as reflexões de Michel Zink (2002), expostas no “Dicionário Temático do Ocidente Medieval”, segundo as quais o termo “literatura”, assim como sua compreensão histórica, é uma construção que transcende os limites de uma época específica. De acordo com o autor, a literatura, enquanto conceito, não emerge na Idade Média, mas se consolida entre os séculos XVII e XVIII, quando adquire o significado de uma produção artística escrita com valor cultural e estético. Entretanto, ao examinarmos a produção literária medieval, percebemos que essa visão limitada do termo desconsidera a complexidade de práticas culturais que integravam tanto o oral quanto o escrito, além de dialogarem com heranças antigas e necessidades sociais.

O termo latino *literatura* referia-se essencialmente ao conhecimento transmitido, relacionado à gramática e à prática da escrita, mais do que à obra literária em si. Autores e estudiosos da época possuíam uma consciência da atividade literária, evidenciada pelas traduções e adaptações de canções de gesta e novelas, que não apenas circulavam pela Europa, mas também refletiam uma convivência dinâmica entre a oralidade e a escrita. Durante grande parte desse período, as obras eram recitadas ou cantadas, e a voz destacava-se na experiência literária, conferindo singularidade à recepção da arte — aspecto central na concepção de literatura medieval,

em que, como lembra Paul Zumthor, a performance vocal era inseparável da realização estética do texto (ZUMTHOR, 1993).

Embora seja necessário reconhecer que formas orais de transmissão exerciam um papel central na cultura literária medieval, a literatura do período não pode ser reduzida exclusivamente à oralidade. Como aponta Michel Zink (2002, p. 448), a circulação de obras literárias ocorria amplamente por meio de canções, recitações e performances, especialmente em ambientes cortesãos e populares, nos quais a voz era elemento constitutivo do artefato literário. No entanto, o texto escrito, longe de ser mero suporte da oralidade, possuía sua própria autoridade e era valorizado como depositário da memória, do saber e da tradição.

A coexistência entre voz e escrita no período medieval ilustra uma dinâmica produtiva, na qual ambas as formas dialogavam e contribuíam para o desenvolvimento da literatura. Embora frequentemente realizasse o papel de suporte, o texto escrito possuía autoridade, funcionando como registro permanente e legitimando narrativas, especialmente no contexto das instituições religiosas e educacionais. A literatura medieval operava em um espaço intermediário entre oralidade e escrita, com a maioria das obras, até o século XIV, sendo cantada ou recitada. O ato de leitura era frequentemente uma performance coletiva, na qual a voz, com suas nuances e tonalidades, integrava a arte literária de modo essencial, conferindo-lhe uma dimensão estética inseparável de sua forma textual.

Ademais, a latinidade medieval possuía um papel hegemônico na produção e transmissão do conhecimento (ZINK, 2002, p.450). As universidades e escolas medievais privilegiavam o latim como a língua da erudição, relegando as literaturas vernáculas a uma posição secundária. Contudo, a partir do Renascimento Carolíngio e, especialmente, entre os séculos XII e XIV, as línguas vernáculas emergiram como veículos literários independentes, inaugurando tradições próprias. A relevância desse fenômeno é fundamental para compreender o desenvolvimento literário de Chaucer. Este movimento desafiou a supremacia do latim e abriu espaço para a construção de identidades culturais regionais, demonstrando a importância da literatura na formação de identidades e no diálogo entre diferentes tradições.

Tais tensões entre a hegemonia do latim e o surgimento das línguas vernáculas marcou profundamente a literatura medieval. Durante séculos, o latim predominou na produção cultural, sendo amplamente utilizado em instituições educacionais e religiosas. Entretanto, o Renascimento Carolíngio promoveu uma revitalização das tradições latinas, que, embora predominantes, passaram a coexistir com o crescente protagonismo das literaturas vernáculas. Esse período de transição ilustra o dinamismo cultural da época, em que diferentes tradições linguísticas e literárias interagiam, evidenciando um processo de transformação gradual.

A expansão das línguas vernáculas, porém, não se desenvolveu de maneira uniforme em toda a Europa. Na Inglaterra normanda, por exemplo, o francês manteve sua posição de destaque até o século XIV, quando o inglês começou a emergir como língua literária significativa. Essa ascensão do inglês demonstra um processo de adaptação e integração cultural, no qual as literaturas vernáculas assumiram um papel cada vez mais relevante. Nesse contexto, a história literária medieval pode ser compreendida como um campo de traduções e adaptações constantes, que testemunham o encontro, a tensão e a fusão entre as culturas latina e vernácula.

Inserido em um contexto de efervescência literária e linguística, Geoffrey Chaucer, com sua obra *The Canterbury Tales*, representa um marco no uso do inglês como língua literária. Em uma época em que o francês normando ainda predominava entre a aristocracia e o latim era a língua dos campos acadêmico e administrativo, a escolha de Chaucer pelo inglês vernáculo adquire contornos políticos e culturais. Mais do que uma decisão estilística, essa opção pode ser lida como um gesto de valorização de um idioma em processo de consolidação e circulação mais ampla.

Dessa forma, ao escrever em inglês, Chaucer contribuiu não apenas para o prestígio literário do idioma, mas também para a articulação de um imaginário coletivo incipiente, que pode ser interpretado como um dos muitos vetores de uma consciência cultural emergente — embora ainda fragmentária — na Inglaterra do século XIV. Nesse contexto, a literatura aparece como meio de circulação de valores, experiências e representações que, mesmo sem configurar uma identidade nacional plenamente consolidada, colaboram para a formação de uma noção cultural de pertencimento.

Ademais, a multiplicidade de vozes de *The Canterbury Tales* – com sua diversidade de personagens, vozes e perspectivas – representa a complexidade social e cultural da Inglaterra medieval. O recurso à narrativa enquadrada permite que Chaucer explore diferentes gêneros literários e estilos discursivos, criando uma obra que é, simultaneamente, um retrato de sua época e uma análise da condição humana. Essa riqueza estilística e temática assegurou a relevância duradoura de Chaucer na tradição literária ocidental, oferecendo um exemplo paradigmático de como a literatura pode representar um espaço de negociação entre o passado e o presente, entre a verdade e a ficção.

Outro elemento distintivo da literatura medieval é sua inclinação alegórica. Embora essa prática tenha sido amplamente difundida na cultura cristã medieval, suas origens remontam à antiguidade pagã, a alegoria ocupava um lugar central, permitindo múltiplas interpretações e explorar significados ocultos e múltiplas de um mesmo texto. Os métodos hermenêuticos medievais, que dividiam os significados em histórico, alegórico, moral e escatológico, ilustram a complexidade com que os textos eram concebidos e lidos. A alegoria, portanto, funcionava como uma estratégia para abordar questões universais e transcendentais, conectando o mundo terreno ao

divino (ZINK, 2002, p. 454). Essa continuidade entre as tradições clássicas e medievais evidencia a capacidade da literatura de transcender fronteiras culturais e temporais, estabelecendo conexões simbólicas entre diferentes períodos históricos.

No contexto cristão, as parábolas de Cristo representam exemplos claros do convite à busca de sentidos profundos que transcendem a narrativa superficial. Essa abordagem foi desenvolvida pelos padres da Igreja, que sistematizaram a interpretação das escrituras em quatro sentidos principais: o literário ou histórico, que se refere à leitura literal do texto; o alegórico, que busca conexões espirituais e verdades religiosas mais amplas; o tropológico ou moral, que propõe lições práticas para a conduta humana; e o anagógico, que aponta para realidades transcendentais e a perspectiva da vida eterna. Este modelo hermenêutico, embora originariamente concebido para a exegese das escrituras sagradas, foi amplamente aplicado a textos pagãos, como os de Virgílio (70 a.C - 19 a.C), que passaram a ser analisados sob essa ótica múltipla (ZINK, 2002, p. 454).

Nesse cenário, os sonhos alegóricos configuram um recurso literário amplamente utilizado na literatura medieval para explorar dimensões simbólicas, morais e espirituais da experiência humana. *The Parliament of Foules* (1381), de Geoffrey Chaucer, insere-se nessa tradição, fazendo uso do sonho como um espaço onde o alegórico e o concreto, o espiritual e o cotidiano, se entrelaçam. Embora não exclusivo de Chaucer, esse recurso adquire em sua obra contornos particulares, articulando influências clássicas e continentais a questões do imaginário político e amoroso de sua época. A alegoria reafirma-se, assim, como um pilar estruturante da literatura medieval, servindo como ponte entre heranças culturais e preocupações contemporâneas.

Em *The Parliament of Foules*, a narrativa inicia-se com o protagonista lendo o *Somnium Scipionis* (*O Sonho de Cipião*), de Cícero, um texto que explora a busca pela virtude e pela compreensão do cosmos. Após a leitura, o protagonista é transportado para um jardim alegórico, onde encontra figuras mitológicas, como Cupido, e o templo de Vênus, até chegar ao parlamento de aves, presidido pela deusa Natureza. Nesse cenário, desenrola-se um debate sobre amor e casamento entre três aves aristocráticas, que disputam o direito de se casar com uma fêmea de alto status. A discussão, marcada pela ausência de uma resolução definitiva, destaca as contradições do amor cortês, enquanto as ações do protagonista sugerem as limitações de uma vida dedicada exclusivamente ao estudo ou aos excessos emocionais.

O poema utiliza os sonhos alegóricos não apenas para explorar significados profundos, mas também para refletir sobre questões universais da condição humana. Seu uso deliberado desse recurso demonstra uma conexão direta com a tradição alegórica, reforçando a centralidade do subentendido e do múltiplo sentido como elementos estruturantes de sua produção literária. Além disso, o poema incorpora alusões jocosas à própria figura do autor e ao ato de composição literária, característica recorrente nas obras de Chaucer.

Assim, *The Parliament of Fowles* exemplifica a literatura medieval como um espaço de intercâmbio entre culturas, tempos e linguagens, fundamentado na alegoria e nas tradições interpretativas herdadas da antiguidade, reafirmando o papel da literatura como um agente ativo na formação de valores, identidades e memórias coletivas.

A literatura medieval, além de suas dimensões linguísticas e alegóricas, apresenta uma profunda conexão com o passado, refletida na escolha de temas e formas narrativas que remetem a períodos históricos ou mitológicos. Obras como as canções de gesta, que evocam o passado carolíngio, e as lendas heróicas germânicas, buscavam resgatar e reafirmar elementos essenciais de uma tradição coletiva em tempos de intensas transformações sociais e culturais. Ao idealizar o passado, a literatura medieval atuava como um instrumento para consolidar valores, reforçar identidades culturais e estabelecer vínculos entre história e presente, entre o real e o mítico. Dessa forma, a literatura possuía grande relevância na construção e preservação de uma visão moral, política e cultural que sustentava as bases da sociedade da época. (ZINK, 2002, p. 451)

A literatura medieval, ao mesmo tempo em que preservava a conexão com o passado, também se envolvia profundamente com as questões contemporâneas. Embora as canções de gesta e as lendas heroicas remetessem a períodos históricos ou míticos, outras formas literárias, como as poesias líricas e as farsas, ofereciam uma visão crítica e bem-humorada das dinâmicas sociais da época. As poesias líricas, por exemplo, celebravam o amor cortês, enquanto as farsas satirizavam os comportamentos humanos, abordando questões da moralidade e da sociedade medieval. Essas manifestações não se limitavam a uma simples revivescência do passado, mas representavam uma interação entre tradição e a realidade social, funcionando como um meio de reflexão sobre o presente, ao mesmo tempo em que preservavam as bases culturais da tradição literária.

A poesia lírica dos trovadores exemplifica esse movimento de inovação dentro da literatura medieval. Ao introduzir temas como o desejo, a aventura e a busca pela perfeição social, essas obras ampliaram os horizontes narrativos da época. A exaltação da cortesia e a celebração do amor cortês não apenas enriqueceram o repertório temático da literatura medieval, mas também representavam uma busca por novos estilos e formas de expressão. Nesse contexto, o passado, com suas influências e modelos, servia de ponto de partida, mas não limitava a capacidade criativa dos autores, permitindo que a literatura medieval fosse ao mesmo tempo conservadora e inovadora (ZINK, 2002, p. 453)

Esse dinamismo é particularmente evidente na obra de Geoffrey Chaucer, que exemplifica de forma marcante a intertextualidade própria da literatura medieval. Chaucer incorporou e reinterpretou modelos clássicos do Ocidente e do Oriente medieval, como as alusões à *Eneida*, de Virgílio (70 a.C - 19 a.C) e pensadores islâmicos, incluindo Avicena (c. 980 – 1037) e Averróis (1126 - 1198). Ao fazer uso de elementos alegóricos e didáticos em suas narrativas, Chaucer não

apenas enriquecia suas histórias, mas também abria um diálogo entre diferentes tradições literárias, unindo o clássico, o medieval e o contemporâneo. Dessa forma, sua obra exemplifica o papel da literatura como mediadora entre várias influências culturais e intelectuais, sendo capaz de reinterpretar e transformar os modelos do passado para abordar as complexidades da sociedade medieval.

Paralelamente, a literatura medieval testemunhou a emergência de um “eu” lírico e poético, particularmente na poesia satírica e moral do século XIII, recurso também bastante explorado por Chaucer. Esse movimento em direção à subjetividade e individualidade marca uma transição importante na literatura, preparando o terreno para o teatro e outras formas de encenação da interioridade. A exploração desse “eu” poético representa uma ampliação do horizonte literário, permitindo que a literatura medieval abordasse não apenas temas universais, mas também experiências pessoais e reflexões íntimas.

Estudar a literatura medieval exige uma compreensão da evolução do conceito de literatura, que se transforma à medida que transita por diferentes tempos e espaços. Nesse processo, a literatura medieval revela-se como uma construção em constante mudança, capaz de incorporar múltiplas perspectivas. A análise da obra de Chaucer à luz das categorias propostas por Zink, como a transição da oralidade para a escrita, a relação entre as línguas vernáculas e o latim, e a construção de narrativas de desejo e identidade, permite compreendê-la como uma representação das dinâmicas culturais e linguísticas da Inglaterra medieval. A literatura medieval, longe de ser um simples registro de ideias ou experiências, representa um campo de constante negociação entre oralidade e escrita, passado e presente, individualidade e coletividade.

Nesse contexto, ela se caracteriza por sua capacidade de absorver e reconfigurar influências, funcionando como um espaço dinâmico de invenção, diálogo e contestação, onde diversas tradições culturais se entrelaçam. A produção literária desse período não apenas representa a sociedade em que foi gerada, mas também contribui ativamente para a construção e disseminação de valores, identidades e memórias coletivas. A obra de Chaucer, inserida nesse contexto, dialoga com as questões de seu tempo e reforça o papel da literatura como mediadora entre as tradições culturais e o pensamento crítico.

1.2 GEOFFREY CHAUCER: ENTRE A CORTE E A POESIA

Este texto busca analisar aspectos da vida de Geoffrey Chaucer e as circunstâncias históricas que moldaram sua trajetória literária. Entre os momentos mais significativos, destacam-se sua experiência no comércio, que lhe proporcionou uma compreensão das dinâmicas sociais e

econômicas de sua época; seu trabalho e viagens como diplomata na corte inglesa, patrocinado por figuras como Eduardo III, João de Gante e Ricardo II, que o conectou aos círculos de poder e influenciou sua visão política e cultural.

A classe mercantil urbana da Inglaterra teve uma influência profunda na valorização dos livros e do aprendizado durante o período em que Chaucer crescia. No início da década de 1340, a crescente riqueza e o status dos comerciantes londrinos fomentaram uma cultura de alfabetização e apreciação dos livros, que passaram a ser vistos não apenas como ferramentas religiosas ou educacionais, mas também como símbolos de prestígio e status social. Essa mudança de atitude é evidente na disposição dos comerciantes em investir em livros, que eram considerados commodities valiosas, capazes de refletir sua posição social elevada (TURNER, 2020, p. 39).

O florescimento dessa classe mercantil foi sustentado pelo desenvolvimento de uma burocracia crescente e pela criação de classes de escriturários, o que aumentou a demanda por registros escritos e documentação. Como resultado, a taxa de alfabetização entre a população urbana aumentou, à medida que os comerciantes e suas famílias buscavam se envolver com textos tanto para fins práticos quanto devocionais. A presença de livros em suas casas indicava uma apreciação cultural pelo aprendizado e pelas artes, além de um desejo de participar da vida intelectual da comunidade (TURNER, 2020, p. 39).

Adicionalmente, o ambiente urbano da Inglaterra, com seu comércio dinâmico, criou um mercado robusto para os livros, integrando-os ainda mais à vida cotidiana e elevando seu status como posses valorizadas entre os ricos. Isso ajudou a cimentar o lugar dos livros e do aprendizado na cultura mercantil da Inglaterra, influenciando a forma como a literatura de Chaucer foi percebida e apreciada tanto por seus contemporâneos quanto pelas gerações seguintes (TURNER, 2020, p. 39).

Geoffrey Chaucer nasceu por volta de 1340 em Vintry Ward, Londres, uma área da cidade conhecida por sua forte atividade mercantil, dominada por comerciantes de vinhos e caracterizada pela presença de uma população imigrante significativa. Filho de um próspero comerciante de vinhos que também serviu como mordomo para o rei Eduardo III, Chaucer cresceu em um ambiente marcado pelo comércio e pelas interações internacionais. A proximidade de sua casa ao rio Tâmesa, um importante eixo de comércio, expôs Chaucer desde cedo a um fluxo constante de mercadorias e influências culturais de várias partes do mundo. Essa exposição a diferentes culturas e produtos durante sua infância foram de grande importância para a formação de sua visão de mundo e, mais tarde, em sua produção literária, conferindo-lhe uma perspectiva cosmopolita que se refletiu em suas obras.

Ao longo de sua vida, Chaucer navegou com habilidade pelos intrincados meandros da política e das relações sociais da corte inglesa. Suas experiências pessoais e profissionais moldaram

profundamente sua visão de mundo, o que se refletiu em sua obra literária, rica em observações sociais e psicológicas. Ao explorar esses aspectos da vida de Chaucer, podemos obter uma compreensão mais rica de como o contexto mercantil e sua carreira na corte moldaram não apenas a forma e o conteúdo de sua obra, mas também a maneira como ela foi interpretada e valorizada ao longo dos séculos.

1.2.1 A INFLUÊNCIA DA CORTE INGLESA NA VIDA E OBRAS DE CHAUCER

A corte inglesa do século XIV exerceu uma influência marcante nas obras do poeta, tanto no conteúdo quanto na forma de sua escrita. As dinâmicas sociais e culturais daquele período foram fundamentais para o desenvolvimento de sua produção literária. O que refletiu diretamente nos temas e personagens que ele explorou. A sociedade inglesa do período era hierarquizada, com uma pequena elite no topo, composta por figuras eclesiásticas e civis de grande poder e influência. Abaixo dessa elite, encontrava-se uma ampla diversidade de classes sociais, incluindo trabalhadores agrícolas, membros das ordens eclesiásticas, escudeiros e os habitantes das crescentes áreas urbanas. Essa estrutura social estratificada também é frequentemente refletida nas obras de Chaucer, que explorava as interações entre essas diferentes camadas da sociedade (STROHM, 2003, p. 1).

A carreira de Geoffrey Chaucer na corte teve início em 1357, quando foi nomeado pajem na casa de Elizabeth de Burgh, condessa de Ulster, esposa do príncipe Lionel de Antuérpia, filho do rei Eduardo III. Esse cargo marcou o início de uma longa trajetória de serviço à Coroa Inglesa. Ao longo de sua vida, Chaucer ocupou uma série de funções administrativas e diplomáticas, incluindo o cargo de controlador da alfândega do porto de Londres, além de ser designado para diversas missões diplomáticas no continente europeu. Diferente de mercenários que atuavam sob contratos temporários para senhores diversos, Chaucer integrava de forma contínua a estrutura oficial da monarquia, o que lhe conferia estabilidade e acesso a redes de poder político e cultural. Esse ambiente de corte era profundamente cosmopolita, frequentado por indivíduos de diferentes regiões e culturas, o que contribuiu para a formação do olhar multifacetado e crítico que perpassa sua obra literária.

Chaucer viveu em um meio caracterizado por conexões globais e trocas culturais. As grandes famílias nobres que o apoiaram ao longo de sua vida foram formadas por pessoas provenientes de diferentes localidades e tradições. Essas famílias eram multilíngues, itinerantes e profundamente envolvidas em vastas redes de comércio e alianças políticas. Além disso, seus líderes eram patronos das artes e da literatura, apoiando poetas e artistas de toda a Europa. Os casamentos entre membros dessas famílias frequentemente envolviam significativas trocas

culturais, contribuindo para um ambiente de riqueza intelectual e diversidade cultural que certamente influenciou a produção literária de Chaucer.

Esse contexto na corte, cercado por uma elite que valorizava a arte e a literatura, permitiu a ele não apenas acesso a uma vasta gama de influências literárias, mas também uma percepção aguçada das complexas dinâmicas sociais e políticas de seu tempo. Essa rica pluralidade social e cultural é claramente refletida em suas obras, que capturam a diversidade e a complexidade da sociedade inglesa medieval.

A posição de Geoffrey Chaucer na corte real foi fundamental não apenas para seu status social, mas também para sua subsistência, uma vez que ele não dispunha das seguranças financeiras que vinham com a posse de terras e aluguéis, privilégios típicos dos aristocratas de mais alta estirpe. Em vez disso, sua carreira no serviço real era essencial para garantir sua posição social e sustento. Portanto, os cargos que Chaucer ocupou ao longo de sua vida não refletiam apenas seu gosto pela política ou a extensão de suas capacidades, mas também uma necessidade prática para assegurar sua qualidade de vida e a estabilidade de sua posição dentro da sociedade inglesa (STROHM, 2003, p. 4).

Desde muito jovem, Chaucer esteve profundamente envolvido com a corte real, iniciando seu treinamento na casa do Príncipe Lionel, um dos filhos mais jovens de Eduardo III. Essa formação no seio de uma família nobre e influente teve um impacto profundo e duradouro em suas obras literárias, permitindo-lhe uma compreensão íntima dos costumes, valores e intrincadas relações que caracterizavam a vida aristocrática da época. Crescendo em um ambiente relativamente privilegiado, Chaucer desenvolveu um olhar aguçado para as dinâmicas sociais, o que se refletiu em sua capacidade de retratar, com verossimilhança, as vidas e comportamentos das várias classes sociais em suas obras, especialmente em *The Canterbury Tales*. Nesta obra, ele explora uma ampla gama de personagens de diferentes estratos sociais, oferecendo uma visão da sociedade medieval.

A vida em um lar de corte proporcionou a Chaucer acesso a uma educação informal nas artes e na etiqueta, além de uma educação nas artes do entretenimento e da interação social desde muito novo. Esses conhecimentos eram indispensáveis para um jovem em um ambiente de cortesão. Chaucer muitas vezes também ocupava o papel de observador atento e um participante ativo das atividades cortesãs. A convivência diária com a elite da sociedade, observando suas interações e aprendendo os códigos de conduta da corte, permitiu a Chaucer desenvolver sua persona poética, onde ele frequentemente adota o papel de um narrador que comenta sobre as ações, motivações e contradições das pessoas ao seu redor.

Essa criação e sua percepção, adquirida desde cedo, se manifestou de forma em sua maneira de satirizar e criticar as normas e comportamentos sociais em suas obras literárias. Sua poesia

possui observações sociais e críticas furtivas, revelando certa compreensão das relações humanas e das estruturas de poder. Em suas visões oníricas e contos, Chaucer explora com profundidade as complexidades do comportamento humano, mostrando as nuances das interações sociais e as tensões entre diferentes classes e indivíduos. A vida na corte, portanto, não apenas forneceu a Chaucer os meios para viver, mas também alimentou sua imaginação e ofereceu-lhe um repertório de temas e personagens.

Ao ser introduzido em um lar aristocrático, Chaucer foi confrontado com a complexidade das interações sociais e hierárquicas da corte. Esse novo ambiente, com suas rígidas expectativas e responsabilidades, moldou profundamente sua identidade e perspectiva. Chaucer foi exposto a um mundo onde cada gesto, palavra e atitude eram cuidadosamente observados e julgados, e onde as intrigas políticas e sociais eram comuns. É perceptível em seus textos como essas experiências enriqueceram sua compreensão da natureza humana e das relações sociais, proporcionando-lhe uma visão crítica que ele traduziu em sua obra literária. No conjunto, a criação de Chaucer ofereceu-lhe um repertório rico de experiências e percepções que ele utilizou de maneira magistral em suas obras.

As obras de Geoffrey Chaucer, como *Troilus and Criseyde* e *The Canterbury Tales*, destacam-se pela ampla circulação em manuscritos que alcançaram uma audiência diversificada, desde futuros monarcas até membros de guildas urbanas em Londres. *Troilus and Criseyde* é um poema épico composto em inglês médio que reconta a trágica história de amor entre Troilo, filho do rei Príamo de Troia, e Criseida, ambientada durante o cerco de Troia. Embora Troilo seja uma figura oriunda da literatura grega antiga, a narrativa de seu amor por Criseida foi ampliada e transformada na Idade Média, especialmente através da tradição literária francesa e italiana, que influenciou Chaucer. Em sua adaptação, Chaucer transcendeu a mera recontagem de um mito clássico, infundindo o enredo com nuances psicológicas, dilemas morais e reflexões sobre o destino e a transitoriedade da felicidade.

Essa obra, como muitas outras de Chaucer, nos apresenta o ambiente intelectual e cultural em que ele estava inserido. Durante sua vida na corte inglesa, Chaucer teve acesso a uma vasta rede de textos e tradições literárias, em especial as produzidas em francês, latim e italiano, que moldaram sua produção. Sua posição privilegiada como funcionário público, diplomata e cortesão permitiu que ele interagisse com a elite política e cultural da Inglaterra, bem como com influentes autores do continente europeu. Essas experiências enriqueceram seu repertório literário, proporcionando-lhe não apenas uma formação sofisticada, mas também a capacidade de traduzir e adaptar ideias e estilos para um público diversificado.

A vida cortesã de Chaucer influenciou profundamente tanto a forma quanto o conteúdo de sua obra. Ele estava familiarizado com os valores e tensões que permeavam as cortes europeias do

período, como o ideal do amor cortês, as intrigas políticas e a necessidade de equilíbrio entre os deveres públicos e as aspirações pessoais. Essa perspectiva privilegiada é evidente em *Troilus and Criseyde*, onde o amor e a lealdade são explorados em um contexto de guerra e traição, ecoando as incertezas e os desafios da própria vida cortesã.

Além disso, a circulação de suas obras em diferentes camadas da sociedade reforça seu papel como um autor que dialogava com múltiplos públicos. Enquanto *The Canterbury Tales* captura a diversidade social e cultural da Inglaterra medieval, *Troilus and Criseyde* nos apresenta o mundo cortesão e suas contradições.

Na corte de Eduardo III, Elizabeth de Burgh (1289 - 1327) foi uma figura significativa na vida de Chaucer após se tornar esposa de Lionel de Antuérpia, o segundo filho do rei Eduardo III da Inglaterra. Elizabeth de Burgh era membro da nobreza inglesa, e seu casamento com Lionel a colocou no centro da corte real. Chaucer surge pela primeira vez nas contas de Elizabeth de Burgh pouco tempo após seu casamento com Lionel, indicando que ele serviu em sua casa durante esse período (TURNER, 2020, p. 56). Elizabeth de Burgh, como nobre, teve um papel ativo no apoio às artes e à literatura, e Chaucer pode ter se beneficiado desse patrocínio. A experiência de viver e trabalhar na casa de Elizabeth foi formativa, permitindo-lhe observar de perto as intrincadas relações sociais das dinâmicas de poder e privilégio. Chaucer presenciou os aspectos culturais, testemunhando a opulência das festas, torneios e celebrações que compunham a vida cortesã. Esses elementos forneciam um material vasto para seus escritos, especialmente em obras que exploravam a vida e as interações da nobreza.

O apoio de figuras nobres era essencial para escritores da época, fornecendo não apenas os meios financeiros, mas também o reconhecimento e a legitimidade necessários para suas carreiras. O status de Elizabeth poderia ter contribuído para as oportunidades de Chaucer como poeta, permitindo-lhe não só sobreviver, mas prosperar em um ambiente que valorizava as contribuições culturais.

As interações de Chaucer com Elizabeth e sua família também lhe proporcionaram uma visão aprofundada dos relacionamentos pessoais e políticos do período. As complexidades do amor, lealdade e obrigação social que ele observou em sua casa são frequentemente refletidas nas dinâmicas dos personagens de suas histórias. Elizabeth proporcionou acesso ao mundo aristocrático e apoiando potencialmente sua carreira como escritor.

Além de Elizabeth de Burgh, Geoffrey Chaucer também serviu com notável distinção sob os monarcas Ricardo II e João de Gante. Ricardo II, conhecido por sua ortodoxia, e João de Gante, tio do rei e um defensor ardente das ideias reformistas. Essas outras personalidades da realeza tiveram uma influência profunda em suas obras literárias, que muitas vezes visavam agradar a seus superiores. *The Book of the Duchess* (1368) é uma obra que ilustra como as relações cortesãs

influenciaram a produção literária de Chaucer. Escrita em homenagem à Duquesa Branca de Lancaster (1342 - 1368), esposa de João de Gante, após sua morte, o poema reflete a interação do autor com a aristocracia medieval e sua habilidade em integrar questões pessoais e políticas em sua escrita. O texto se insere dentro da tradição alegórica, abordando, por meio da narrativa, temas como a perda e o luto, centralizando a figura do "*Black Knight*" (Cavaleiro Preto) e sua lamentação pela "*White Lady*" (Senhora Branca), que é associada à figura de Branca.

Inspirado no conto de *Ceyx* e *Alcione* de Ovídio (43 a.C -), presente na *Metamorfoses* (8 d.C), Chaucer constrói uma alegoria complexa que dialoga com a mitologia clássica, enquanto reflete sobre a morte e os efeitos do luto. No poema, o *Black Knight*, à semelhança de Alcione, enfrenta a perda e a dor pela ausência de sua amada, uma situação que remete diretamente à morte de Branca. Essa obra ilustra como o autor não apenas participa da cultura cortesã, mas também como articula a literatura medieval dentro de uma rede de referências culturais que vão desde a mitologia clássica até os eventos contemporâneos, evidenciando a capacidade de integrar diferentes tradições e contextos em uma narrativa coerente (SCALON, 2009, p. 168).

Outra obra significativa durante sua vida na corte inglesa é *The House of Fame*, escrito entre 1374 e 1385, é uma obra que explora a natureza da fama e a transmissão de histórias, um tema relevante para o contexto cultural e social da época. O poema adota a forma de uma visão onírica, na qual o poeta, ao adormecer, se vê em um templo de vidro adornado com imagens de figuras ilustres e seus feitos. Acompanhado por uma águia, ele reflete sobre a fama, questionando a veracidade dos relatos que sobreviveu ao longo do tempo e considerando o impacto que a fama tem sobre a percepção pública.

Dentro desse cenário, a "deusa Fama" é representada como uma figura com múltiplos ouvidos e línguas, cuja presença é tanto inflacionada quanto diminuída ao longo do tempo. Sua sala do trono, que abriga imagens de grandes escritores como Virgílio (70 a.C - 19 a.C), Homero (928 a.C - 898 a.C) e Ovídio (43 a.C -), é descrita como um espaço que se expande à medida que a fama desses autores cresce, alterando as proporções do ambiente. A alegoria de *The House of Fame* não apenas expõe a natureza mutável da fama, mas também destaca a forma como ela é moldada e distorcida ao longo do tempo, refletindo as tensões entre a veracidade e a construção de narrativas históricas e culturais (COLLETTE, 2008, p. 18).

A obra *The Legend of the Good Women*, de 1387, faz parte do grupo de produções literárias de Chaucer em que as dinâmicas políticas e sociais de seu tempo estão refletidas de maneira sutil, particularmente nas interações com figuras como Ricardo II e a Rainha Anne. O poema, estruturado como uma série de relatos de vidas de mulheres célebres, enaltece a imagem feminina, especialmente no que se refere às suas virtudes e ações. Como parte desse movimento, Chaucer é retratado em um sonho, sendo repreendido pelo deus do amor e sua esposa Alceste por apresentar

uma visão negativa das mulheres, algo evidente em sua obra anterior *“Troilus and Criseyde”*. A partir dessa repreensão, o poeta compromete-se a escrever um conjunto de histórias que exaltam mulheres fiéis no amor, ou como "santas de Cupido".

A relação de Chaucer com a Boêmia não é fácil de documentar. Ao contrário de outras figuras literárias inglesas, como Wyclif e Rolle, cujas obras se sabe que circularam no Reino Boêmio, as conexões de Chaucer com a Boêmia foram estabelecidas pela presença na corte inglesa da rainha Anne da Boêmia (1366-1394), esposa de Ricardo II. Ela é mencionada por Chaucer em um elogio no início de *Troilus and Criseyde*: "Right as our firste letter is now an 'A'"¹. E a instrução de Alceste no prólogo de *The Legend of the Good Women* para que a obra completa fosse dada à "the queen, / On my behalf, at Eltham or at Sheene"², sugere que Chaucer desejava realizar um ato de submissão literária, apresentando-a como uma figura importante nas circunstâncias da criação do poema. A natureza do papel de Anne *The Legend of Good Woman* é indefinida. Contudo, há uma afirmação de Lydgate em sua obra *The Fall of Princes*, feita mais de meio século após o evento, de que Chaucer escreveu a *Legenda* a pedido da rainha, possivelmente baseando-se em membros da família de Chaucer a qual ele tinha acesso (BOFFEY; EDWARDS, 2023, p. 289 - 290).

O poema recorre a uma série de mulheres míticas e históricas para ilustrar o tema da virtude feminina. Entre as figuras retratadas, destacam-se Cleópatra, Thisbe, Dido, Medea, Lucrecia, Ariadne, Filomela, Phyllis e Hípermenestra. Através dessa seleção, Chaucer constrói uma narrativa que, embora ancorada na tradição literária, oferece uma reflexão sobre as representações femininas e as expectativas sociais da época.

Seu casamento com Philippa, irmã da segunda esposa de João de Gante, fortaleceu ainda mais sua conexão com a família real. A posição de Chaucer na casa real, somada à sua ligação familiar com João de Gante e sua vasta experiência em questões comerciais, tornaram-no um diplomata especialmente qualificado para lidar com missões sensíveis e complexas. Seu conhecimento do italiano, adquirido durante suas viagens e missões anteriores, foi um trunfo adicional que aumentou sua utilidade em negociações internacionais.

A maior parte das missões de Chaucer envolvia viagens internacionais, onde ele se encarregava de negociações delicadas, incluindo a abertura e manutenção de conexões diplomáticas e comerciais. Essas missões frequentemente giravam em torno de negociações complexas, como tratados de paz, alianças através de casamentos, e acordos comerciais, que exigiam não apenas uma compreensão profunda dos interesses políticos em jogo, mas também uma capacidade excepcional de persuasão e retórica. Uma dessas missões diplomáticas, aparentemente simples em sua essência,

¹ "Assim como nossa primeira letra é agora um A" (CHAUCER, 2025, p. 7).

² "rainha, / Em meu nome, em Eltham ou em Sheene" (CHAUCER, 1889, p. 37).

envolvia a negociação de um acordo comercial com Gênova, visando explorar as possibilidades de comércio entre a Inglaterra e a Itália.

A princípio, essa missão parecia uma oportunidade de criar um relacionamento comercial mutuamente benéfico, que poderia fortalecer os laços econômicos entre as duas nações. No entanto, o que à primeira vista poderia ser visto como uma simples negociação comercial, revelou-se uma tarefa repleta de desafios políticos e sociais. A missão de Chaucer o colocou em uma posição delicada, pois os interesses comerciais que ele defendia na Itália entraram em conflito direto com os interesses de poderosos comerciantes londrinos, muitos dos quais estavam ligados aos seus próprios associados e aos interesses da família de seus pais.

Esses conflitos comerciais rapidamente se entrelaçaram com as complexas disputas políticas que dominavam a Inglaterra na época. O período era marcado por tensões crescentes entre diferentes facções na corte, especialmente entre aqueles que apoiavam as reformas defendidas por João de Gante e os que se opunham a elas. As negociações de Chaucer, que envolviam não apenas questões comerciais, mas também o delicado equilíbrio de poder entre essas facções, acabaram intensificando esses conflitos.

As repercussões dessa missão foram sentidas em várias esferas. A controversa posição de Chaucer no centro dessas negociações o envolveu em disputas que culminaram nos confrontos do Bom Parlamento, um evento histórico marcado por intensos debates e conflitos sobre a governança e a administração do reino. A situação tornou-se ainda mais volátil, resultando em uma série de assassinatos notórios em Londres no final da década, evidenciando a profundidade das divisões políticas e sociais na época (TURNER, 2020, p. 145 - 146).

A missão diplomática de Chaucer, portanto, não foi apenas um teste de suas habilidades como negociador, mas também um momento significativo que evidenciou os riscos e as complexidades inerentes ao seu papel na corte. Sua participação nesses eventos nos mostra como sua carreira estava intrinsecamente ligada às turbulências políticas e aos conflitos de poder que marcaram o final do século XIV na Inglaterra. Essa experiência, sem dúvida, influenciou sua visão do mundo e se refletiu em sua obra literária, onde as questões de poder, autoridade e conflito social são temas recorrentes.

Chaucer demonstrou habilidade política ao navegar pelas complexas e voláteis dinâmicas de poder entre três monarcas influentes: Eduardo III, Ricardo II e João de Gante. Mesmo em períodos de extrema tensão e conflito entre esses líderes, Chaucer conseguiu manter boas relações com cada um deles, assegurando não apenas sua sobrevivência política, mas também seu crescimento dentro da estrutura social e administrativa da Inglaterra medieval. Sua carreira é capaz de expressar estas intrincadas interações sociais e políticas da época, onde o serviço na corte real e a capacidade de manobrar nas redes de poder eram cruciais para manter e elevar sua posição. Na

corte, ele aprendeu a arte da diplomacia, essencial em um período em que alianças políticas eram frequentemente efêmeras e lealdades, volúveis. A habilidade de Chaucer em equilibrar as expectativas e demandas de diferentes facções políticas, enquanto cumpria suas obrigações no serviço civil, destaca sua adaptabilidade e como diplomata em um cenário de instabilidade política.

A maior parte das missões de Chaucer envolvia viagens internacionais, onde ele se encarregava de negociações delicadas, incluindo a abertura e manutenção de conexões diplomáticas e comerciais. Essas missões frequentemente giravam em torno de negociações complexas, como tratados de paz, alianças através de casamentos, e acordos comerciais, que exigiam não apenas uma compreensão profunda dos interesses políticos em jogo, mas também uma capacidade excepcional de persuasão e retórica.

Chaucer também foi nomeado para uma série de cargos administrativos e judiciais, que continuaram a testar e aprimorar suas habilidades de mediação. Em 1385, ele foi apontado como Juiz de Paz, uma posição que o envolvia na administração da justiça local e na resolução de disputas, e posteriormente foi eleito cavaleiro do condado, um papel que lhe conferiu responsabilidades adicionais na governança local. Essas posições exigiam uma combinação de diplomacia, conhecimento jurídico e retórica, pois Chaucer frequentemente se encontrava na posição de intermediário, buscando soluções que mantivessem a ordem e a paz em um ambiente social e político carregado de tensões.

Através de seus cargos e missões, Chaucer desenvolveu uma compreensão profunda da importância da linguagem e da retórica como ferramentas de poder e persuasão. A capacidade de comunicar de forma eficaz, de construir pontes entre diferentes facções e de negociar acordos complexos era essencial para o sucesso em suas diversas funções. Essa compreensão da linguagem como um meio de mediação e influência permeia suas obras literárias, onde ele explora as nuances do discurso, da persuasão e da comunicação entre diferentes classes e personagens.

Além de suas responsabilidades administrativas, a vida de Chaucer na corte inglesa trouxe uma proximidade com grupos religiosos específicos que surgiram na Inglaterra durante seu tempo, e conseqüentemente, também fizeram parte das suas escolhas temáticas. As comunidades lollards, um movimento religioso dissidente que defendia reformas na Igreja e promovia a leitura da Bíblia em inglês, podem ter encontrado em Chaucer um aliado implícito. As críticas sociais e religiosas presentes em algumas de suas obras parecem ecoar as preocupações dos lollards, que denunciavam a corrupção clerical e buscavam uma maior pureza na prática religiosa. Embora Chaucer não tenha sido explicitamente associado ao movimento lollard, suas obras oferecem um retrato crítico das falhas da Igreja que poderia ter sido interpretado como um apoio tácito às suas ideias reformistas.

A relação entre Chaucer e o movimento lollardo tem sido objeto de especulação e análise acadêmica por autores como Copeland (2009) e Shogimen (2006), principalmente devido as

semelhanças em certos temas abordados em suas obras e nos escritos lollardos, como a defesa da alfabetização em língua vernácula e as críticas à corrupção e hipocrisia da Igreja. As escolhas temáticas de Chaucer certamente desempenharam um papel nesse processo. Sua abordagem crítica das práticas e da hierarquia eclesiástica, representada por personagens como o Pardoner em *The Pardoner's Tale* e o Frade em *The Friar's Tale*, passou a ser vista como uma sátira às instituições eclesiásticas, atraindo a atenção dos protestantes e outros críticos da Igreja.

De acordo com Swart (1978), Chaucer tornou-se uma figura atraente para os propagandistas da Reforma. As visões dos comentaristas do século XIX influenciaram significativamente a percepção do relacionamento de Chaucer com a Reforma ao enquadrá-lo como uma figura proto-protestante. Esse enquadramento surgiu de um contexto cultural e histórico mais amplo, onde sentimentos antirromanos eram predominantes. Para eles, Chaucer teria sido capaz de enxergar além dos preconceitos de sua época, antecipando um momento em que a Inglaterra estaria livre dos excessos da superstição romana. Por exemplo, comentaristas como Furnivall associavam as críticas de Chaucer ao clero e às práticas religiosas com os ideais protestantes. Eles frequentemente interpretavam as obras de Chaucer por meio de uma lente protestante, sugerindo que sua crítica inteligente à igreja o posicionava como um precursor do pensamento da Reforma.

Isso era evidente na forma como eles enfatizavam temas de corrupção moral entre o clero nos escritos de Chaucer, permitindo que projetassem um espírito protestante em seu personagem. Às vezes, eles desconsideravam leituras mais neutras ou satíricas de sua obra, concentrando-se em narrativas que o retratavam como um dos primeiros defensores da mudança na igreja. O resultado foi uma interpretação reconstrutiva, na qual Chaucer foi apresentado como um defensor dos valores da Reforma, embora essa perspectiva tenha sido às vezes construída com base em uma leitura seletiva de seus textos, em vez de evidências históricas sólidas que o ligassem diretamente aos movimentos da Reforma do século XVI (SWART, 1978, p. 617).

No entanto, a relação de Chaucer com a religião de sua época é indiscutível, pois ele estava imerso em uma sociedade profundamente marcada pela religião, que permeava todos os aspectos da vida cotidiana. Em suas obras, Chaucer frequentemente entrelaçava questões de religião, moralidade e costumes sociais, refletindo os valores, crenças e dilemas morais que definiam a sociedade medieval. Sua abordagem crítica e satírica dos temas religiosos tornou-se um traço distintivo de sua escrita, permitindo que suas narrativas não apenas oferecessem entretenimento, mas também incitaram reflexão moral, elementos que se tornaram centrais em suas obras, como em *The Canterbury Tales*.

A relação entre Chaucer e os lollards pode ser contextualizada através de suas conexões com João de Gante, o Duque de Lancaster. A partir de meados da década de 1370, João de Gante

contratou John Wycliffe³, teólogo e reformador religioso, para trabalhar na corte real e desempenhou um papel na promoção das ideias reformistas. João de Gante não apenas criticou publicamente a ostentação e o excesso da riqueza da Igreja inglesa, como também forneceu um apoio político substancial a Wycliffe e ao movimento lollard. Esse suporte foi fundamental para ampliar a influência das ideias reformistas e conferir-lhes um caráter mais social. O duque contribuiu significativamente para a disseminação das pregações de Wycliffe, ajudando a estabelecer um ambiente onde as ideias de reforma e crítica à corrupção clerical pudessem ser discutidas e ganharam maior visibilidade (SHOGIMEN, 2006, p. 199-200). Além de Gante também criticar cada vez mais a riqueza ostensiva da Igreja inglesa, ele concede suporte político a Wycliffe e ao grupo dos Lollardos, o que faz com que, com o tempo, as suas pregações comecem a ganhar uma proporção muito maior e um caráter ainda mais social.

O apoio de João de Gante a Wycliffe e aos lollards não só ampliou a influência do grupo, mas também fortaleceu a disseminação de suas ideias em diferentes estratos da sociedade. Isso cria uma ponte entre as críticas que Chaucer expressa em suas obras e o ambiente reformista crescente da época. Mesmo sem uma ligação direta e comprovada entre Chaucer e os lollards, o contexto político e social em que ele vivia certamente influenciou a recepção e a interpretação de suas obras.

Um exemplo claro das frequentes críticas de Chaucer às figuras e instituições eclesiásticas, que podem ser interpretadas como uma afinidade com as ideias reformistas dos lollards, ocorre no *The Friar's Tale*. Embora não haja uma associação explícita entre Chaucer e o movimento lollard, o conto ilustra a corrupção e a hipocrisia que caracterizam a vida dos frades e dos oficiais de justiça, questões amplamente reconhecidas e debatidas na sociedade medieval.

O retrato crítico dos frades no *The Friar's Tale* é particularmente incisivo. Chaucer faz uso de ironia e sátira para destacar a moralidade duvidosa desses personagens e expor suas falhas. A afirmação do frade de que "*Pardeem ye may wel knowe by the name,/That of a somnour may no good be sayd*"⁴ é um exemplo claro de como Chaucer utiliza o discurso para criticar a falta de virtude e a corrupção associada aos membros da ordem. Da mesma forma, o comentário do oficial de justiça de que "*Freres and feendes been but lyte a-sonder*"⁵ reforça a crítica à corrupção moral e ao comportamento desonesto dentro da Igreja. Essas declarações não apenas sublinham a crítica a práticas corruptas, mas também evidenciam um descontentamento com a instituição e seus representantes, alinhando-se com as preocupações reformistas dos lollards que denunciavam a corrupção e buscavam uma reforma mais profunda na Igreja.

³ John Wycliffe (1320 - 1384) por ser considerado um dos principais críticos da Igreja e um importante teólogo na Universidade de Oxford no século XIV. Ele fez uma proeminente carreira universitária, participou de disputas filosóficas e suas aulas eram sempre lotadas. Foi com seus trabalhos relacionados à política clerical que ele ganhou importância muito além das paredes universitárias (AZEVEDO, 2010, p. 30).

⁴ "pelo próprio nome vocês já sabem que não se pode dizer nada de bom de um beleguim" (CHAUCER, 2014, p. 439).

⁵ "não existe muita diferença entre frades e diabos" (CHAUCER, 2014, p. 457).

A forma como Chaucer expõe essas questões através de sua literatura nos mostra um engajamento com temas que eram centrais para o movimento lollard, como a crítica ao clericalismo e a demanda por uma prática religiosa mais autêntica e pura. Embora essas críticas sejam disfarçadas através de personagens fictícios e narrativas, elas ecoam as denúncias lollardas e refletem o desejo de transformação social e religiosa presente na época. Através da sátira e da crítica mordaz, especialmente no *The Friar's Tale*, Chaucer expõe a corrupção e as falhas da Igreja, utilizando suas representações literárias para se envolver com as ideologias reformistas do seu tempo.

Ao analisar as conexões entre Chaucer, João de Gante e os lollards, é possível compreender como as obras do autor foram integradas a um discurso mais amplo sobre a reforma religiosa e social na Inglaterra medieval. O apoio de figuras influentes, como João de Gante, ao movimento lollard criou um ambiente no qual as críticas de Chaucer à Igreja e à sociedade ressoaram de maneira significativa, ampliando o impacto de suas obras. As críticas disfarçadas de Chaucer, embora mascaradas por humor e ficção, podem ter atuado como reflexos e até como catalisadores das tensões reformistas do período, contribuindo para os debates e mudanças sociais daquela época.

Portanto, a trajetória de Chaucer na corte real foi fundamental para sua produção literária e para sua visão crítica da sociedade medieval. Imerso em um ambiente cosmopolita e elitista, ele teve acesso a uma diversidade de influências culturais e literárias, além de uma compreensão mais profunda das dinâmicas sociais e políticas. Suas interações com figuras de poder, como João de Gante, enriqueceram ainda mais sua crítica à Igreja e à estrutura social vigente.

1.2.2 HAINAULT E NAVARRA

Como diplomata, Chaucer continuou sendo enviado em missões para negociar em nome do rei. No período em que Chaucer esteve envolvido em negociações em Navarra, por volta de 1366, a situação política era extremamente volátil. A guerra e as rivalidades entre as casas governantes de Hainault e Navarra eram definidas em grande parte por suas relações com a França, o que tornava essas regiões peças-chave na Guerra dos Cem Anos (1337 – 1453). Ambas as regiões tinham um papel significativo no conflito anglo-francês, e sua importância estratégica se refletia no tipo de missões diplomáticas a que Chaucer era designado. Navarra, em particular, localizada entre Aquitânia, Castela e Aragão, era uma área de intenso conflito, servindo como um ponto de encontro para uma variedade de interesses políticos e militares. Esta região fronteiriça atraiu uma diversidade de personagens, desde mercenários até diplomatas, todos envolvidos nas complexas lutas de poder que caracterizavam a política europeia da época (TURNER, 2020, p. 104).

A relação de Chaucer com essas regiões não se limitava apenas às suas missões diplomáticas; ela também estava profundamente enraizada em suas conexões pessoais e familiares. Seu casamento com Philippa de Roet, que era oriunda de Hainault e ligada à corte da rainha, aprofundou ainda mais sua inserção na esfera da corte inglesa e, ao mesmo tempo, o conectou à cultura e à política de Hainault. A família de Philippa possuía uma longa tradição de serviço tanto nas cortes de Hainault quanto na Inglaterra, o que facilitou a mobilidade de Chaucer entre esses dois mundos e fortaleceu suas conexões políticas. Essa aliança matrimonial não só consolidou sua posição na corte inglesa, mas também lhe proporcionou uma compreensão íntima das dinâmicas de poder e das expectativas sociais que permeavam estas cortes (TURNER, 2020, p. 105).

Chaucer se torna não apenas um observador passivo, mas agora ele estava diretamente envolvido nas negociações e nos relacionamentos que moldaram o curso da história europeia. Sua habilidade em transitar entre diferentes esferas de influência, combinada com suas conexões pessoais em regiões estratégicas como Hainault e Navarra, fez dele uma figura central nas complexas redes de poder da época.

A mobilidade e as conexões de Chaucer entre Hainault e Inglaterra refletiam uma realidade maior da aristocracia europeia do período, onde laços familiares, lealdades políticas e alianças matrimoniais se entrelaçavam para criar uma rede de poder que transcendeu fronteiras regionais. Essa interseção de interesses familiares e políticos, que Chaucer vivenciou de perto, e as complexidades que ele observou e experimentou no contexto de Hainault e Navarra contribuíram para a profundidade com que ele retratou as tensões e alianças nas cortes e entre os diferentes estratos sociais.

Hainault e Navarra desempenharam papéis significativos nos eventos da Guerra dos Cem Anos (1337 – 1453) por meio de suas alianças políticas, contribuições militares e manobras diplomáticas complexas de seus governantes. Ambas as regiões estavam estrategicamente localizadas e tinham governantes que mantinham laços com grandes potências como a França e a Inglaterra. As casas governantes de Hainault e Navarra estavam profundamente entrelaçadas com a política francesa, o que influenciou suas ações durante a guerra. Essas regiões também eram conhecidas por fornecer tropas e mercenários que participavam de várias campanhas militares, ilustrando o pragmatismo que muitas vezes caracterizava a guerra medieval. Mercenários dessas regiões, como os de Navarra, eram conhecidos por sua disposição em mudar de lado conforme o clima político evoluía, exemplificando a fluidez das alianças e a natureza volátil da guerra.

As conexões culturais entre Hainault, Navarra, e França foram decisivas na formação das narrativas e percepções em torno da guerra. Essas regiões, localizadas em pontos estratégicos da Europa, eram encruzilhadas de culturas e interesses políticos, refletindo a natureza transnacional das alianças e dos conflitos do período. Hainault, por exemplo, possuía laços históricos com a

Inglaterra através do casamento de Filipa de Hainault com Eduardo III, o que estreitou as relações culturais e políticas entre as duas regiões. Essas conexões não apenas influenciaram as dinâmicas políticas, mas também tiveram um impacto profundo na literatura. A fluidez das alianças e a complexidade das relações políticas, especialmente entre as casas governantes de Hainault, Navarra, e França, foram temas que Chaucer pôde explorar tanto em seu serviço diplomático quanto em suas narrativas literárias.

No contexto mais amplo, Hainault e Navarra não eram apenas participantes passivos, mas agentes ativos na complexa rede de alianças, engajamentos militares e trocas culturais que caracterizavam a Guerra dos Cem Anos (1337 – 1453). Suas contribuições foram fundamentais para moldar a dinâmica e os resultados do conflito, e Chaucer, através de suas conexões pessoais e profissionais com essas regiões, foi diretamente influenciado por essas realidades. Sua literatura, que documenta as tensões e a vida de seu tempo, serve como um testemunho das interações entre as diversas culturas europeias que ele conheceu em suas viagens e em seu serviço na corte.

A relação de Chaucer com Hainault e Navarra foi, portanto, multifacetada, envolvendo laços familiares, serviço na corte, influências culturais e participação em atividades diplomáticas. Essas experiências não só moldaram sua carreira e posição na sociedade, mas também enriqueceram sua obra literária, permitindo-lhe capturar a complexidade da sociedade medieval europeia e a interconexão das culturas que ele vivenciou de perto. Em resumo, as conexões de Chaucer com Hainault e Navarra durante a Guerra dos Cem Anos (1337 – 1453) foram essenciais para o desenvolvimento de sua visão de mundo e de sua obra, refletindo as realidades de um período marcado por conflitos, alianças mutáveis e ricas trocas culturais.

1.2.3 REIMS E CALAIS

Geoffrey Chaucer, em sua carreira, encontrou em cidades como Reims e Calais não apenas destinos de missões diplomáticas, mas também fontes ricas de inspiração cultural e literária que marcariam profundamente sua trajetória como escritor. Estas cidades, além de serem centros políticos e estratégicos, representavam diferentes facetas da Europa medieval que Chaucer explorou e incorporou em suas obras.

Reims, famosa por ser o local tradicional dos reis franceses, era mais do que apenas uma cidade; era um símbolo do poder e da autoridade na França. A presença de Chaucer em Reims durante o cerco à cidade o colocou no centro de um evento militar significativo, além de expor a importância simbólica de Reims. Estar em Reims durante esses momentos críticos permitiu que Chaucer testemunhasse de perto as tradições e rituais que definiam a elite europeia da época. Ele foi

imerso em uma atmosfera onde a política e a religião se entrelaçavam, fornecendo-lhe uma compreensão única das dinâmicas de poder.

Além disso, a cultura literária e poética francesa, à qual Chaucer foi exposto em Reims, deixou uma marca perdurável em suas obras. A cidade era um centro de erudição e poesia, e o contato com as tradições poéticas francesas, como o romance cortês e a poesia alegórica, influenciou diretamente seu desenvolvimento como poeta. Chaucer absorveu essas influências e as adaptou à sua própria visão literária, incorporando elementos como a forma poética estruturada e temas de amor cortês em seus trabalhos. A presença dessas influências francesas é evidente em obras como *The Book of the Duchess* e *The Parliament of Fowls*, onde Chaucer explora temas de amor, poder e espiritualidade que expressa sua experiência em Reims.

Em contraste com Reims, Calais representava uma realidade diferente. Como uma cidade portuária vital, Calais era um ponto estratégico para o comércio e o intercâmbio cultural entre a Inglaterra e a França. Embora Reims também fizesse parte de uma região de extrema troca comercial e cultural, englobando as regiões das feiras de champagne, a posição estratégica de Calais a tornava um núcleo ainda maior de movimentação para mercadores, soldados e diplomatas, criando um ambiente multicultural onde diferentes culturas, línguas e ideias se cruzavam.

Durante suas missões diplomáticas, Chaucer teve a oportunidade de observar de perto as dinâmicas do comércio internacional e a complexidade das interações culturais em Calais. A cidade foi o local das negociações de paz entre a Inglaterra e a França em outubro de 1360, e Chaucer foi responsável por levar cartas do príncipe Lionel para a Inglaterra, o que marca o último registro de seu serviço a Lionel. Alguns meses depois, Chaucer esteve novamente em Calais para ratificar o tratado que encerrou a campanha, e a cidade se tornou um ponto constante em suas viagens, atuando de maneira significativa, como viajante, mensageiro, diplomata e, mais tarde, funcionário da alfândega.

Calais era uma cidade de mercadores e intercâmbios, onde as trocas comerciais e as alianças políticas se entrelaçavam. Esse dinamismo expôs Chaucer a uma variedade de culturas e perspectivas, contribuindo para a diversidade temática de suas obras. A mistura de influências francesas e inglesas em Calais refletia as tensões e trocas culturais da época, e Chaucer capturou essa riqueza em seus escritos, evidenciando um hibridismo que se tornou central para sua poética. David Wallace observou que Calais, no final do século XIV, também representava a própria Inglaterra em sua complexidade cultural, sublinhando a importância da cidade para a obra de Chaucer (TURNER, 2020, p. 73). Esse contexto multifacetado e intercultural de Calais posteriormente influenciou o trabalho de Chaucer, dando voz às diversas e heterogêneas narrativas em suas obras, rompendo com as hierarquias estabelecidas e refletindo, de certa forma, as complexidades do mercado e da sociedade.

A vida de Chaucer em Calais expôs-o a um dinamismo único, onde as trocas comerciais e as alianças políticas eram igualmente importantes e a presença de diferentes nacionalidades criava uma intensa diversidade cultural. Esse ambiente multicultural permitiu a Chaucer explorar questões de identidade, hibridismo cultural e as complexas interações entre diversos grupos sociais em suas obras. Calais, com sua mistura de influências francesas e inglesas, serviu como um microcosmo das tensões e trocas culturais da época, e Chaucer capturou essa riqueza em sua escrita. Sua experiência direta em uma cidade que frequentemente era palco de conflitos entre Inglaterra e França aprofundou sua compreensão das realidades da guerra e da diplomacia, enriquecendo sua literatura com uma profundidade e nuance refletindo suas vivências.

As viagens diplomáticas de Chaucer a Reims e Calais foram cruciais para seu desenvolvimento como poeta e diplomata. Reims, com sua espiritualidade e tradição, e Calais, com seu dinamismo comercial e multiculturalismo, ofereceram-lhe uma gama rica de experiências que ele transformou em material literário. Essas cidades, cada uma com sua própria importância cultural e estratégica, contribuíram para a formação de sua visão de mundo e para o desenvolvimento das ferramentas literárias necessárias para expressar as complexidades da sociedade medieval. O impacto duradouro dessas influências em sua obra sublinha como Reims e Calais se tornaram partes inseparáveis de sua trajetória como um dos maiores poetas da literatura inglesa.

1.2.4 VIAGENS E CONEXÕES

A trajetória de Geoffrey Chaucer foi marcada por experiências diversas que refletiram sua inserção em múltiplos contextos sociais, culturais e geográficos. Sua atuação nos domínios do comércio e na Corte Real proporcionou-lhe um contato privilegiado com a vida urbana e cortesã, possibilitando a absorção de narrativas e modos de vida que enriqueceriam sua obra. As viagens diplomáticas e militares realizadas pelo poeta pela Europa inseriram-no em uma rede de intercâmbio cultural e intelectual que transcendia o simples cumprimento de funções administrativas. Ao visitar regiões como Flandres, Itália e outros centros comerciais e culturais, Chaucer teve acesso direto a ideias, conhecimentos e tradições literárias que circulavam nesses ambientes dinâmicos. Esse contato não apenas ampliou seu repertório cultural, mas também moldou sua produção literária, influenciada por textos clássicos, correntes filosóficas e práticas artísticas observadas durante esses deslocamentos.

As experiências acumuladas ao longo dessas viagens permitiram a Chaucer consolidar-se como um importante mediador cultural, cujo trabalho literário reflete a interseção entre as tradições locais e as influências estrangeiras. É possível que o poeta tenha registrado informações e

observações, aprofundando sua compreensão dos contextos que atravessava, o que reforça sua relevância como autor profundamente engajado com os dilemas e valores de seu tempo.

Durante os séculos XIII e XIV, a Europa testemunhou um crescimento significativo nas redes de trocas comerciais e, conseqüentemente, de trocas culturais. Janet Abu-Lughod (1989), uma socióloga norte-americana, estudou tais mudanças a partir de uma perspectiva global da Idade Média definiu a Região dos Flandres, as Cidades da feira de Champagne, Gênova e Veneza, como locais de extrema troca cultural e comercial. As rotas utilizadas pelos comerciantes também eram percorridas por viajantes, por ali passaram peregrinos e comerciantes de diferentes regiões. O cenário oriental era bastante familiar para os que frequentavam esses locais, incluindo Chaucer. Dessa maneira, o ambiente cosmopolita e diversificado desses centros era bem conhecido para aqueles que os frequentavam, incluindo Geoffrey Chaucer, que provavelmente estava imerso nesse rico contexto de troca e influência cultural.

Nesse período, a Inglaterra experimentou um movimento de plena expansão de suas redes de influência, além de vivenciar um aumento da produção de textos em inglês, principalmente após 1350 (SCALON, 2009, p. 3), o que também favoreceu os trabalhos de Chaucer. Essas áreas emergiram como centros cruciais de comércio internacional, onde mercadores, peregrinos e diplomatas de diversas partes do mundo convergiam, criando um ambiente fértil para a disseminação de ideias, conhecimentos e culturas. Como foi visto, Chaucer, em sua carreira como diplomata, esteve em contato direto com esses centros, absorvendo as influências culturais e intelectuais que seriam representadas em sua obra.

As cidades da feira de Champagne, por exemplo, eram conhecidas por suas feiras comerciais, que atraíam mercadores de toda a Europa e do Mediterrâneo. A socióloga Janet Abu-Lughod destaca que esses locais eram pontos de encontro não apenas para a troca de mercadorias, mas também para a troca de conhecimentos e culturas. Um exemplo emblemático desse cosmopolitismo encontra-se nas feiras de Champagne, na França, que atraíam comerciantes, mercadores e estudiosos de toda a Europa e do Mediterrâneo, incluindo regiões tão distantes quanto Síria, Chipre e Grécia. Esses eventos não apenas promoviam a troca de bens materiais, mas também ideias e tradições que se misturavam e influenciavam os habitantes e visitantes dessas feiras, especialmente aquelas relacionadas a inovações científicas, filosóficas e tecnológicas. O contato com esse ambiente multicultural contribuiu para a formação de Chaucer como um autor que integrava em sua obra referências amplas e variadas, indo além das tradições inglesas.

As viagens de Chaucer à Itália, em particular, foram de grande importância para seu desenvolvimento literário. Foi durante essas viagens que ele teve contato direto com a obra de autores italianos como Dante Alighieri (1265-1321), Francesco Petrarca (1304 - 1374) e Giovanni Boccaccio (1313 - 1375), cujas obras exerceriam uma influência duradoura sobre ele. A "Divina

Comédia" de Dante, os "Sonetos" de Petrarca e o "Decameron" de Boccaccio não apenas inspiraram Chaucer, mas também o influenciaram a adaptar essas formas e temas à sua própria língua e contexto cultural.

Todavia, a importância das viagens de Chaucer à Itália não se limita à influência literária dos autores italianos. Durante esse período, houve uma crescente circulação de textos traduzidos do árabe para o latim sobre filosofia, astrologia e medicina. Esses textos, originários do mundo islâmico, eram frequentemente discutidos em círculos intelectuais europeus, e Chaucer, ao estar em contato com essas traduções, possivelmente adquiriu conhecimentos que o ajudaram a expandir sua visão intelectual. A interação com essas ideias contribuiu para enriquecer sua obra, não apenas em termos de conteúdo, mas também em termos de estilo e forma, ao incorporar elementos da tradição erudita islâmica e europeia em seus escritos (BARRINGTON, 2020, p. 2-3).

O cosmopolitismo de Geoffrey Chaucer também é evidenciado por seu envolvimento nas redes comerciais globais que conectavam Oriente e Ocidente. Durante suas visitas a cidades italianas como Gênova e Veneza, importantes centros de comércio global, Chaucer teve acesso a ambientes marcados por intensas trocas de bens, ideias e culturas.

Gênova, destacada como um dos principais portos de ligação com o Oriente Médio, e Veneza, famosa por suas rotas comerciais com o mundo islâmico, eram espaços onde diferentes tradições culturais europeias e orientais se encontravam e se mesclavam. A exposição de Chaucer a essa diversidade cultural nesses locais permitiu-lhe absorver influências variadas, que foram incorporadas em sua produção literária. Esse contato com realidades interligadas contribuiu para moldar uma visão de mundo amplamente conectada, refletida na riqueza temática e estilística de suas obras.

A feira de Champagne, na França, foi um ponto de troca comercial de grande importância no final do século XIII e outro local de extrema importância na vida de Chaucer. Essas feiras eram eventos grandiosos que atraíam comerciantes e estudiosos de diversas partes da Europa e do Mediterrâneo, funcionando como um verdadeiro ponto de convergência para a troca de mercadorias e conhecimentos. A importância dessas feiras para a disseminação de ideias é destacada por Janet Abu-Lughod, que identifica como seus frequentadores, primeiramente, comerciantes locais que prestavam serviços aos que vinham de fora, mas também mercadores de outras cidades francesas do entorno das feiras, de outras regiões da Europa, do Mediterrâneo e do Oriente, como da Síria, Chipre, Grécia, dentre outros (ABU-LUGHOD, 1989, p. 62). Esses grupos traziam uma variedade de mercadorias para as feiras, mas também desempenhavam papéis distintos nos processos de trocas, contribuindo tanto para o intercâmbio de bens quanto para a difusão de conhecimentos e práticas comerciais.

Nas feiras medievais, Geoffrey Chaucer teve acesso a uma ampla variedade de produtos, ideias e conhecimentos, que iam desde inovações tecnológicas até tradições intelectuais antigas, incluindo textos filosóficos e científicos árabes que começavam a circular na Europa. A interação com culturas diversas e a exposição às práticas, crenças e mercadorias trazidas por diferentes grupos proporcionaram ao poeta um repertório cultural amplo, que ele habilmente incorporou em sua produção literária. Essas trocas, que incluíam tanto bens materiais quanto saberes, destacam o papel central das feiras como espaços de intercâmbio cultural e econômico.

As experiências de Chaucer nessas feiras refletiam o contexto mais amplo da inserção do Ocidente no comércio internacional, marcado pela busca europeia de recursos orientais. Os centros comerciais que ele frequentava eram pontos de intenso fluxo econômico e cultural, conectando diferentes tradições e modos de vida. Esses espaços proporcionaram a Chaucer acesso a uma diversidade de narrativas e práticas e uma perspectiva global que transcendia as fronteiras do mundo ocidental, contribuindo de maneira significativa para a riqueza e a profundidade de sua obra literária.

O fluxo de pessoas nos locais citados por Abu-Lughod era subsequente de políticas e práticas econômicas que faziam com que as rotas, os portos e os locais de trocas comerciais também fossem usados por viajantes de outras localidades. A jornada tinha que ser quebrada em partes e alguns lugares serviam para isso. Um exemplo é a rota feita por Chaucer quando ele vai pela primeira vez para a França e para por um momento em Flandres, durante meados de 1377. O poeta foi enviado em viagens com Sir Thomas Percy para negociar a paz e também discutir o possível casamento do neto do rei Ricardo com Marie de France (BREWER, 1982, p. 134).

As viagens de Chaucer, de modo semelhante à sua primeira jornada à França, estavam frequentemente ligadas a atividades de negociação, com a intenção de estabelecer e manter conexões por meio de acordos matrimoniais, tratados de paz e transações comerciais. Essas viagens não só visavam estreitar laços diplomáticos, mas também expandir redes comerciais. Diplomatas como Chaucer também usavam suas visitas para outros propósitos, dado que o poeta voltou para Flandres repetidas vezes e, assim, registrou informações e observações sobre o que encontrou.

Flandres é uma cidade localizada em Gante, França, e tinha um papel central no comércio externo. Não apenas as cidades da Itália estavam engajadas em levar suas mercadorias para o Oriente: por volta de 1248, por exemplo, Flandres negociava produtos têxteis na Síria (ABU-LUGHOD, 1989, p. 84). Chaucer apresentou essa importância comercial em duas de suas histórias em *The Canterbury Tales*. Primeiro, em *The Shipman's Tale*, em que a cidade onde o homem faz seus negócios é citada como “*To morwe cam, and forth this marchan rydeth/ Flaunders-ward; his prentiss wel him gydeth,/ Til he cam in-to Brugges merily./ Now gooth ths*

marchant faste and bisily/ About his nede, and byeth and creaunceth”.⁶ Outro relato sobre Flandres é encontrado no Prólogo Geral, em que é declarado que o chapéu usado pelo Mercador veio das feiras de Flandres: “*Upon his heed a Flaundryssh bever hat*”⁷. Esses relatos de Chaucer nos seus contos ilustram vividamente a relevância comercial e econômica de Flandres no contexto da época.

Chaucer e seus contemporâneos estavam imersos em uma rede complexa de conexões, envolvendo o comércio de bens e uma troca fervilhante de ideias. Este movimento de intercâmbio cultural e intelectual era impulsionado por uma miríade de agentes - artesãos, viajantes, estudiosos e aventureiros - todos eles influenciados por objetos exóticos, narrativas fascinantes e tradições estrangeiras que fluíam de um lugar para outro. A literatura da época, especialmente a literatura de viagens, abraçava uma vasta gama de estilos literários, desde romances a epopeias e hagiografias. A interseção dessas diversas tradições literárias resultou em um rico e diversificado corpo literário que espelhava a complexidade e a interconexão global do mundo medieval (HENG, 2021, p. 36). Essa combinação de influências literárias enriqueceram as obras da época, além de trazer a natureza cosmopolita e multifacetada desse período histórico.

Chaucer, ao longo dos *The Canterbury Tales*, não só faz menções a autoridades islâmicas como Avicena e Averróis, mas vai além de simples referências. É evidente que sua familiaridade não se restringe apenas aos grandes autores. Suas histórias situadas na Inglaterra absorvem elementos de fontes provenientes de regiões tão diversas como Escandinávia, Egito, regiões hebraicas, Grécia e mundo árabe. Esse mosaico de histórias e fontes nos apresenta suas próprias vivências em viagens, mas também a rica interação entre povos que compunham seu entorno cotidiano. Chaucer, como autor, foi um verdadeiro magnetizador das influências globais, incorporando em suas obras uma junção de referências culturais de diversas partes do mundo conhecido, proporcionando aos seus leitores uma experiência literária enriquecida por essa diversidade (BARRINGTON, 2020, p. 2). Essa capacidade de tecer um panorama tão abrangente de influências demonstra como Chaucer foi um pioneiro ao introduzir uma literatura globalizada em sua época.

Entre as evidências do conhecimento adquirido por Geoffrey Chaucer em suas viagens destaca-se *The Manciple's Tale*, presente em *The Canterbury Tales*. O personagem do Cavaleiro menciona várias regiões que carregam a marca das Cruzadas: lugares como Alisaundre, uma cidade no Egito; Lyeys, situada no sudoeste da Turquia; Palatye, uma cidade localizada na Anatólia; Belmarye, hoje no território marroquino. Esses locais são testemunhos das jornadas do cavaleiro peregrino de Chaucer (HEFFERNAN, 2003, p. 8-9). A narrativa do *The Man of Law's Tale* é um

⁶ “Na manhã seguinte o mercador partiu para Flandres, levando seu aprendiz como guia, e chegou a Bruges sem qualquer incidente. Uma vez lá foi logo tratar de seus negócios, comprando e fazendo empréstimos” (CHAUCER, 2014, p. 268-289).

⁷ “E trazia na cabeça um chapéu flamengo” (CHAUCER, 2014, p. 46-49).

testemunho do conhecimento geográfico e experiências vividas por Chaucer durante as Cruzadas, refletindo-se nas cidades e regiões mencionadas pelo cavaleiro em sua peregrinação. Esses relatos reforçam a amplitude das viagens do autor e acrescentam camadas de autenticidade e riqueza às suas histórias, incorporando nuances e contextos culturais de regiões distantes em suas narrativas literárias.

O envolvimento de Chaucer com o conhecimento árabe é evidente em sua adaptação do tratado de Masha-allah sobre o astrolábio. Embora sua obra não seja uma tradução direta, há indícios de que Chaucer reconhecia a origem árabe de sua fonte latina. Masha-allah, também conhecido como Messahala em latim, foi um astrólogo e astrônomo judeu do século VIII, ativo na corte abássida em Bagdá. O uso de ideias derivadas de Masha-allah ilustra a intersecção entre os saberes árabes e europeus, destacando o papel de Chaucer como mediador cultural, capaz de integrar tradições científicas e intelectuais de diferentes origens em sua obra literária (METLITZKI, 1977, p. 75).

Além disso, o tratado astronômico de Geoffrey Chaucer, datado por volta de 1391, permanece incompleto, mas sua segunda parte, preservada integralmente, menciona as Tabelas de Arsechieles, enquanto a terceira parte abrange tabelas de longitudes e altitudes estelares. Na Inglaterra, esses materiais circulavam amplamente, com muitos exemplares oriundos da Península Ibérica. Grande parte dessas tabelas foi incluída nos *Libros del saber de astronomía*, uma coleção de tratados astronômicos traduzidos do árabe para o castelhano durante o reinado de Alfonso X, o Sábio (1252–1284), monarca de Leão e Castela.

A conexão de Chaucer com os reinos ibéricos, mediada pelo casamento de João de Gante com Constança de Castela, possivelmente facilitou seu acesso a esses textos traduzidos sob o patrocínio de Alfonso. Essa proximidade intelectual e cultural pode ter ampliado o alcance do conhecimento astronômico de Chaucer, permitindo-lhe integrar saberes traduzidos do árabe em sua produção literária e científica. Tal influência evidencia a circulação de ideias entre diferentes culturas e o papel de Chaucer como um mediador entre tradições intelectuais diversas, enriquecendo tanto sua obra quanto o desenvolvimento do pensamento científico e literário inglês (METLITZKI, 1977, p. 76).

Nesse contexto, Geoffrey Chaucer pode ser compreendido como um *writer-traveller*, um termo proposto por Phillips (2016) para descrever autores medievais que não apenas viajaram, mas também incorporaram as experiências de suas jornadas em suas obras literárias. O poeta não apenas experienciou deslocamentos reais, mas também incorporou essas experiências em obras que dialogam com a tradição medieval de narrativas que não privilegiam necessariamente a voz em primeira pessoa ou o protagonismo heroico. Assim, muitas vezes, as viagens aparecem não como foco principal, mas como pano de fundo em gêneros diversos — épicos, romances e crônicas, como

as das Cruzadas — revelando a complexidade e o entrelaçamento entre experiência vivida e construção literária.

O conceito de *writer-traveller* abrange escritores cujas viagens, reais ou indiretas, influenciaram suas produções literárias, mesmo quando essas experiências não ocupavam o centro das narrativas. Esses autores desempenhavam múltiplos papéis — diplomatas, mercadores, missionários e peregrinos — que frequentemente os colocavam em contato com diversas culturas e tradições. No caso de Chaucer, que atuou como diplomata e viajou extensivamente, essa vivência se reflete em sua obra.

Em *The Canterbury Tales*, ele transpõe suas observações das dinâmicas sociais e culturais de sua época para o plano literário, tal como Boccaccio fez em *Decameron* ao reunir histórias ligadas a um contexto social específico. A obra apresenta uma narrativa centrada em um grupo de peregrinos viajando para Canterbury, cada um narrando suas próprias histórias ao longo do percurso. Chaucer se inclui na trama como um dos peregrinos, posicionando-se como participante e observador da jornada. Essa abordagem reflete sua habilidade de combinar experiências pessoais com a ficção, enriquecendo sua obra com autenticidade e profundidade cultural.

Embora *The Canterbury Tales* não se enquadre em uma narrativa de viagem convencional, como as de Marco Polo, representa uma forma distinta de literatura de viagens medieval. Chaucer utiliza suas observações e interações acumuladas ao longo de suas viagens para construir uma obra que transcende o mero registro de itinerários, transformando essas vivências em histórias multifacetadas.

Geraldine Heng argumenta que a chamada "literatura de viagem" na Idade Média foi significativa na mobilidade cultural e na disseminação de experiências de lugares distantes ao público europeu, independentemente de os autores terem realmente viajado. Essas obras não se limitavam a apresentar descrições de terras remotas; elas funcionavam como veículos para transmitir memórias e vivências, transformando a percepção do mundo e nutrindo a imaginação coletiva europeia (HENG, 2021, p. 30). Nesse contexto, Geoffrey Chaucer pode ser interpretado como um *writer-traveller*, um autor cuja produção literária reflete tanto a diversidade cultural de sua época quanto suas experiências diretas e indiretas de viagem, incorporadas de maneira hábil em suas obras.

Atualmente, a existência dessas conexões são claras, porém, é importante ressaltar que, por muito tempo, a cultura oriental foi desconsiderada no Ocidente. Essa desconsideração se manifesta de forma paradoxal e contraditória, uma vez que, embora os conhecimentos avançados do Oriente fossem constantemente aproveitados, a representação dessa mesma cultura oriental era distorcida e superficial em várias formas de expressão, como nas literaturas de viagem.

Aline Silveira (2020) enfatiza a necessidade de considerar a literatura medieval não como um mero produto isolado, mas como um elemento intrínseco a uma rede complexa de conexões. Essa abordagem ressalta a transmissão dinâmica do conhecimento, conhecida como "translatio studiorum", evidenciando como as obras medievais viajavam por meio das rotas de comércio, nos mercados, nos círculos cortesãos, nas universidades e nas madrassas.

Chaucer, em sua escrita, personifica essa complexidade e diversidade, evidenciando influências provenientes de todo o mundo conhecido naquele período. Seu trabalho não é uma exceção, mas um reflexo do ambiente intelectual da época, onde muitos indivíduos compartilhavam uma perspectiva global, envolvendo-se em trocas culturais, transmissão de conhecimentos e comércio para além das fronteiras. A Idade Média, vista sob essa perspectiva, pode ser entendida como um período globalizado, caracterizado por conexões mais extensas entre pessoas e lugares do que geralmente imaginamos. Essas reflexões, exploradas no âmbito acadêmico, revelam a profundidade das interações e intercâmbios culturais durante esse período histórico.

Essas obras de viagem, embora tivessem a intenção de representar a vastidão e diversidade do mundo, frequentemente acabavam reduzindo as terras, tradições, povos e objetos orientais a meros detalhes exóticos e pitorescos. Isso era feito de uma forma que apelava para a emoção e a fascinação do público ocidental, transformando esses elementos culturais em souvenirs, quase como objetos de coleção para entreter ou fascinar o público local. Essas narrativas moldaram as percepções medievais sobre o mundo, oferecendo uma visão altamente estilizada e idealizada, adaptada aos gostos e interesses do público europeu. Tal representação fantasiosa do mundo contribuiu para a formação de uma visão eurocêntrica, influenciando as percepções sobre outras culturas e povos.

A compreensão dessas conexões transcende a visão estática da literatura medieval, demonstra a interconexão entre culturas e a influência mútua entre povos e regiões geográficas diversas. Reforçando a importância de considerar os intercâmbios culturais e intelectuais como uma parte da construção de identidades.

1.3 O CAMINHO PARA CANTUÁRIA

Os primeiros anos da vida de Geoffrey Chaucer foram cruciais para moldar sua visão de mundo e desenvolver suas habilidades literárias, preparando o caminho para suas contribuições à literatura inglesa. Durante esse período, Chaucer embarcou em uma série de viagens e ocupou cargos que o colocaram em contato direto com uma rica diversidade cultural, incluindo pessoas de diversos locais do mundo e com textos em latim e francês também de diversas localidades do

mundo. Essas experiências iniciais permitiram-lhe absorver influências que se revelariam essenciais em sua obra. Ao retornar e se estabilizar em Londres, Chaucer continuou a se imergir na sociedade diversa da Inglaterra, interagindo com uma ampla gama de culturas e ideias que enriqueceram ainda mais seu trabalho literário.

Em 1374, ele já se destacava como uma figura literária emergente, e ao retornar para Londres se estabeleceu em Aldgate, onde assumiu um cargo na Alfândega, gerenciando diariamente as exportações de lã e o comércio internacional. Esse momento marcou uma etapa significativa em sua vida pessoal e literária. O documento que concedeu a Chaucer o direito de residir sobre o portão de Aldgate, datado de 10 de maio de 1374, contribuiu para a sua trajetória. Este privilégio lhe ofereceu um lar em uma área estratégica de Londres que simbolizava o reconhecimento de sua importância e dos serviços prestados à Coroa. (JESUZ, 2017, p. 21) Ao receber essa concessão, Chaucer garantiu uma residência fixa o que contribuiu para sua inserção de maneira mais profunda na vida da cidade.

A cidade de Londres, em particular sua estadia em Aldgate, enriqueceu suas experiências. *The Canterbury Tales* é um testemunho dessa influência. A obra de Chaucer, ao apresentar uma grande diversidade de personagens, proporciona aos leitores uma visão abrangente da sociedade medieval inglesa, refletindo a complexidade e a diversidade da vida na Inglaterra do século XIV. A variedade de vozes e perspectivas presentes nos contos de *The Canterbury Tales* permite uma imersão nas diferentes realidades e experiências dos personagens, oferecendo uma leitura profunda das dinâmicas sociais da época.

A concessão de residência sobre Aldgate foi, portanto, muito mais do que um benefício pessoal para Chaucer; foi um fator determinante para a evolução de sua carreira literária. Essa experiência proporcionou-lhe uma visão única da vida urbana e permitiu-lhe incorporar essa riqueza de observações em suas obras, resultando em uma literatura que não só capturava a essência da sociedade de sua época, mas que continua a ser admirada pela sua profundidade e autenticidade. Chaucer conseguiu, através de sua janela em Aldgate, capturar as múltiplas facetas da vida londrina medieval e transformá-las em uma obra literária que resistiu ao tempo e permanece relevante até hoje (JESUZ, 2017, p. 21).

A partir de sua janela em Aldgate, Geoffrey Chaucer pode observar por uma perspectiva abrangente da Inglaterra durante a Idade Média. Esta posição estratégica lhe oferecia um panorama privilegiado, onde ele podia observar não apenas a movimentação incessante de pessoas, mercadorias e mercadores, mas também as interações sociais e culturais que definiram a identidade da cidade. Londres, com suas ruas estreitas e movimentadas, era um ponto de convergência para uma ampla gama de atividades comerciais e sociais, que se desenrolava diante dos olhos de Chaucer em um fluxo contínuo de vida urbana.

O comércio era o coração pulsante da cidade, simbolizando o constante intercâmbio de bens e ideias entre diferentes regiões. Mercadores de todas as partes do reino, e até mesmo de terras estrangeiras, traziam consigo produtos exóticos, novas informações e, às vezes, línguas e costumes diferentes. Essa troca incessante impulsionava a economia da cidade, contribuindo para uma crescente diversidade cultural. Chaucer, ao observar essas interações diárias, captava a essência desse dinamismo e incorporava essas nuances em suas obras. A verossimilhança com que ele retrata as figuras mercantis em *The Canterbury Tales* exemplificam como essas observações influenciaram sua escrita.

Além do comércio, Chaucer também era testemunha das procissões paroquiais e dos rituais cívicos que exerciam uma influência significativa na vida comunitária dos Ingleses. Esses eventos eram momentos de união e celebração, reforçando o espírito de coletividade e tradição entre os londrinos. As procissões religiosas, em particular, ofereciam um vislumbre das crenças e práticas que permeavam a vida cotidiana, enquanto os rituais cívicos refletiam as estruturas de poder e hierarquia social da época (JESUZ, 2017, p. 42).

No entanto, a vida urbana na Londres medieval não era isenta de tensão. Rivalidades internas e ameaças externas eram constantes, gerando um clima de conflito que permeia a cidade. As disputas entre diferentes facções, tanto políticas quanto religiosas, criaram um ambiente de incerteza e volatilidade. Possíveis ataques à cidade, seja por forças estrangeiras ou por tumultos internos, adicionavam uma camada de ansiedade à vida dos habitantes. Chaucer, ao observar esses aspectos mais sombrios da vida urbana, incorporou a tensão e o conflito em suas narrativas, explorando as ambivalências e contradições da sociedade medieval (JESUZ, 2017, p. 42).

Dessa maneira, esses cenários conduziam sua visão de mundo e sua abordagem literária. Em Aldgate, ele não via apenas uma cidade movimentada, ele percebia as interações sociais, os rituais, os conflitos e as trocas culturais que, juntos, formavam a identidade multifacetada de Londres. Essas experiências diretas tornaram-se uma fonte rica de inspiração, permitindo-lhe capturar com precisão a complexidade e a riqueza da vida urbana medieval em suas narrativas.

Assim, as obras de Geoffrey Chaucer, especialmente *The Canterbury Tales*, apresentam elementos que sugerem uma interação próxima com a vida urbana de Londres. A diversidade de personagens e situações retratadas em seus textos indica um interesse pelas dinâmicas sociais da época. Sua escrita incorpora aspectos do cotidiano urbano, refletindo as transformações e complexidades da sociedade medieval. Dessa forma, a representação social em suas narrativas parece influenciada pelo contexto urbano em que esteve inserido.

Além disso, ainda em meados de 1374, Geoffrey Chaucer foi nomeado por Eduardo III para o cargo de *Controller of Custom* (Controlador Aduaneiro) até meados de 1385, uma posição de grande responsabilidade no contexto do comércio de lã, um dos pilares econômicos da Inglaterra

medieval (JESUZ, 2017, p. 21) Nesse papel, Chaucer estava profundamente envolvido na gestão e fiscalização de um setor determinante para a economia do reino, o que incluiu a manutenção de registros detalhados e contas relacionadas às exportações de lã. Este período de sua vida marcou uma fase de intenso envolvimento nos processos burocráticos e comerciais que sustentavam as finanças da Coroa inglesa.

A nomeação de Chaucer para esse cargo de prestígio coincidiu com sua viagem a Gênova, realizada entre o final de 1372 e o início de 1373. Esta viagem, que se inseria no contexto do comércio de lã, teve como objetivo fortalecer as relações comerciais entre Inglaterra e Itália, uma das principais rotas de comércio europeias da época. A lã inglesa era uma das commodities mais valiosas da Europa, e o papel de Chaucer como embaixador e controlador aduaneiro o colocou no centro das negociações que garantiam o fluxo contínuo desse comércio vital.

Como controlador do costume da lã, Chaucer era incumbido de várias responsabilidades fundamentais. Ele estava diretamente envolvido na arrecadação de impostos sobre as exportações de lã, que constituíam uma das principais fontes de receita para a Coroa. Este trabalho exigia uma vigilância rigorosa para garantir que os exportadores cumprissem suas obrigações tributárias e que não houvesse evasão fiscal, um problema comum na economia medieval. Chaucer, assim, exerceu uma função de extrema importância na sustentação das finanças do reino, assegurando que os tributos fossem corretamente recolhidos e contabilizados.

Uma parte significativa de suas funções incluía a colaboração estreita com outros oficiais da alfândega, como os coletores, troners, e pesadores, para assegurar a precisão das contas e das pesagens de mercadorias. Chaucer supervisionava o processo de pesagem da lã, verificando os pesos e medidas utilizados no comércio, e garantindo que as operações fossem conduzidas de acordo com as normas estabelecidas. Ele também era responsável por revisar os registros dos empacotadores e assegurar que apenas os empacotadores autorizados estivessem envolvidos na preparação da lã para exportação, garantindo a integridade do processo.

A gestão de transações financeiras também era uma parte central do trabalho de Chaucer. Ele lidava com pagamentos devidos a comerciantes, além de gerenciar as interações com os credores do rei, que tinham o direito de coletar reembolsos sobre o costume da lã. Este aspecto de sua função o colocava em contato constante com as complexidades das finanças públicas e privadas, proporcionando-lhe uma compreensão aprofundada das relações econômicas que sustentavam a sociedade medieval.

O tempo de Chaucer na Casa de Contagem, onde se realizavam essas operações, teve um impacto profundo em sua imaginação literária e na forma como ele enxergava o mundo ao seu redor. O ambiente estruturado da Casa de Contagem, com seu foco em contas, números e comércio, ofereceu a Chaucer uma nova perspectiva sobre as complexidades da vida econômica e social. A

exposição às intrincadas dinâmicas do comércio e aos processos burocráticos envolvidos na arrecadação de impostos ampliou sua compreensão sobre o comportamento humano e as interações sociais, temas que ele exploraria de maneira rica e sofisticada em suas obras literárias (TURNER, 2020, p. 193 - 196).

A Casa de Contagem incentivou Chaucer a explorar, de forma mais profunda, os temas de comércio, moralidade e dinâmicas sociais em sua escrita. Por exemplo, a interação entre transações econômicas e relações pessoais é evidente em contos como o *The Shipman's Tale*, onde ele habilmente entrelaça temas de contabilidade, narrativa e sexualidade. Os trocadilhos e metáforas que Chaucer utilizava em suas narrativas frequentemente derivavam de suas experiências na Casa de Contagem, destacando as conexões sutis entre diferentes aspectos da vida, como economia e relações pessoais. Essas experiências trouxeram uma camada adicional de significado para seus escritos, permitindo-lhe criar personagens e situações que refletiam a complexidade do comportamento humano em um mundo em constante negociação entre o material e o moral. (TURNER, 2020, p. 193 - 196)

Além disso, o papel de Chaucer na Casa de Contagem exigia colaboração e comunicação com uma variedade de oficiais e mercadores, o que provavelmente aprimorou sua apreciação por perspectivas e narrativas diversificadas. Este engajamento com diferentes vozes e experiências é claramente refletido no rico mosaico de personagens e histórias encontrados em *The Canterbury Tales*. A habilidade de Chaucer de entrelaçar diferentes pontos de vista e classes sociais em suas obras demonstra como seu ambiente de trabalho influenciou seu estilo literário e suas escolhas temáticas, tornando suas histórias mais realistas e suas observações sociais mais penetrantes.

Por fim, a ênfase da Casa de Contagem na importância da comunidade e da interconectividade pode ter influenciado Chaucer na maneira como retratava as redes sociais em sua escrita. Ele reconheceu que as perspectivas individuais são moldadas por seus contextos e relacionamentos, um tema que ressoa em toda a sua obra. Em seus escritos, Chaucer frequentemente explora como as conexões sociais e econômicas influenciam as decisões e comportamentos dos indivíduos, demonstrando uma visão perspicaz sobre como a vida em sociedade é tecida por uma complexa rede de influências mútuas.

Em suma, as experiências de Chaucer na Casa de Contagem lhe forneceram uma abundância de material e perspectivas que enriqueceram profundamente sua produção literária. Durante os últimos anos nessa função, Chaucer começou a trabalhar em *The Canterbury Tales*, por volta da década de 1380. Sua vida foi marcada por uma série de aventuras e experiências variadas que moldaram profundamente sua visão de mundo e sua escrita. Como funcionário da corte e diplomata em missões na Itália, França e Navarra, Chaucer teve contato com as obras de grandes escritores e foi exposto a diferentes culturas e sistemas de pensamento. Essas experiências ampliaram

significativamente seu horizonte intelectual, permitindo-lhe explorar e refletir sobre uma rica diversidade cultural em sua obra.

No entanto, o prestígio duradouro de Chaucer como poeta não se deve apenas à variedade de suas experiências, mas também à versatilidade de suas histórias, que se adaptaram a diversas agendas ideológicas ao longo dos séculos. Ele é o único autor de sua época que alcançou um reconhecimento tão amplo e duradouro como grande poeta inglês, uma posição que manteve por séculos. Desde sua própria era até o início do século XX, todos os grandes poetas e literatos ingleses e americanos fizeram, em algum momento, alusão a Chaucer. Sua influência permeia toda a literatura inglesa subsequente, desde Edmund Spenser e William Shakespeare até os escritores modernos, que reconheceram em Chaucer uma fonte de inspiração e um exemplo de maestria literária.

O reconhecimento da importância de Geoffrey Chaucer é simbolizado de maneira concreta pelo local de seu sepultamento. Chaucer foi enterrado na Abadia de Westminster, um lugar tradicionalmente reservado para a realeza e para as figuras mais ilustres da história inglesa. Seu túmulo, situado no “*Poet’s Corner*” (Canto dos Poetas), foi o primeiro a ser erigido nesse espaço prestigioso, marcando o início de uma tradição de homenagear grandes escritores ali. Esse ato reafirma seu status como o “pai da poesia inglesa” (BREWER, 2009, p. 2) e consolidou sua posição como um dos pilares da literatura inglesa.

A vida e a obra de Geoffrey Chaucer oferecem uma perspectiva interessante sobre a sociedade medieval, destacando uma combinação de observação direta, habilidade literária e reflexão sobre os aspectos humanos. Chaucer esteve imerso em diversos aspectos de sua sociedade, o que lhe proporcionou uma visão privilegiada, ainda que muitas vezes parcial e limitada, das complexidades da Inglaterra medieval. *The Canterbury Tales* serve como um reflexo dessa sua experiência, mas também pode ser vista como um produto das tensões e contradições do contexto histórico em que foi escrita. Como aponta Medeiros (2007, p. 5), Chaucer satiriza os costumes e comportamentos de sua sociedade, mas também expôs as tensões emergentes entre as classes sociais. Sua crítica abrange os valores decadentes da cavalaria e da nobreza, mas sem uma condenação total, enquanto também reflete as complexidades e contradições da burguesia em ascensão. Assim, sua obra expressa uma visão plural da Inglaterra medieval, registrando as profundas transformações que moldaram a sociedade de seu tempo.

As tensões entre as línguas latina, francesa e inglesa, os conflitos identitários alimentados pela Guerra dos Cem Anos e as transformações nas estruturas de poder são elementos que atravessam toda a recepção crítica de Chaucer. Ao delinear o cenário político, social e linguístico da Inglaterra do século XIV, este capítulo situa a obra de Chaucer em seu contexto e estabelece as

bases para compreender os mecanismos pelos quais moldaram sua recepção em períodos posteriores.

CAPÍTULO 2: CHAUCER COMO SÍMBOLO CULTURAL: PERSPECTIVAS PÓS-COLONIAIS

2.1 IDENTIDADE, PODER E CULTURA

A relação entre teorias pós-coloniais e os estudos literários medievais tem despertado interesse crescente desde a segunda metade da década de 1990, à medida que pesquisadores buscam compreender como as dinâmicas de poder e as ideologias imperiais influenciaram a produção cultural da Idade Média. Embora haja debates sobre a aplicação do termo "pós-colonial" a contextos pré-modernos, muitos estudiosos têm argumentado que ele não se refere apenas a um período cronológico "após" o colonialismo moderno. Em vez disso, o termo pode ser entendido como um posicionamento crítico contínuo — ou seja, uma lente de análise que expõe, questiona e resiste às estruturas de dominação e hierarquias culturais, mesmo em contextos históricos onde o colonialismo moderno ainda não havia se consolidado.

Para isto, o medievalismo pós-colonial será adotado como uma lente teórica, fundamentada nas contribuições de críticos como Jeffrey Jerome Cohen (2000), Geraldine Heng (2021) e Suzanne Conklin Akbari (2009). Esses estudiosos apontam que, no final do período medieval, contemporâneo a Chaucer, já se delineava os primeiros discursos sobre orientalismo e nacionalismo. Embora ainda incipientes, esses discursos estavam profundamente inseridos no contexto cultural e político da época, tendo um papel decisivo na formação das interpretações posteriores da obra de Chaucer, vinculando-a a ideologias que se fortaleceriam com o advento do imperialismo inglês.

As sociedades medievais, frequentemente subestimadas em termos de complexidade, eram profundamente interconectadas por redes comerciais, políticas e culturais que ultrapassam fronteiras geográficas e temporais. A obra e as viagens de Geoffrey Chaucer exemplificam essas interações. Embora a Idade Média seja frequentemente percebida como alheia às dinâmicas coloniais, suas estruturas políticas e culturais expressam um envolvimento significativo em processos de construção de identidades e relações de poder que prefiguram o colonialismo moderno. Nesse contexto, o medievalismo pós-colonial tem contribuído para a compreensão da complexidade dessa era, especialmente ao investigar o surgimento do protonacionalismo ainda durante o período medieval.

A aplicação dos estudos pós-coloniais à Idade Média propõe uma reavaliação das narrativas históricas, destacando sua conexão intrínseca com relações de poder e estruturas hegemônicas. Essa abordagem desafia interpretações tradicionais, sugerindo que a história não pode ser compreendida isolada das dinâmicas de dominação e resistência que moldaram as interações culturais. O medievalismo pós-colonial, ao expandir o campo de investigação, oferece novas perspectivas para

interpretar a Idade Média, enfatizando como as ideologias imperialistas e as culturas dominantes influenciaram a sociedade medieval.

Embora frequentemente associado ao colonialismo moderno, o conceito de colonialidade pode ser considerado para períodos históricos anteriores, incluindo a Idade Média. Mesmo em um contexto aparentemente distante do colonialismo moderno, as dinâmicas de poder, resistência e construção de identidades estavam em curso, manifestando-se em práticas culturais, políticas e literárias. Essa perspectiva esclarece como relações assimétricas entre culturas influenciaram a organização social e a produção e circulação de narrativas literárias.

Nesse cenário, a obra de Chaucer emerge como um objeto de análise relevante para compreender as intersecções entre poder, identidade e cultura. Inserido em um contexto de interações multilíngues e multiculturais, Chaucer reflete as tensões e negociações características de seu tempo. Suas narrativas, ao mesmo tempo em que capturam elementos da diversidade cultural de sua época, também dialogam com discursos hegemônicos, contribuindo para a formação de uma identidade literária inglesa que se consolidava como parte do cânone ocidental. Assim, o estudo de sua obra no âmbito dos estudos pós-coloniais permite uma compreensão mais ampla e multifacetada da construção cultural e literária na Idade Média.

Neste contexto, a aplicação da teoria pós-colonial aos estudos medievais não se configura como uma simples apropriação, mas como uma abordagem natural, que permite compreender as várias forças históricas e literárias que contribuíram para as disputas coloniais da Idade Média. Essas dinâmicas manifestam-se em aspectos como a xenofobia e no protecionismo comercial, expressos tanto no mercado quanto nos espetáculos públicos; nas retóricas racialistas utilizadas na propaganda das cruzadas e nas representações do Islã; na apropriação de escritores canônicos, como Chaucer, para promover projetos (proto)colonialistas; e nas representações de hibridismo racial e étnico que surgem antes da modernidade. Essas dinâmicas ajudam a entender como as questões coloniais e raciais estavam entrelaçadas com a literatura e as ideologias da época, influenciando o pensamento medieval de forma significativa.

Um conceito central nesse campo é o de "midcolonial", introduzido por Jeffrey Jerome Cohen (2000), que sugere que as condições de colonialidade e pós-colonialidade não são exclusivas da era moderna, mas estão, de fato, presentes ao longo de toda a história. Cohen argumenta que a Idade Média, frequentemente considerada como uma época anterior às questões coloniais, também deve ser vista como um período marcado por relações coloniais e imperialistas, que moldaram as culturas, identidades e literaturas da época.

A adoção dessa perspectiva "midcolonial" provoca a visão tradicional da Idade Média como uma era isolada das dinâmicas coloniais e imperialistas. Em vez disso, Cohen propõe que as relações de poder, dominação e resistência que caracterizam o colonialismo moderno estavam

igualmente presentes nas sociedades medievais. Isso inclui, por exemplo, as várias ondas de colonização que a Inglaterra sofreu antes do século XII, e seus próprios empreendimentos coloniais na Escócia a partir do século X. A emergência do inglês como língua literária no final do período medieval, especialmente na obra de Chaucer, pode ser vista como um esforço para afirmar a independência cultural e linguística da Inglaterra em relação à dominação francesa, que havia se estabelecido desde a conquista normanda de 1066.

Ao reconhecer que processos coloniais ocorreram em diferentes culturas, sociedades e períodos históricos, a abordagem "midcolonial" amplia a compreensão da Idade Média, destacando a permanência das relações de poder coloniais ao longo da história. Esses processos de dominação, subalternização e resistência não se restringem a um único momento ou região geográfica; pelo contrário, são dinâmicas recorrentes que moldaram as interações culturais em diversas épocas. Elementos como o contato entre culturas, a miscigenação e o hibridismo cultural foram tão presentes na Idade Média quanto em períodos posteriores, evidenciando a complexidade das relações sociais e políticas dessa era.

Nesse contexto, o uso do pós-colonialismo como estrutura teórica para estudar a Idade Média não representa uma aplicação anacrônica de conceitos modernos, mas uma abordagem crítica que possibilita novas interpretações sobre as interações entre poder, cultura e identidade nesse período. As dinâmicas de dominação e subalternização, recorrentes em diferentes momentos históricos, permitem compreender como as narrativas medievais, como as de Chaucer, refletem e, simultaneamente, resistem às forças de poder de sua época. Por meio dessa perspectiva, é possível evidenciar camadas mais complexas da sociedade medieval e das influências que moldaram sua literatura, ampliando nosso entendimento sobre os processos culturais e históricos que transcendem fronteiras temporais.

Sharon Kinoshita (2006) oferece uma perspectiva crítica sobre o enfoque do medievalismo pós-colonial, apontando para a necessidade de considerar a especificidade cultural e temporal dos contextos analisados. Segundo Kinoshita, muitos estudos no campo acabam por sugerir uma continuidade ideológica, apresentando a Idade Média como o berço ou momento de consolidação das ideologias que sustentariam o expansionismo colonial europeu. Tal abordagem, ainda que produtiva, pode inadvertidamente reforçar noções anacrônicas, interpretando a Idade Média exclusivamente como um prelúdio ao colonialismo moderno, desconsiderando as particularidades históricas e culturais que configuraram aquele período.

Contudo, a ideia de um colonialismo medieval, ou de um nacionalismo latente, não deve ser encarada como uma imposição de conceitos modernos sobre o passado, nem reduzida a uma perspectiva linear, mas sim compreendida dentro das complexas dinâmicas culturais e políticas da época. Conforme assinalado pela própria autora Kinoshita, tais análises devem ser realizadas com

cautela para evitar a simplificação ou naturalização de processos históricos complexos. Por isso, considera-se que discursos acerca do pós-colonialismo medieval não surgiram de maneira contingente ou linear, mas foram características em decorrência das condições específicas da Inglaterra medieval e pelas interações culturais e políticas daquele período.

Cohen (2016) argumenta que no século XII, um período que também é marcado por intensas transformações políticas, culturais e sociais na Inglaterra, revela como esses desafios ecoam de forma semelhante no século XIV, quando as identidades coletivas da Inglaterra enfrentaram processos de consolidação e fragmentação. O autor argumenta que, tanto no século XII quanto no XIV, a sociedade inglesa teve de lidar com a tensão entre a necessidade de construir uma identidade coesa e a realidade de uma diversidade cultural interna significativa.

Nesse contexto, a Guerra dos Cem Anos (1337–1453) entre Inglaterra e França exemplifica como essas dinâmicas operaram na prática. Esse conflito não apenas reconfigurou fronteiras e alianças políticas, mas também catalisou transformações importantes nas formas como a identidade cultural era concebida. Ainda que a elite aristocrática continuasse a utilizar o francês anglonormando como principal língua de prestígio, observa-se um crescimento significativo da produção literária em inglês vernáculo, especialmente no âmbito urbano e administrativo. A noção de uma “identidade inglesa” durante esse período, portanto, deve ser entendida como um projeto em formação — uma etapa liminar em que discursos de pertencimento começavam a se articular, mas ainda coexistiam com práticas linguísticas e culturais herdadas do domínio normando. Nesse processo, a literatura desempenhou papel crucial ao formular símbolos de unidade e orgulho coletivo, mesmo dentro de um contexto de pluralidade linguística e social. Sob essa ótica, o medievalismo pós-colonial oferece uma lente útil para conectar fenômenos históricos específicos, como a Guerra dos Cem Anos, a questões mais amplas de identidade, resistência e produção cultural.

A Guerra dos Cem Anos não foi apenas um conflito prolongado entre a Inglaterra e a França, mas também um evento que refletiu na maneira como os Ingleses percebiam sua cidade e seu papel no mundo. À medida que a guerra avançava, a necessidade de uma identidade coletiva entre os londrinos tornou-se cada vez mais urgente. Em um contexto de ameaças constantes e instabilidade, a cidade começou a ser vista não apenas como um centro de poder, mas como um símbolo de resistência e coesão. Os cidadãos, vivendo sob a sombra de possíveis ataques e incertezas, passaram a enxergar a Inglaterra como um refúgio de segurança e prosperidade. Essa visão foi reforçada pela mobilização coletiva para a defesa da cidade e pela alocação de recursos para proteger seus habitantes. O resultado foi o fortalecimento de um sentimento de pertencimento e solidariedade entre os londrinos, que se viam como parte de uma comunidade unida em torno de um objetivo comum: a preservação de sua cidade e de sua forma de vida (JESUZ, 2017, p. 17).

Além disso, a guerra reforça a identidade coletiva, além de destacar questões pertinentes relacionadas à cidadania e à participação política. A necessidade de organizar a defesa e garantir a segurança da cidade levou a um aumento na participação política, com diferentes grupos sociais se unindo em prol de interesses comuns. Esse processo não só consolidou a ideia de que a identidade londrina estava profundamente ligada à responsabilidade cívica, mas também promoveu a formação de alianças que transcendiam as divisões sociais tradicionais. A cidade se torna um espaço onde a participação política se fazia necessária, onde a responsabilidade pelo bem comum era compartilhada por todos.

A relação ambígua com os franceses, que eram ao mesmo tempo adversários e, em certas circunstâncias, aliados, também teve um papel importante na formação da identidade londrina. Essa relação complexa criou uma tensão entre rivalidade e irmandade, refletida nas interações sociais e nas narrativas que circulavam pela cidade. A guerra afeta a economia de Londres, mas também as memórias coletivas e as histórias que os londrinos contavam sobre si mesmos e sobre sua cidade. Obras literárias da época, como as de Geoffrey Chaucer, capturaram essas nuances, expressando as ansiedades e as esperanças dos cidadãos em relação à sua identidade e ao futuro de Londres.

Economicamente, a Guerra dos Cem Anos teve um impacto dúbio. Por um lado, a cidade se beneficiou do aumento do comércio e da centralização do poder; por outro, o conflito trouxe dificuldades econômicas e tensões sociais. As crises financeiras e o descontentamento resultantes do prolongado estado de guerra levaram a revoltas e instabilidade, desafiando a imagem de Londres como um bastião de estabilidade e prosperidade. Essa dualidade—entre a força percebida e as vulnerabilidades subjacentes—tornou-se uma parte central da narrativa identitária dos londrinos, moldando a maneira como eles viam sua cidade e seu papel dentro dela (JESUZ, 2017, p. 17).

Em suma, a Guerra dos Cem Anos deixou um impacto duradouro na percepção que os ingleses tinham de sua cidade, promovendo um forte senso de unidade e identidade coletiva, ao mesmo tempo em que desafiava as estruturas sociais e econômicas estabelecidas. A experiência compartilhada de conflito, marcada pela resistência e pela redefinição de fronteiras culturais e territoriais ajudou a forjar uma identidade inglesa, refletindo as ambições dos habitantes e transformando as estruturas sociais e econômicas vigentes. Esse período de instabilidade e reconstrução revelou a resiliência e a adaptabilidade dos habitantes de Londres, evidenciando as múltiplas camadas de uma identidade em constante evolução.

Dessa forma, a formação da identidade inglesa nesse período revelou-se multifacetada, envolvendo fatores como o senso de pertencimento e a interação com o ambiente urbano. A construção de uma identidade cultural, por sua vez, exige a criação de narrativas que justifiquem processos de homogeneização. Nesse cenário, a literatura assume um papel ideológico. Chaucer e

seus contemporâneos, ao privilegiar certos aspectos em suas obras, participaram de um processo dinâmico de construção e reafirmação cultural.

A leitura de Chaucer sob essa ótica amplia nossa compreensão das questões individuais e coletivas, demonstrando como a literatura pode servir como um campo de batalha para as disputas de poder. Através de suas histórias, Chaucer nos oferece uma visão sobre a natureza mutável da identidade, sugerindo que ela é um campo de negociações contínuas, moldada por forças sociais, políticas e culturais em constante transformação. Assim, *The Canterbury Tales* não deve ser lido apenas como uma representação simbólica da sociedade inglesa medieval, mas como uma representação discursiva — isto é, uma construção literária que participa ativamente da formulação e contestação de identidades sociais e culturais em um período marcado por intensos deslocamentos e conflitos.

Essa interpretação é apoiada por estudiosos como Altschul (2008, p. 4), que, em seu artigo *Postcolonialism and the Study of the Middle Ages*, retoma a perspectiva de Kofi Campbell para destacar como o surgimento do inglês literário na época de Chaucer funcionou como uma forma de resistência à dominação cultural francesa. Campbell argumenta que, ao desenvolver uma tradição literária no vernáculo, escritores medievais como Chaucer estavam engajados em um processo de descolonização cultural, recusando a hegemonia do francês como idioma da corte e do prestígio. Esse movimento não apenas buscava afirmar uma literatura autônoma, mas também contribuía para a formulação de uma identidade nacional embrionária, ainda em tensão — marcada pela coexistência de línguas e lealdades — mas que, ao privilegiar o inglês como meio de expressão literária, ensaiava os contornos de uma comunidade imaginada⁸ ancorada na língua comum.

O próprio ato de escrever em inglês em um período em que o latim e o francês ainda dominavam os círculos literários e acadêmicos demonstra a habilidade de Chaucer em navegar pelas complexas dinâmicas de poder linguístico e cultural. Essa escolha reflete, como argumentado por Zink, uma noção emergente de literatura como espaço de tensão entre tradição e inovação. Ao adaptar gêneros literários oriundos de tradições latinas, árabes, francesas e italianas para o inglês, Chaucer inseriu sua obra em uma longa tradição de traduções e adaptações que, de acordo com Zink, poderiam recontar a história da cultura medieval.

Adicionalmente, Chaucer não apenas replicou essas tradições, mas as transformou, imbuindo-as de um caráter distintamente inglês. Sua opção por escrever em inglês vernáculo — em um período em que o francês e o latim dominavam os círculos cultos e a produção literária — pode ser interpretada como um gesto de afirmação cultural, ainda que não declarado explicitamente. Essa escolha linguística ganha relevância quando considerada no contexto de uma elite anglo-normanda

⁸ Referência ao conceito de *comunidade imaginada* desenvolvido por Benedict Anderson em *Imagined Communities: Reflections on the Origin and Spread of Nationalism* (1983), no qual ele argumenta que as nações são construções sociais formadas por indivíduos que se percebem como parte de um coletivo, mesmo sem contato direto entre si.

ainda fortemente marcada pela cultura francesa. Paralelamente, a inclusão de temas e cenários orientais em suas narrativas contribui para construir contrastes simbólicos entre o que era percebido como inglês e aquilo que era visto como externo. Todos os personagens peregrinos de Chaucer falam inglês, independentemente dos cenários narrativos — como em *The Prioress's Tale*, situado na Ásia, ou *The Squire's Tale*, ambientado em Sarraie, “in the land of Tartarye” (atualmente o sul da Rússia). No caso específico de *The Prioress's Tale*, a narrativa expressa uma visão intensamente cristã e hostil aos judeus, refletindo o fervor religioso e o orgulho na fé que compunham elementos centrais da identidade inglesa no período. O antagonismo em relação a grupos percebidos como “estrangeiros” pode ser lido, assim, como reflexo das tensões em torno da afirmação do inglês como língua literária e símbolo de uma identidade cultural emergente.

As reflexões de Zehnter (2015) em *Hybrid Identities in Chaucer's Post Colonial Canterbury Tales* nos oferecem perspectivas importantes para a interpretação desse contexto, especialmente quando analisada juntamente à luz das teorias pós-coloniais. A autora destaca como as dinâmicas de poder, as interações culturais e a formação de identidades aplicadas à obra de Chaucer, transmitem as nuances das identidades híbridas que emergem em situações coloniais e pós-coloniais.

Zehnter argumenta que Chaucer, através de sua obra *The Canterbury Tales*, participa da narrativa literária de seu tempo, mas também reescreve e descoloniza as histórias que herdou. Ele o faz ao criar personagens que, em suas diversidades, resistem às formas tradicionais de representação e desafiam as normas sociais e culturais dominantes. Por meio dessas figuras, Chaucer consegue representar as complexidades sociais de sua época e abrir espaço para a contestação e a redefinição das identidades. Assim, as identidades que emergem em *The Canterbury Tales* não são fixas ou monolíticas, mas sim fluidas e híbridas, resultado direto das tensões e influências culturais da época.

A recusa às estruturas metropolitanas, conforme observado por Zehnter (2015), envolve a rejeição consciente do poder e da autoridade metropolitana, neste caso representados pelos normandos, suas tradições, valores e estruturas hierárquicas transmitidas e fixadas em sua língua. Ao criar narrativas que questionam as hierarquias impostas, Chaucer reconfigura tradições literárias herdadas e lhes atribui características e significados culturais móveis, transformando-os em processos ambíguos e abertos à contestação.

Ao analisar *The Miller's Tale*, Zehnter destaca a escolha do gênero *fabliau* como um elemento significativo, argumentando que os gêneros literários são “formas centrais de construção da realidade coletiva” (ZEHNTER, 2015, p. 5). Embora o conto compartilhe características com os *fabliaux* franceses — como o estilo ágil, o enredo humorístico, satírico e de caráter sexual —, Chaucer altera aspectos dessas convenções, principalmente na caracterização dos personagens. Um exemplo marcante é a figura de Alison, que, além de ser descrita visualmente como sedutora, revela

uma inteligência estratégica ao manipular os homens que disputam sua atenção, subvertendo os arquétipos femininos recorrentes nesse tipo de narrativa.

Essa subversão pode ser lida também como uma resposta dialógica a outras tradições literárias medievais que valorizam mulheres astutas, como as heroínas do *Roman de la Rose*, certas personagens das *lais* de Marie de France ou mesmo figuras clássicas reinterpretadas em compilações como *De Mulieribus Claris*, de Boccaccio. Nesse sentido, Chaucer insere Alison em um campo intertextual mais complexo, em que a figura feminina não apenas é objeto do desejo ou da sátira, mas agente ativa na construção da narrativa — aspecto que será mais evidente em *The Wife of Bath's Tale*, onde a articulação entre gênero, autoridade e experiência feminina ganha centralidade.

Além de Alison, a complexidade do conto também se manifesta nas caracterizações de John, Nicholas e Absolon, que são contrastados por meio de suas idades, profissões e comportamentos dos personagens. John, representando o trabalho manual como carpinteiro, é confrontado com Nicholas, um estudante secular, e Absolon, um clérigo religioso. Esses contrastes são reforçados por personagens secundários, como os dois servos "Gille" e "Robyn" e o ferreiro "Gerveys". Em contraste com os *fabliaux* franceses, nos quais não há espaço para personagens secundários. Chaucer traça um enredo em que incorpora diversas tramas que se interligam (ZEHNTER, 2015, p. 6).

A trama central de *The Miller's Tale*, envolvendo a traição entre Alison e Nicholas, culmina no castigo cômico dos três protagonistas masculinos, cujos desejos sexuais os levam a situações humilhantes. Além disso, o texto de Chaucer permite uma subversão das virtudes comumente valorizadas pela sociedade. Alison, que em outro contexto seria julgada por sua falta de castidade, não é penalizada; pelo contrário, é retratada como uma heroína astuta. Diferentemente dos *fabliaux* clássicos, em que comportamentos femininos excessivos seriam condenados, Chaucer torna tais ações aceitáveis dentro do contexto de uma comédia. Alison, ao ocupar o centro da narrativa, subverte o papel tradicionalmente reservado às mulheres em sua época. Assim, *The Miller's Tale* explora a inversão de valores e relações de poder, dissolvendo dicotomias como masculino-feminino, bem-mal, sério-irônico e centro-periferia, enquanto o riso coletivo une vizinhos e os próprios peregrinos que escutam o conto (ZEHNTER, 2015, p. 6).

Zehnter (2015) argumenta que alguns contos de *The Canterbury Tales* são usados por Chaucer para modificar elementos da cultura normanda, como a rejeição do francês e a adaptação de gêneros literários, criando formas híbridas com caráter subversivo. Isso contribui para a construção de uma identidade cultural complexa. O que se observa é uma afirmação cultural vernacular que se posiciona em um espaço liminar: uma identidade ainda fluida, que se afasta da hegemonia normanda, mas que não configura uma ideologia nacional plenamente formada. A sátira

às diferenças de classe, o tom cômico e o uso do inglês vernacular em *The Canterbury Tales* não apenas evidenciam uma valorização das experiências cotidianas e das vozes populares, como também operam como mecanismos de resistência cultural. Esses elementos indicam a emergência de processos identitários ainda em constituição, marcados por uma sensibilidade híbrida e situada à margem dos modelos hegemônicos da tradição continental. Tal configuração literária pode ser compreendida como um dos núcleos fundamentais na construção de uma identidade cultural inglesa em formação, distinta, mas ainda distante, do conceito moderno de nação.

Nesse sentido, Chaucer apropria-se do gênero francês, tradicionalmente associado à cultura normanda, para expressar um espírito literário alinhado às particularidades de sua sociedade. Escrevendo no inglês vernáculo, ele utiliza o *fabliau* francês como um instrumento para subverter as relações de poder vigentes entre normandos e ingleses, inscrevendo suas narrativas com novos significados e reivindicando espaço para a língua e a cultura inglesa. Esse processo ocorre em um momento histórico em que o inglês ainda carecia de uma padronização linguística, reforçando o caráter dinâmico e transformador de sua obra.

Ao reconfigurar narrativas tradicionais e destacar a fluidez das identidades, Chaucer oferece uma perspectiva sobre as relações de poder em sua sociedade. Zehnter sugere que, ao fazer isso, ele participa de um processo de descolonização simbólica, onde os discursos hegemônicos são questionados e reimaginados. Os contos, portanto, funcionam como microcosmos onde ocorrem negociações culturais constantes, e onde personagens que inicialmente poderiam ser vistos como subordinados ou marginalizados encontram maneiras de afirmar suas vozes e identidades.

As dinâmicas de dominação e resistência que Chaucer explora em suas histórias são reflexos de um contexto histórico específico, mas as estratégias que seus personagens empregam para negociar suas identidades têm ressonâncias que ultrapassam seu tempo. Em muitos aspectos, essas narrativas continuam a ser relevantes para o entendimento de como as identidades são construídas, contestadas e negociadas em contextos coloniais e pós-coloniais modernos.

2.2 IDENTIDADE E ALTERIDADE EM “*THE CANTERBURY TALES*”

A narrativa Ocidental frequentemente obscurece a contribuição do Oriente na formação da literatura europeia, tratando-a como periférica ou secundária. Nos estudos sobre Chaucer, esse apagamento é evidente: muitas análises destacam predominantemente as influências italianas, como Dante (1265–1321) e Boccaccio (1313–1375), ou a tradição francesa dos *fabliaux*⁹, sem considerar

⁹ Os *fabliaux* são produções literárias curtas com conteúdo cômico e satírico. Na França, o estilo surgiu no século XII e tornou-se popular na Inglaterra por volta do século XIV, período em que Chaucer escreveu suas histórias. (Ver MACEDO, José Rivair. O real e o imaginário nos *fabliaux* medievais. Revista Tempo (UFF), v. 9 n. 17, p. 9-32, 2004.)

a presença árabe e islâmica em suas obras. Marion Turner (2019), por exemplo, associa as inovações estilísticas e a individualidade dos personagens de Chaucer ao Renascimento emergente e às influências literárias da Europa continental. No entanto, estudos mais recentes, como os de Heffernan (2003) e Menocal (2010), defendem que a cultura do Oriente foi essencial na formação do Ocidente medieval. Esses autores mostram como textos ocidentais — incluindo enciclopédias, tratados médicos e astronômicos, mapas, canções de gesta e romances — foram moldados por traduções e adaptações de obras árabes, evidenciando uma intensa troca cultural.

Sua interação com a cultura islâmica não se limita às citações das figuras clássicas do Oriente. Estudos, como os de Barrington (2020), indicam que Chaucer teve acesso a versões latinas e francesas de contos orientais, os quais ele adaptou ao inglês, integrando-os às suas narrativas. Essas histórias abordam temas universais como amor, traição, honra, religião e moralidade, ultrapassando fronteiras culturais e enfatizando aspectos comuns da condição humana.

Contudo, a apropriação de histórias orientais por Chaucer nos mostram mais do que uma simples assimilação cultural. Apesar de reconhecer e integrar essas influências, ele frequentemente as modificava de maneira a reforçar uma distinção hierárquica entre o "eu" europeu e o "Outro" oriental. Essa estratégia de diferenciação não apenas inferiorizava o islâmico e o não europeu, mas também servia a um projeto mais amplo de construção identitária.

Dessa maneira, a obra de Chaucer pode ser interpretada dentro dessa tradição literária, onde a representação do Oriente como exótico, distante e, muitas vezes, inferior, serviu tanto para descrever realidades distantes, como para afirmar uma identidade europeia fundamentada na distinção e na superioridade em relação ao "Outro".

Cohen (2016), em *Hybridity, Identity, and Monstrosity in Medieval Britain: On Difficult Middles*, analisa de maneira incisiva o conceito de hibridismo no contexto da Inglaterra medieval e Como a exclusão e a demonização do "Outro" foram centrais para a formação de identidades coletivas na Inglaterra medieval, destacando as complexidades inerentes às identidades coletivas e à interação entre diferentes culturas e narrativas. O estudo de Cohen se alinha às teorias pós-coloniais, que concebem o hibridismo como um espaço provisório e instável, onde as diferenças culturais se entrelaçam de maneiras complexas, gerando zonas de desconforto e resistência às categorizações simplistas e binárias. Cohen argumenta que a criação de imagens monstruosas ou demoníacas do "Outro" — especialmente do Oriente — foi uma ferramenta ideológica poderosa, permitindo que os ingleses delimitassem o que significava ser "inglês". Ao reforçar essa dicotomia entre "nós" e "eles", Chaucer contribuiu para a consolidação de uma identidade cultural baseada na oposição e na exclusividade, alinhando-se às dinâmicas de poder e hierarquia de seu tempo.

A análise das interações de Chaucer com o Oriente possibilita compreender como as narrativas literárias medievais articularam questões de identidade e alteridade, moldando discursos culturais que tiveram ressonância duradoura. Essas práticas de exclusão, conforme argumenta Cohen, não se restringiam a esferas sociais ou culturais, mas estavam profundamente imbricadas em signos específicos que variavam de acordo com o contexto histórico e cultural. Elementos como símbolos religiosos, narrativas míticas e representações literárias foram fundamentais na construção da identidade medieval inglesa, atuando como marcadores visíveis de diferenciação.

A compreensão dessas divisões e da construção de identidades exige reconhecer sua natureza relacional, como discute Silva (2012). O processo de formação identitária envolve a atribuição de significados às relações que promovem o sentimento de pertencimento a um grupo. Segundo Silva (2012), identidade e diferença são conceitos interdependentes: a identidade não é apenas o resultado da incorporação de elementos internos, mas também do distanciamento em relação a outros. Nesse sentido, a identidade não constitui uma essência estática; ao contrário, ela é continuamente formada e reformada nas interações com outros indivíduos, grupos e realidades culturais.

A experiência de identidade emerge tanto pela afinidade quanto pela exclusão. Para afirmar quem somos, frequentemente nos definimos pelo que não somos. Nesse processo, declarações negativas, ou seja, afirmações sobre aquilo que rejeitamos ou excluimos, tornam-se particularmente relevantes. Silva (2012, p. 75) argumenta que a identidade é construída pela diferenciação, na qual a negação e o afastamento do "Outro" se tornam ferramentas indispensáveis. Assim, a formação identitária está intrinsecamente vinculada a processos de exclusão, os quais demarcam fronteiras culturais e sustentam relações de poder e dominação.

Jeffrey Jerome Cohen (2000) e Suzanne Conklin Akbari (2009) têm investigado a presença de elementos do discurso orientalista e nacionalista nesse contexto histórico, destacando como esses aspectos começam a se manifestar de maneira embrionária, mas perceptível. Trabalhos como *The Postcolonial Middle Ages*, editados por Cohen e *Idols in the East: European Representations of Islam and the Orient, 1100–1450* de Akbari, examinam as representações do Oriente e sua relação com a construção de identidades europeias, revelando as dinâmicas de alteridade e exclusão que marcaram a produção cultural da época. Longe de aplicar de modo acrítico categorias modernas como “colonialismo” ou “imperialismo”, essas leituras propõem pensar formas de organização simbólica que evocam lógicas de dominação.

Nesse sentido, Cohen (2016) demonstra que essa dinâmica de exclusão e inclusão estava profundamente enraizada na sociedade medieval inglesa, onde as identidades eram constantemente negociadas e renegociadas. A construção da identidade cultural inglesa, portanto, envolvia uma série de práticas na tentativa de definir as fronteiras culturais e sociais, reforçando as divisões

internas e externas por meio de representações que demonizam o "Outro". Isso solidificou as fronteiras identitárias, tornando-as mais rígidas e exclusivas, mas também criou um campo fértil para a emergência de identidades híbridas — espaços onde as categorias fixas eram desafiadas e a fluidez das identidades era explorada.

Dentro dessa dinâmica, Geoffrey Chaucer utiliza a figura do Cavaleiro em *The Canterbury Tales* como um veículo para representar ideais de identidade inglesa em conexão com a cristandade. No *Prólogo Geral*, Chaucer introduz o Cavaleiro como um símbolo da identidade inglesa medieval, ao mesmo tempo que reforça suas virtudes cristã e militar, destacando seu papel em batalhas contra os "inimigos de Deus" e sua adesão aos valores cavaleirescos.

A Knight ther was, and that a worthy man,
That fro the tyme that he first bigan
To ryden out, he loved chivalry,
Trouthe and honour, freedom and curteisye
Ful worthy was he in his lordes were,
And thereto hadde he riden (no man ferre)
As wel in Cristendom as hethenesse
And ever honoured for his worthinesse.¹⁰

Chaucer exalta as qualidades morais e militares do Cavaleiro, atribuindo-lhe uma "missão messiânica" de expansão do escopo da cristandade e um defensor da cristandade em conflitos contra inimigos religiosos e políticos. Ele é descrito como um homem nobre, cuja dedicação à cavalaria envolve verdade, honra, generosidade e cortesia. Essa representação pode ser vista como uma forma de valorizar os feitos individuais do personagem, mas também insere sua atuação em um contexto histórico que ecoa as tensões geopolíticas da época.

O valor do Cavaleiro é ainda mais enfatizado por sua participação em campanhas militares significativas:

At Alexandre he was, whan it was wonne
Ful ofte tyme he hadde the bord bigonne
Aboven alle naciouns in Puce
In Lettow hadde he reysed and in Ruce
No Cristen man so ofte of his degree
In Gernade at the sege eek hadde he be
Of Algezir and riden in Belmarye
At Lyeys was he and at Satalye

¹⁰ Estava lá um Cavaleiro, um homem muito digno, que, desde que principiar a montar, amava a Cavalaria, a lealdade e a honra, a cortesia e a generosidade. Valente nas guerras de seu suserano, embrenhara-se mais do que ninguém pela Cristandade e pelas terras dos pagãos, sempre reverenciado pelo seu valor (CHAUCER, 2014, p. 37).

Whan they were wonne; and in the Grete See
At many noble aryve hadde he be.¹¹

Ao destacar sua participação em campanhas militares para além da Inglaterra, lutando contra muçulmanos em vários locais, desde Alexandria, Al-Andalus, Ásia Menor e Armênia até o Norte da África. Este mesmo Cavaleiro auxiliou um rei "pagão", o Bey de Balat, contra outro turco pagão. Essas alianças de conveniência eram comuns durante as Cruzadas, onde cristãos e certos emires ou califas muçulmanos formavam parcerias temporárias para enfraquecer rivais mútuos. Por exemplo, o último sultão dos Banu Hud, Abd al-Malik, governante de Zaragoza, aliou-se ao cristão Alfonso I de Aragão para combater os muçulmanos almorávidas. (EL FAHLI, 2018, p. 258)

Ao usar o pronome “nós” em “*When we took Alexandria*”, Chaucer se reconhece como parte de um eu coletivo europeu maior. Essa visão utópica, no entanto, obscurece as muitas guerras, revoltas e conflitos religiosos cristãos que caracterizaram sua era, que estão notavelmente ausentes de sua obra.

Além disso, o uso de fontes clássicas, como *Teseida* e *Thebais*, reforça a intertextualidade da obra, conectando o Cavaleiro a um legado literário que transcende seu contexto imediato. Essas referências não são meramente decorativas; elas oferecem um espaço para que Chaucer critique cavaleiros que não seguem os valores que deveriam nortear suas ações. Assim, o personagem funciona como uma alegoria para a avaliação da ordem social e dos ideais cavaleirescos na Inglaterra medieval (EL FAHLI, 2018, p. 260).

A escolha de Chaucer de abrir *The Canterbury Tales* com o Cavaleiro é significativa, pois posiciona o personagem como um representante da identidade inglesa. Ele encarna uma lealdade ao soberano, como também uma luta em defesa da fé cristã em um período de crescente afirmação nacional. Essa construção se alinha ao contexto histórico da Inglaterra no final do século XIV, marcado por guerras contra potências estrangeiras e pela consolidação de uma identidade nacional moldada por uma aliança entre a monarquia, o cristianismo e os valores cavaleirescos.

A figura do Cavaleiro, idealizada por Chaucer, não é apenas uma celebração das virtudes individuais, mas também uma representação de como a literatura medieval contribuiu para a formação de uma narrativa nacional. Ao enaltecer a cavalaria como um pilar da sociedade inglesa, Chaucer reforça um senso de pertencimento coletivo em torno de valores religiosos, morais e militares que fundamentaram a identidade inglesa medieval.

A política de representação de Chaucer é ainda mais articulada em *The Man of Law's Tale*, onde uma forte oposição entre o mundo cristão verdadeiro e piedoso e um "bárbaro" é estabelecida.

¹¹ Esteve presente na conquista de Alexandria; muitas vezes na Prússia, coube-lhe a cabeceira da mesa, à frente de todas as nações; fez campanhas na Lituânia e na Rússia, mais que qualquer outro cristão de sua categoria; também esteve em Granada, no cerco de Algeciras; no reido de Ben-Marin; em Aias e Atalia, quando ambas foram tomadas e presenciou o desembarque de nobres armas às margens do Grande mar (CHAUCER, 2014, p. 37 - 38).

Enquanto os cristãos defendem fortemente sua fé, os muçulmanos estão prontos para renunciar a ela pelos prazeres mundanos; um caso em questão é exigência da renúncia do sultão ao islamismo e a conversão ao cristianismo por causa de Constança. Tal exigência implica na impossibilidade de coexistência entre o Islã e o Cristianismo. No entanto, antes da era de Chaucer e antes do início das cruzadas, muçulmanos, cristãos e judeus coexistiram e se influenciaram política, cultural e até religiosamente (EL FAHLI, 2018, p. 261).

The Manciple's Tale serve como uma alegoria que posiciona a Europa cristã como um bastião da virtude, em contraste com o Oriente, associado à corrupção e à perversidade. Embora situado fora da Inglaterra, a história de Constância reflete preocupações religiosas e morais que eram centrais na identidade cultural inglesa, especialmente o Cristianismo e a ideia de uma mulher virtuosa triunfando contra as adversidades. A ênfase na justiça divina e no poder moral de figuras cristãs ressoa com os valores da Inglaterra medieval. O conto narra a história de Constância, a filha de um Imperador romano que se torna noiva do Sultão da Síria com a condição de que ele se converta ao Cristianismo. Enfurecida pela ordem de conversão forçada, a mãe do Sultão assassina seu filho e Constância escapa por pouco do mesmo destino. Constância é culpada pela morte do Sultão e exilada. Constância representa a Europa. Descrita pelo narrador como “*In hir is heigh beautee, with-oute pryde,/ Yowthe, with-oute grenehede or folye;/ To alle hir werkes vertu is hir gyde,/ Humblesse hath sleyn in hir al tirannye./ She is mirour of alle curteisye.*”¹². Enquanto, em contraste, a sultana muçulmana é representada como “*O sowdanesse, rote of iniquitee,/ Virago, thou Semyram the secounde,/ O serpent under femininitee,/ Lyk to the serpent depe in helle y-bonde,/ O feyned women, al that may confounde/ Vertu and innocence, through thy malyce,/ Is bred in thee, as nest of every vyce!*”¹³. A comparação entre Constância e a sultana se insere dentro da visão cristã medieval, que muitas vezes idealizava a mulher cristã como modelo de virtude, enquanto as mulheres associadas a culturas não cristãs, especialmente o Islã, eram retratadas de maneira mais negativa. Nesse contexto, a sultana é descrita como uma figura monstruosa e ameaçadora, um reflexo da visão eurocêntrica da época sobre o Oriente, onde o Islã era frequentemente retratado como o antônimo da moralidade cristã.

A representação do Islã por Chaucer em *The Manciple's Tale* é derivada de percepções cristãs medievais do Islã com base nas traduções latinas do Alcorão e de vários textos islâmicos, o que proporcionava um ponto de vista condicionado por uma cultura cristã que via os muçulmanos e sua religião através de um filtro negativo. A representação do Islã em *The Manciple's Tale* coloca o cristianismo como a religião “verdadeira”, contrastando-a com a figura do muçulmano que, segundo

¹² “Possui beleza sem orgulho; juventude, sem estouvamento ou imaturidade; em tudo o que faz, guia-se pela virtude; nela, a humildade matou a prepotência. É o verdadeiro espelho da gentileza...” (CHAUCER, 2014, p. 218 219).

¹³ “Oh Sultana, raiz da iniquidade! Megera, Semiramis segunda! Ó víbora de rosto feminino, como a serpente que está presa lá no inferno! Oh mulher falsa, tudo o que, pela força do mal, destrói virtude e inocência, foi em ti que se gerou, ninho de todos os vícios!” (CHAUCER, 2014, p. 226 - 227).

a narrativa, "está pronto para renunciar à sua fé". Esse ponto de vista reforça a oposição entre o Ocidente cristão e o Oriente islâmico, em uma lógica de dualismo que associa a virtude e a "verdade" à Europa e a decadência e a falsidade ao Oriente.

The Manciple's Tale serve como uma obra onde a religião e a moralidade se entrelaçam com a política e as percepções culturais, dando um exemplo claro de como Chaucer, como outros escritores medievais, utiliza a literatura para consolidar visões ideológicas e culturais dominantes de sua época, especialmente em relação à identidade cristã e ao Outro, representado aqui pelos muçulmanos. A maneira como Chaucer idealiza a virtude cristã e demoniza a outra cultura oferece uma janela para as tensões e a visão de mundo da Europa medieval.

Isto posto, como argumenta Albuquerque (2012, p. 42), as identidades não são estáticas ou pré-existentes, mas se formam e se reformulam continuamente nas interações com o "Outro". No contexto medieval, ao escrever sobre o Oriente ou sobre comunidades não-cristãs, autores como Chaucer não se limitavam a uma observação neutra ou objetiva; estavam, de fato, engajados em um processo de construção identitária. Através da escolha de vozes narrativas específicas, da seleção de imagens e temas, e da forma como estruturavam seus textos, eles apresentavam o Oriente de maneira exótica, ameaçadora ou inferior. Essa construção, então, não só definia o "Outro", mas também afirmava uma identidade europeia e cristã, alicerçada na oposição a essa alteridade.

Esse processo de representação literária serve não apenas para marginalizar o "Outro", mas também para reforçar a coesão interna do grupo ao qual o autor pertence. Ao enfatizar a diferença e, muitas vezes, a inferioridade do "Outro", a literatura medieval contribui para a construção de uma identidade coletiva que é definida pela oposição a essas figuras externas. No caso de Chaucer, a maneira como ele molda suas narrativas e personagens em *The Canterbury Tales* demonstra um processo de legitimação cultural que é profundamente enraizado nas dinâmicas de poder de seu tempo. Ao fazer isso, é possível considerar que Chaucer participou da formação de uma identidade que, embora rica e multifacetada, foi igualmente marcada por exclusões e hierarquizações.

A análise de *The Canterbury Tales* sob essa lente do Orientalismo e das teorias pós-coloniais revela como a literatura medieval foi instrumental na construção de identidades coletivas, moldando percepções de "nós" versus "eles" que ecoaram ao longo dos séculos. Além disso, investigar indícios de orientalismo e nacionalismo latentes no período medieval, seja na Inglaterra ou em outras regiões, não significa estabelecer uma origem direta desses conceitos, mas buscar compreender as intrincadas dinâmicas sociais e culturais da época. No caso específico de Chaucer e das ideologias associadas à tradição construída em torno de sua obra, torna-se notório o motivo pelo qual sua produção literária foi empregada, tanto em seu contexto histórico quanto em períodos posteriores, como instrumento para afirmar uma identidade cultural.

Como argumenta El Fahli (2018), em *The Construction of Space(s) and Identity(s) in Medieval Literature: Geoffrey Chaucer's The Canterbury Tales as a Case Study*, a obra de Chaucer, ao mesmo tempo que contribuiu para a formação do conceito emergente "*Englishness*" e também expôs as tensões e contradições inerentes a tentativa de definir uma identidade cultural, em contraste com a "ameaça" externa, especialmente quando essa definição depende da marginalização e demonização representada pelo "Outro". Para ele, essa visão eurocêntrica, que apresenta a Europa como bastião da cristandade e da civilização, enquanto demoniza o "Outro" — muçulmano, judeu ou pertencente a outra fé —, reflete uma dinâmica de poder intrínseca ao processo de construção identitária da época (EL FAHLI, 2018, p. 256)

O conceito de hibridismo evidencia que as comunidades medievais eram marcadas por uma fluidez e diversidade que transcendem fronteiras culturais e sociais. As identidades não eram fixas, mas moldadas por interações culturais, negociações de poder e processos de adaptação mútua, resultando em comunidades dinâmicas e em constante transformação. Ao contrário das concepções tradicionais de pureza e homogeneidade, que muitas vezes dominam as narrativas históricas e culturais, essa abordagem indicam que as identidades medievais eram, na verdade, produtos de processos complexos de mistura, adaptação e interação entre diferentes culturas. Chaucer, tanto em vida quanto após sua morte, foi uma figura central nesse processo, cuja obra continua a ser um ponto de referência essencial para a compreensão da formação da identidade inglesa e da literatura como uma ferramenta de articulação cultural e política.

2.3 O PAPEL DO INGLÊS VERNACULAR NA AFIRMAÇÃO CULTURAL E LITERÁRIA DA INGLATERRA MEDIEVAL

Geoffrey Chaucer empregou o inglês vernáculo como um meio de consolidar um imaginário cultural inglês, ampliar o alcance de sua produção literária, promover um processo de descolonização cultural e reafirmar uma identidade distintiva em meio às influências normandas e francesas. Assim como os teóricos pós-coloniais consideram a literatura um meio de resistência ou consolidação cultural em contextos de dominação, as obras de Chaucer podem ser interpretadas como um esforço para valorizar a identidade cultural da Inglaterra medieval através do inglês vernacular. Sua produção literária sugere uma Inglaterra plural, mas unificada por meio de uma língua comum e de valores compartilhados, destacando o papel da literatura na construção e reafirmação de identidades nacionais.

A Inglaterra do século XIV vivenciava a expansão de suas redes de influência comercial, política e cultural, o que gerou a necessidade de preservar uma identidade distinta. A Guerra dos

Cem Anos (1337–1453) a preservação da imagem e da identidade inglesa, tanto em relação às outras cidades quanto diante do estrangeiro, foi uma preocupação. Além do impacto do conflito, a diversidade interna da Inglaterra e a sua posição insular, contribuiu para a formulação de uma singularidade cultural que buscava se afirmar em meio às constantes interações e tensões europeias. Mercadores, viajantes e estrangeiros contribuíram para a construção de uma sociedade dinâmica, caracterizada por trocas culturais intensas e pela convivência com o "Outro". Essas interações, embora muitas vezes marcadas por tensões, também fomentaram a adaptação e o diálogo cultural, elementos essenciais na construção de uma identidade nacional que soube articular sua unidade a partir da diversidade.

Nesse contexto, a emergência da literatura em língua inglesa deve ser entendida como parte de um movimento maior de afirmação cultural e construção de uma identidade nacional em resposta à longa influência francesa exercida desde a Conquista Normanda de 1066. A consolidação do inglês como língua literária e administrativa foi mais do que uma evolução linguística: constituiu-se em uma estratégia deliberada de resistência cultural às elites aristocráticas que haviam adotado o francês como símbolo de prestígio e poder. Como aponta Altschul (2008, p. 4), a popularização do inglês enquanto idioma literário representou uma ruptura significativa com séculos de dominação cultural e uma expressão de autonomia cultural. Esse processo reforçava o valor do inglês como um idioma de criação artística, enquanto contribuía para a articulação de uma identidade coletiva que transcendia as divisões sociais da Inglaterra medieval. Assim, a literatura em inglês, representava uma ferramenta de independência cultural e fortalecimento de uma identidade nacional que, ao mesmo tempo em que se definia em oposição às influências estrangeiras, celebrava a diversidade e a pluralidade da sociedade inglesa.

O contexto linguístico da Inglaterra no século XIV era extremamente complexo e refletia diretamente sua multiplicidade cultural. O inglês, embora amplamente falado pela população, ainda era visto como inferior em comparação com o francês e o latim, as línguas da elite e da administração, respectivamente. O francês, introduzido pela aristocracia normanda, havia se tornado a língua de prestígio, utilizada na corte e entre as classes dominantes. Já o latim, por sua vez, mantinha sua posição como a língua da erudição, da religião e da burocracia, sendo a escolha padrão para a produção de documentos oficiais e registros legais. O cenário multilíngue da Inglaterra medieval, portanto, não era apenas uma característica linguística, mas um reflexo das complexas interações de poder, cultura e identidade que definiram a época.

Rothwell (1994, p. 54) destaca que esse cenário trilingue era uma característica definidora, dado que o latim, apesar de ser uma língua não utilizada no cotidiano, continuava a ser indispensável para a comunicação formal e para a manutenção da estrutura administrativa do país. Sua universalidade permitia que transcendesse as barreiras regionais e fosse compreendido por uma

elite educada em toda a Europa. Essa dependência do latim para assuntos formais sublinhava a divisão linguística e cultural da sociedade inglesa, onde diferentes idiomas serviam diferentes propósitos e refletiam diferentes esferas de poder e influência.

Durante séculos, o latim dominou os espaços acadêmicos e administrativos, enquanto o francês era a língua da corte e da nobreza. O inglês, até o século XIV, ocupava uma posição subalterna, limitada às classes populares e às práticas cotidianas. No entanto, o impacto da Guerra dos Cem Anos (1337 – 1453) e o gradual fortalecimento de um sentimento de identidade cultural inglesa abriram espaço para que o inglês emergisse como uma ferramenta de resistência cultural frente à hegemonia francesa. Em *The Canterbury Tales*, Chaucer demonstra plena consciência dessa mudança ao criar personagens de diversas classes sociais e ao empregar o inglês como meio de expressão, conferindo-lhe uma dignidade literária inédita.

As experiências de Geoffrey Chaucer como enviado diplomático e funcionário eventualmente influenciaram e foram essenciais para a formação de sua abordagem trilingue na escrita. Ao longo de sua carreira, Chaucer atuou em papéis que exigiam uma profunda compreensão e aplicação das três línguas predominantes da época: o latim, o francês e o inglês. Cada uma dessas línguas tinha um papel específico e bem definido na sociedade medieval inglesa, e a maneira como Chaucer as utilizou em sua obra ecoa a complexidade e a sofisticação de sua formação linguística.

Chaucer não se limitou a ser um poeta, mas se posiciona como um agente cultural cujas escolhas linguísticas, temáticas e estéticas contribuíram para a formação da identidade inglesa. Sua obra, especialmente quando analisada sob as perspectivas teóricas e históricas de Zink, revela como a literatura medieval não apenas refletiu, mas também moldou as estruturas culturais e ideológicas da época. A transição da oralidade para o escrito, a relação entre línguas vernáculas e latim, e a construção de narrativas de desejo e identidade, como discutido por Zink, oferecem um olhar profundo sobre a obra de Chaucer como um microcosmo das dinâmicas culturais e linguísticas da Inglaterra medieval. *The Canterbury Tales*, mais do que uma mera representação do seu tempo, surge como uma intervenção ativa na construção de uma identidade coletiva, usando a literatura para articular os valores, tensões e aspirações de uma sociedade em transformação. Por meio de suas obras, Chaucer passou a ser lido como uma figura central na defesa da identidade cultural inglesa e um protagonista nas disputas religiosas que moldaram o futuro do país, sendo colocado como um pilar da literatura inglesa.

Nesse contexto, a recepção inicial de Geoffrey Chaucer é fundamental para compreender como os primeiros estudiosos e contemporâneos contribuíram para consolidar sua reputação como uma figura central na literatura inglesa. Durante e após sua vida, Geoffrey Chaucer foi amplamente reconhecido como um escritor de destaque, cuja influência moldou a literatura inglesa. Poetas como Thomas Hoccleve (c.1368–c.1430) e John Lydgate (1370 – 1451), atuaram fortemente na

consolidação de sua reputação, atribuindo-lhe o título de "pai" da poesia inglesa. Hoccleve, em seu poema *Regement of Princes*, lamenta a morte de Chaucer e enaltece seu papel como fundador de uma tradição literária nacional, enquanto Lydgate perpetuou e ampliou essa imagem, transformando Chaucer em uma figura quase sagrada no imaginário literário inglês.

Através de estratégias como a compilação de suas obras, a elaboração de biografias, a atribuição de títulos honoríficos e a adoção de seu estilo como modelo literário, esses admiradores estabeleceram as bases para sua ascensão como parte fundamental do cânone inglês, um processo que continua a influenciar sua recepção até os dias de hoje. Essas reações e interpretações não se limitam a um simples elogio à aparente habilidade literária de Chaucer; elas também colaboraram para a construção da figura de "patriarca" da poesia inglesa, um símbolo de grandeza literária e um modelo a ser seguido. Essa reverência traçou o poeta como uma figura incontestável da língua inglesa, cuja obra não só definiu um padrão literário, mas também ajudou a moldar uma identidade cultural nacional em um período de grande transformação social e política. mas também ajudaram a forjar uma identidade cultural, mesmo nesse período, oferecendo uma base sólida para a emergência da "*Englishness*".

ajudaram a solidificar uma narrativa de excelência literária inglesa. Essa valorização contribuiu para unificar uma comunidade literária e cultural em torno de um ideal compartilhado de identidade cultural inglesa, especialmente em um período histórico marcado por transformações sociais, culturais e linguísticas.

Thomas Hoccleve, seu primeiro discípulo, atuou na perpetuação da imagem do poeta como fundador da tradição literária inglesa. Hoccleve, que trabalhou como escrivão do Selo Privado—ainda que sua posição administrativa possa parecer distante do mundo literário—dedicou-se também à poesia e demonstrou, em sua obra, uma profunda reverência a Chaucer. No poema *The Regement of Princes*, Hoccleve repete os louvores tradicionais à eloquência e profundidade das obras de Chaucer, contribuindo simbolicamente para a construção da figura de Chaucer como um ícone cultural.

Um dos momentos mais significativos do tributo de Hoccleve está nos versos que ele dedica ao mestre:

"O, maister deere, and fadir reuerent !
 Mi maister Chaucer, flour of eloquence,
 Mirour of fructuous entendement,
 O, vniuersel fadir in science !
 Allas ! þat þou thyn excellent prudence,

In bi bed mortel mightist naght by-qwethe;" ¹⁴

A citação demonstra o nível de respeito e veneração que Hoccleve nutria por seu mestre. Os versos "*O, maister deere, and fadir reuerent! / Mi maister Chaucer, flour of eloquence*" (Ó, meu querido mestre e reverenciado pai! Meu mestre Chaucer, flor da eloquência) expressam como o autor entendia as habilidades literária de Chaucer, e também admirava sua sabedoria e erudição. Ao se referir a Chaucer como "*flour of eloquence*" e "*mirour of fructuous entendement*" (flor da eloquência,/ Espelho de entendimento frutuoso,/), Hoccleve o coloca em um pedestal intelectual, dando ênfase no entendimento que seus contemporâneos tinha sobre o impacto que suas ideias e estilo literário tiveram na formação do discurso e do pensamento na Inglaterra. Indicando também a percepção que o autor tem de Chaucer como uma figura de um mentor, alguém cuja influência moldou o entendimento literário de sua época e transcendeu os limites de seu próprio tempo.

Ao descrever Chaucer como "*O, vniuersel fadir in science !*" (Pilar universal na ciência!), Hoccleve projeta sua admiração transformando o poeta em um símbolo "criador" da língua e cultura inglesa. Essa construção foi decisiva para o legado de Chaucer como o fundador de uma tradição literária que alicerçou a identidade da Inglaterra. Dessa forma, Hoccleve expande a importância de Chaucer para além da poesia, atribuindo-lhe uma posição de liderança intelectual. Na visão de Hoccleve, Chaucer transcende os limites de sua individualidade e torna-se uma figura coletiva, representando o renascimento do inglês como língua literária e a afirmação cultural da Inglaterra como nação emergente.

A expressão "o primeiro descobridor de nossa bela língua" ilustra Chaucer como uma figura central na construção do inglês médio como língua literária. Este tributo poético demonstra a profunda reverência que começou a moldar a recepção de Chaucer já nos primeiros anos após sua morte. A relação de aprendizagem e veneração com Chaucer era parte de um esforço mais amplo de consolidar a literatura como um campo central para a construção de identidades nacionais. Esse processo ideológico serviu para que Chaucer se consolidasse como um escritor talentoso e como o fundador de uma tradição literária que serviu como alicerce para a identidade literária e cultural da Inglaterra. A reverência expressa por Hoccleve antecipa a construção de um mito literário que acompanharia Chaucer ao longo dos séculos.

A reverência ao Chaucer, evidenciada nas palavras de Hoccleve, teve implicações duradouras para a forma como ele seria interpretado pelas gerações seguintes. De acordo com Edward (1998, p. 13), a publicação da edição de *Works of Chaucer* em 1532, por William Thynne (- 1546), marca a consolidação de uma nova identidade literária para Chaucer, associada ao período

¹⁴Ó, meu querido mestre e reverenciado pai!/ Meu mestre Chaucer, flor da eloquência,/ Espelho de entendimento frutuoso,/ Pilar universal na ciência!/ Ai de mim! Que tua excelente prudência,/ Em teu leito mortal, não pudesse ser transmitida;/ (HOCLEVE, 1897, p. 71).

renascentista por meio da forma impressa. Chaucer torna-se o primeiro poeta inglês a alcançar o status de ter suas obras reunidas em uma coletânea. Esse status foi reforçado pela inclusão da primeira biografia do autor, juntamente com um retrato e uma árvore genealógica.

A construção da imagem de Chaucer como uma figura mitológica e idealizada começa a se consolidar com a primeira biografia escrita por John Leland por volta de 1540. Redigida em latim e marcada por um tom reverente e patriótico, essa biografia enalteceu Chaucer, além de contribuir para a fusão entre sua vida e sua obra, criando uma narrativa biográfica "legendária" (BREWER, 2009, p. 56). O catálogo de Leland se torna uma referência fundamental para as biografias subsequentes, difundindo a imagem de um Chaucer nobre, erudito e multifacetado. Mesmo sem evidências concretas, ele é descrito como um jovem de origem aristocrática, formado em Oxford, e dotado de notável talento como lógico, orador, poeta, filósofo e matemático—atributos que o posicionam como o modelo ideal de um humanista (DOBRÁNSZKY, 2007, p. 152).

A perpetuação dessa imagem não se restringe às biografias; ela também se manifesta nas leituras e anotações renascentistas feitas nos exemplares das obras de Chaucer. Esses registros demonstram como sua recepção variava de acordo com o contexto e os interesses dos leitores da época, reforçando sua importância dentro do cânone humanista. Para alguns, Chaucer era uma figura mística, associada à magia e à alquimia; para outros, um poeta laureado, admirado por sua maestria literária. Além disso, ele podia ser visto como uma relíquia do passado inglês, um ícone do Protestantismo ou um guia moral e sentimental, oferecendo reflexões sobre o amor e o casamento (WIGGINS, 2008, p. 35).

John Lydgate, outro influente escritor e poeta do período, também contribuiu para a consolidação do legado de Chaucer. Lydgate, que, assim como Chaucer, escrevia para uma ampla gama de patronos, desde nobres até mercadores, e compunha tanto versos religiosos quanto seculares. Em *A Commendacion of Chauceres*, parte de sua obra *The Life of Our Lady*, publicada em 1484, Lydgate também enalteceu a importância do poeta em seus escritos, destacando o poeta como uma figura central na literatura inglesa e o colocando em um lugar elevado, quase mítico, entre os poetas.

And eke my master chauceris now is graue
 The noble rethor poete of brytayne
 That worthy was the lawrer to haue
 Of poetrye and the palme attayne
 That made first to dystylle and rayne
 The gold dewe dropys of speche & eloquence
 In to our tunge through his excellence
 And fonde the flouris first of rethoryke
 Our rude speche onely to enlumyne

That in our tunge was neuer none hym lyke
 For as the sonne doth in heuen shyne
 In mydday spere doun to vs by lyne
 In whos presence no sterre may appere
 Right so his dytees withouten ony pere
 Euery makynge with his light distayne
 In sothfastnes who so takyth hede
 Wherfore no wonder though myn herte playne
 Vpon his deth and for sorow blede
 For want of hym now in my grete nede
 That shold allas conueye and dyrecte
 And with his supporte amende and correcte.¹⁵

A expressão "*my master Chaucer is now is grave*" (meu mestre Chaucer agora está sepultado) marca o lamento de Lydgate pela morte de Chaucer, que, para ele, não apenas morreu fisicamente, mas também teve sua presença intelectual removida da cena literária inglesa. O uso da palavra "*grave*" (tumba) transmite um tom de perda irreparável, como se o próprio legado de Chaucer tivesse sido enterrado com ele, criando uma sensação de vazio cultural e literário.

Lydgate destaca a excelência de Chaucer ao chamá-lo de "*noble rethor poete of brytayne*," (nobre poeta retórico da Grã-Bretanha) conferindo-lhe o título de "nobre" e "rhetor," um mestre da arte da eloquência. Ao atribuir a Chaucer o título de "*worthy [...] to haue of poetrye and the palme attayne*," (Que merecia ter a coroa/ Da poesia e alcançar a palma,/) Lydgate não só o enaltece como um mestre da poesia, mas também o posiciona como alguém digno de reconhecimento supremo na tradição poética, simbolizado pelo "*lawrer*" (louro), que é associado à vitória e à honra, um prêmio tradicional na antiguidade para os poetas e pensadores.

A metáfora de Chaucer como aquele que "*made first to dystylle and rayne / The gold dewe dropys of speche & eloquence*" (Ele que primeiro destilou e fez chover / As gotas douradas do discurso e da eloquência/) é uma das mais poderosas e poéticas da citação. Lydgate descreve Chaucer como o criador das "gotas douradas" da eloquência, uma imagem que sugere que ele foi o responsável por destilar a mais pura forma de expressão literária, dando ao inglês uma linguagem refinada e sublime. Isso implica que, antes de Chaucer, a língua inglesa não possuía a sofisticação

¹⁵E também meu mestre Chaucer agora está sepultado,/ O nobre poeta retórico da Grã-Bretanha,/ Que merecia ter a coroa/ Da poesia e alcançar a palma,/ Ele que primeiro destilou e fez chover / As gotas douradas do discurso e da eloquência/ Em nossa língua através de sua excelência, / E encontrou as primeiras flores da retórica/ Para iluminar nosso discurso rude sozinho,/ Pois em nossa língua nunca houve ninguém como ele./ Pois assim como o sol brilha no céu/ Na esfera do meio-dia diretamente para nós,/ Em cuja presença nenhuma estrela pode aparecer,/ Assim também seus escritos sem igual,/ Cada composição brilha com sua luz,/ Na verdade, para quem quer que preste atenção. / Portanto, não é de admirar que meu coração lamente/ Em sua morte e sangue de tristeza,/ Pois em minha grande necessidade agora me falta/ Aquele que, aí de mim, deveria transmitir e dirigir,/ E com seu apoio corrigir e melhora (LYDGATE, 1992, p. 426).

literária necessária para expressar as complexidades do pensamento e da arte, e foi Chaucer quem fundou e refinou essa linguagem.

Lydgate continua a tecer elogios a Chaucer, afirmando que ele foi o "*first to distill[e] and rayne*" essas qualidades no inglês, fundando as "*flouris first of rethoryke*" (primeiras flores da retórica) na língua inglesa. Isso é uma alusão ao fato de que Chaucer não só foi um dos primeiros a escrever em inglês com tal profundidade e complexidade, mas também trouxe um refinamento na forma de expressão que não existia antes. Ele é, portanto, retratado como o renovador da língua, trazendo luz e clareza ao que era anteriormente considerado "*rude*" (rudeza), como Lydgate coloca. Chaucer "*enlumina*" (ilumina) o idioma, tornando-o capaz de suportar uma literatura complexa e de alta qualidade, uma transformação monumental para a língua inglesa da época.

A comparação de Chaucer com o sol, afirmando que ele é como o sol que brilha no céu, ilumina e supera tudo o que está ao seu redor, é igualmente significativa. Lydgate utiliza essa metáfora para sugerir que Chaucer era uma figura central e insuperável, cuja luz (como a do sol) ofuscava todos os outros poetas e escritores, assim como o sol faz com as estrelas no céu. Isso confirma a ideia de que Chaucer não tinha igual em sua capacidade literária, consolidando-o como uma figura única e incomparável no contexto da literatura inglesa.

Quando Lydgate fala sobre a morte de Chaucer, dizendo "*no wonder though myn herte playne / Vpon his deth and for sorow blede,*" (não é de admirar que meu coração lamente/ Em sua morte e sangue de tristeza,/) ele expressa uma dor profunda pela perda de seu mestre. O lamento se intensifica com o reconhecimento de que, após a morte de Chaucer, a literatura inglesa perde não só o poeta, mas a "orientação" que ele fornecia, alguém que "*shold allas conueye and dyrecte,/ And with his supporte amende and correcte.*" (deveria transmitir e dirigir,/ E com seu apoio corrigir e melhorar) ou seja, alguém que deveria continuar a guiar e corrigir a literatura inglesa.

Assim, a citação de Lydgate é uma profunda exaltação de Chaucer não apenas como poeta, mas como a figura que fundou a literatura inglesa moderna e a transformou em um campo respeitado e sofisticado em sua percepção. Lydgate vê Chaucer como o grande inovador, a fonte de toda eloquência e profundidade na língua inglesa, e sua morte representa uma perda irreparável para a cultura e para a literatura inglesa.

A presença do francês como língua dominante após a Conquista Normanda do século XI representou um desafio para a afirmação do inglês como língua nacional.. Embora no século XII tenha havido uma fusão das heranças inglesa e normanda com o objetivo de renovar a ideia de unidade, o francês ganhou posição de destaque em detrimento do inglês, tanto no ambiente de Corte quanto nos registros escritos (JESUZ, 2017, p. 56). A fusão das heranças inglesa e normanda no século XII foi um esforço para renovar a ideia de unidade, porém, ao longo do tempo, o francês ganhou prestígio e predominância nas esferas de poder, tanto na Corte quanto nos registros escritos.

Essa construção simbólica foi amplificada por autores contemporâneos ao poeta, como Eustache Deschamps (1340–1410), um poeta da corte francesa, e John Gower (c. 1340 – 1408) também reconheceram a relevância de suas obras. Deschamps o descreveu como um "grand translateur" (grande tradutor) e o equiparou Chaucer a pensadores clássicos como Sócrates, Sêneca e Ovídio, reforçando e destacando sua habilidade de transformar material estrangeiro em textos que dialogavam diretamente com o público inglês. Em um poema dirigido a Chaucer, Deschamps diz,

Sócrates, Sêneca, Ovídio.
 O Socratès plains de philosophie,
 Seneque en meurs, Auglius en pratique,
 Ovides grans en ta poëterie,
 Briés en parler, saiges en rethorique,
 Aigles treshaulz, qui par ta theorique 5
 Enlumines le regne d'Eneas,
 L'Isle aux Geans, ceuls de Bruth, et qu'i as
 Semé les fleurs et planté le rosier
 Aux ignorans de la langue Pandras,
 Grant translateur, noble Geoffrey Chaucier;

Tu es d'Amours mondains Dieux en Albie:
 Et de la Rose, en la terre Angelique
 Qui, d'Angela saxonne, est puis flourie
 Angleterre, d'elle ce nom s'applique
 Le derrenier en l'ethimologique, 15
 En bon angles le Livre translatas;
 Et un vergier, où du plant demandas
 De ceuls qui font pour eulx auctorisier,
 A ja long temps que tu edifias,
 Grand translateur, noble Geffroy Chaucier.

A toy pour ce de la fontaine Helye
 Requier avoir un buvraige autentique,
 Dont la doys est du tout en ta baillie,
 Pour rafrener d'elle ma soif ethique,
 Qui en Gaule seray paralitique 25
 Jusques a ce que tu m'abuveras.
 Eustaces sui, qui de mon plant aras:
 Mais pran en gré les euvres d'escolier
 Que par Clifford de moy avoir pourras,
 Grand translateur, noble Gieffroy Chaucier.

Poete hault, loënge d'escuïrie,
 En ton jardin ne seroie qu'ortie:
 Considère ce que j'ay dit premier—
 Ton noble plant, ta douce melodie;
 Mais, pour sçavoir, de rescripre te prie,
 Grant translateur, noble Geffroy Chaucier.¹⁶

Ao se referir a Geoffrey Chaucer como "*grand translateur*", Deschamps sublinha a habilidade de Chaucer em transformar material estrangeiro em textos que ressoavam para o público inglês. Essa designação implica uma ideia de que Chaucer possuía uma capacidade singular de adaptação e recriação. Deschamps também coloca Chaucer em uma linha de continuidade com pensadores e poetas clássicos, como Sócrates, Sêneca e Ovídio, figuras amplamente reverenciadas no mundo medieval por sua sabedoria filosófica, moral e literária. Ao associar Chaucer a esses nomes, Deschamps não só reforça o prestígio literário do autor, mas também o posiciona como um intermediário entre as culturas antiga e medieval, capaz de revigorar a tradição literária e iluminar a "linguagem Pandras" (provavelmente referindo-se a um vocabulário erudito ou obscurecido) e gerar um impacto duradouro na cultura inglesa.

A referência ao "*rosier*" (roseiral) e às "*fleurs*" (flores) plantadas por Chaucer na Inglaterra entende-se que ele não só traduziu, mas também cultivou a literatura inglesa. Além disso, a identificação de Chaucer como "Tu es d'Amours mondains Dieux en Albie" (Você é o deus do amor terrestre na Albia) e a menção à "*terre Angelique*" (Terra Angélica) indicam uma elevação de sua obra a um status quase divino, associando-o ao território sagrado da Inglaterra. A comparação com o "*livre*" (livro) que ele "*translatas*" (traduziu) e o "*vergier*" (jardim) que ele criou reforça a ideia de que Chaucer, por meio de suas traduções, estabeleceu uma base sólida para a literatura inglesa, cultivando, plantando e disseminando saberes. Em suas palavras, Deschamps atribui grande importância a Chaucer como tradutor, mas também o coloca no centro da formação de uma identidade literária inglesa.

¹⁶O Sócrates, cheio de filosofia, Sêneca pela moralidade, Áulo Gélíio para a vida prática, Ovídio na tua poesia; breve no discurso, sábio na arte da escrita, águia alta, que pela tua ciência ilumina o reino de Eneias, a ilha dos Gigantes, dos Brutos, que semeaste lá as flores e plantaste a roseira para aqueles que são ignorantes do francês; grande tradutor, nobre Geoffrey Chaucer.

Você é o deus do amor terrestre na Albia; e na terra Angélica, que da dama saxônica Angela floresceu na Inglaterra—dela este nome é agora aplicado como o último da série de nomes—você traduz o Livro da Rosa; e há muito tempo você estabeleceu um pomar, para o qual pediu plantas àqueles que fazem para serem autoridades; grande tradutor, nobre Geoffrey Chaucer.

Portanto, de você eu busco uma bebida autêntica da fonte de Helicon, cujo fluxo está totalmente sob seu controle, para saciar minha febril sede; eu, que estarei paralisado na Gália até que você me dê bebida. Sou Eustácio; você terá algumas das minhas plantas; aceite graciosamente as obras de estudante que você receberá de mim por Clifford; grande tradutor, nobre Geoffrey Chaucer.

Poeta alto, glória dos escudeiros, em seu jardim eu seria apenas uma urtiga: lembre-se do que eu disse primeiro sobre seus nobres plantios, sua doce melodia; para que eu possa realizar isso, peço-lhe que responda; grande tradutor, nobre Geoffrey Chaucer. (BREWER, 1978, p. 40)

John Gower (c. 1340 – 1408), outro contemporâneo de Chaucer, conhecido por sua produção literária em latim e francês, Gower também expressou grande admiração por Geoffrey Chaucer o enaltecendo. Em seus escritos, Gower se refere a Chaucer como seu "*mi disciple*" (meu discípulo) e "*mi poete*" (meu poeta), expondo sua relação de respeito e admiração pelo poeta.

And gret wel Chaucer whan mete,
As mi disciple and mi poete:
ffor in þe floures of his 3ouþe
In sondri wise, as he wel couþe,
Of Ditees and of songes glade,
The whiche he for mi sake made,
The lond fulfild is oueral:
Wherof to him in special
Aboue alle oþre I am most holde.
fforþi now in hise daies olde

Thou schalt him telle þis message,
That he vpon his latere age,
To sette an ende of alle his werk,
As he which is myn owne clerk,
Do make his testament of loue,
As þou hast do þi schrifte aboue,
So þat mi Court it mai recorde.¹⁷

Gower enaltece a juventude e a produção literária de Chaucer sublinhando a influência que ele exerceu sobre sua própria obra. Ao se posicionar como mestre e Chaucer como discípulo, Gower estabelece uma relação de aprendizado, na qual reconhece que a "*floures of his 3ouþe*" (flores de sua juventude) foram semeadas e cultivadas por meio do talento e da dedicação de Chaucer.

A menção das "*Ditees e de songes glade*" (De ditos e de canções alegres,/) feitas por Chaucer em sua juventude ilustra a ideia de que o poeta não só produziu obras que enriqueceram a literatura inglesa, mas também contribuiu para uma tradição poética nacional, cuja influência se estendeu por toda a terra. Ao destacar que a Inglaterra foi "*fulfild is oueral*" (preenchida por suas poesias), Gower coloca Chaucer como uma figura central na cultura literária de sua época, cuja obra percorreu todo o território inglês, alcançando um público vasto e diversificado.

¹⁷ E cumprimenta bem Chaucer quando o encontra,/Como meu discípulo e poeta:/Pois na flor da sua juventude,/De várias maneiras, como bem sabia,/De ditos e de canções alegres,/Que ele fez por minha causa,/A terra está toda preenchida./Por isso, a ele, em especial,/Acima de todos os outros, sou mais agradecido./Portanto, agora, em seus dias avançados, tu debes transmitir-lhe esta mensagem,/ Que, em sua idade avançada,/ Para dar fim a toda a sua obra,/ Como aquele que é meu próprio secretário,/ Faça seu testamento de amor,/ Assim como fizeste com tua escritura acima,/ Para que minha Corte possa registrá-lo. (BREWER, 1978, p. 43 - 44)

A ideia de Gower de que Chaucer "*do make his testament of loue*" (faça seu testamento de amor) ao final de sua vida literária sugere uma reflexão sobre o legado do poeta, sugerindo que ele deveria deixar uma marca duradoura no campo literário. Gower, ao expressar seu desejo de que Chaucer estabelecesse esse "testamento", está reconhecendo que a obra de Chaucer não era apenas uma coleção de poemas ou narrativas, mas uma herança cultural que deveria ser legada para as gerações futuras. A referência ao "*Court*" (tribunal) onde a obra de Chaucer deveria ser registrada também alude à ideia de que sua produção literária deveria ser formalmente reconhecida e preservada como um patrimônio cultural e literário essencial para a Inglaterra.

Além disso, a referência a Chaucer como "*myn owne clerk*" (meu próprio escriba) sugere uma aproximação ainda mais profunda entre os dois poetas, com Chaucer sendo visto por Gower como um discípulo e como alguém que, por meio de sua habilidade literária, ajudou a perpetuar a obra e a tradição literária de seu mestre. Isso também indica que Gower via Chaucer como um escritor independente e ao mesmo tempo como parte integrante de uma comunidade literária, na qual a troca de influências e aprendizados era fundamental para o fortalecimento da literatura inglesa.

Em conjunto com a visão de Deschamps, a admiração expressa por Gower reforça a ideia de que Chaucer foi essencial na construção e no estabelecimento da literatura inglesa como uma tradição literária. Ambos os poetas, ao destacarem sua influência, colocam Chaucer como uma figura fundamental na criação de uma identidade literária nacional, cujo impacto transcende sua própria produção e continua a moldar a literatura inglesa por gerações.

Ao estabelecerem Chaucer como um pilar fundamental da literatura inglesa, esses escritores reforçaram a ideia de que a Inglaterra possuía uma tradição literária autônoma e merecedora de prestígio. Esse movimento não só garantiu a permanência de sua obra ao longo do tempo, mas também contribuiu para sua consolidação como um ícone na construção da identidade cultural inglesa durante o período imperial.

2.3.1 O PÚBLICO LEITOR DE CHAUCER

O público leitor da Inglaterra do século XIV era marcadamente diverso e refletia a complexidade das estruturas sociais da época. As “comunidades de leitura” variavam de acordo com classe social, ocupação e até localização geográfica, moldando tanto as obras disponíveis quanto sua recepção. A aristocracia e a alta hierarquia eclesiástica, por exemplo, ainda preferiam textos em francês e latim sobre cavalaria, teologia e política, refletindo a persistência da cultura anglo-normanda. No entanto, com a ascensão do inglês como língua literária — especialmente a

partir do reinado de Henrique V — os estratos inferiores da gentry (cavaleiros, escudeiros, advogados e funcionários da chancelaria) tornaram-se um público emergente para obras escritas em inglês (EDWARD, 1998, p. 9).

Chaucer inseriu-se justamente nesse ambiente de transição linguística e social. Inicialmente, seu público mais imediato era composto por cortesãos, cavaleiros e funcionários ligados à administração real — círculos semelhantes à sua própria posição social. Autores como Strohm (2003) e Pearsall destacam que essa audiência primária incluía nomes como Clifford, Clanvowe, Vache, Scogan e Bukton, além de figuras jurídicas e administrativas como Gower e Strode. Ainda que houvesse interesse também por parte da aristocracia — como no caso de *The Book of the Duchess*, associado à casa de John of Gaunt, ou *The Legend of Good Women*, que teria atraído a atenção de Ricardo II e da rainha Ana — o núcleo principal de seus leitores pertencia a uma elite administrativa e cortesã (STROHM, 2003, p. 6).

Além desse círculo restrito, um público secundário começou a se formar nos últimos anos da vida de Chaucer, ampliando-se rapidamente após sua morte. Esse novo grupo era geograficamente mais disperso e socialmente mais heterogêneo, embora sua recepção fosse mais seletiva em relação a certos aspectos da produção poética de Chaucer (STROHM, 2003, p. 18). Paralelamente, também havia uma camada emergente de leitores plebeus, composta por servidores reais e membros das classes médias urbanas, cuja crescente consciência de classe se expressava no consumo de literatura em inglês.

Ao empregar o inglês vernáculo em seus escritos, Chaucer ampliou o alcance de sua obra e contribuiu para a elevação da língua inglesa a uma posição de destaque no cenário literário europeu, ajudando a forjar uma identidade cultural distinta para a Inglaterra. Além disso, à medida que sua reputação crescia, a composição social de sua audiência se expandiu rapidamente, abrangendo uma gama mais ampla de leitores. Esse fenômeno transmite o dinamismo e a fluidez do cenário literário inglês, onde novas ideias e formas literárias poderiam rapidamente encontrar ressonância em diferentes segmentos da sociedade. A popularidade de Chaucer entre esses grupos diversos ajudou a estabelecer sua obra como uma parte fundamental do patrimônio literário inglês, capaz de refletir e influenciar as mudanças sociais e culturais de sua época. O público desses escritores estava profundamente enraizado nas realidades cotidianas e nos dilemas morais e sociais que enfrentavam, o que tornou a literatura inglesa particularmente atraente para eles. A transição para a língua inglesa não foi apenas uma questão de preferência linguística, mas também uma declaração de identidade cultural e política.

Nos centros urbanos, como Londres, o público era composto principalmente por cidadãos e burgueses, leitores pragmáticos que se engajaram em atividades de leitura relacionadas aos negócios e à vida cívica. Inicialmente, seus interesses literários se inclinavam para livros de serviço

e devoções leigas em latim, mas nos séculos XIV e XV houve uma mudança significativa para a literatura em inglês, especialmente para obras devocionais e tratados místicos. Esse movimento refletia tanto a crescente alfabetização quanto o desejo de maior acessibilidade às ideias religiosas e filosóficas em uma língua que pudessem compreender plenamente. A literatura inglesa tornou-se, assim, uma ponte entre o sagrado e o secular, permitindo que os cidadãos comuns acessassem um novo mundo de ideias e reflexões.

Os limites entre essas diversas comunidades de leitores eram, no entanto, fluidos. Obras que inicialmente eram destinadas a um grupo específico frequentemente encontravam ressonância em um público mais amplo ao longo do tempo. Por exemplo, as obras de Chaucer, inicialmente voltadas para um público mais restrito, acabaram sendo abraçadas por diferentes estratos da sociedade inglesa, do alto clero aos mercadores urbanos. Essa permeabilidade entre as comunidades de leitores destaca a complexidade e a riqueza do cenário literário da Inglaterra do século XIV, onde a literatura se tornava um campo de interação e troca entre diferentes segmentos sociais.

Apesar das incertezas iniciais sobre como suas obras seriam recebidas por leitores desconhecidos, os manuscritos de Chaucer experimentaram um aumento progressivo no número de leitores ao longo do século XV. A proliferação de manuscritos, variando de produções refinadas destinadas à nobreza a cópias de papel mais simples, mas amplamente difundidas, indica a crescente aceitação de Chaucer por um público nacional diversificado, especialmente nos anos 1430-1440. As obras de Chaucer, incluindo *Troilus and Criseyde* e *The Canterbury Tales*, circularam em uma variedade de manuscritos que alcançaram desde futuros reis até membros de guildas em Londres, demonstrando seu apelo universal e sua capacidade de transcender as fronteiras sociais (STROHM, 2003, p. 13).

O sucesso de Chaucer como poeta não pode ser dissociado do contexto social e literário em que ele operava. As comunidades de leitores que formavam seu público estavam em constante evolução, e as interações entre esses diferentes grupos ajudaram a moldar tanto a recepção quanto a disseminação de suas obras. A trajetória de Chaucer de poeta da corte a ícone literário nacional é um testemunho da complexidade e da riqueza do cenário literário inglês do século XIV, onde a literatura se tornava um espaço de encontro e negociação entre diferentes segmentos da sociedade.

Dessa forma, a adoção do inglês vernáculo como linguagem literária foi muito significativa pois permitiu que Chaucer e outros escritores contemporâneos alcançassem um público mais amplo dentro da própria Inglaterra. Essa mudança ajudou a democratizar o acesso à literatura, mas também fortaleceu uma identidade cultural inglesa distintiva, separando-se das influências normandas e francesas predominantes até então. Ao utilizar o inglês vernáculo em suas obras, Chaucer contribuiu para a consolidação de uma tradição literária que celebrava e promovia a língua inglesa como um veículo legítimo de expressão artística e cultural.

Portanto, a relação entre a poesia de Chaucer e a emergência do inglês literário não é apenas uma questão linguística, mas também uma questão de resistência cultural e afirmação de identidade inglesa. Ao adotar e popularizar o inglês vernáculo em suas obras, Chaucer participou da construção de uma identidade literária e cultural inglesa que se diferenciava das influências estrangeiras e que continuaria a moldar o desenvolvimento da literatura inglesa ao longo dos séculos seguintes.

Geoffrey Chaucer destacou-se como um dos primeiros escritores a obter reconhecimento literário significativo ao utilizar o inglês médio em suas obras. Ao adotar o inglês vernáculo, ele ao mesmo tempo em que inova literariamente para seu contexto social, também contribuiu para a construção de uma identidade inglesa distinta da influência cultural francesa. Em uma época em que o latim e o francês dominavam como idiomas de prestígio na Inglaterra, a escolha de Chaucer pelo inglês foi um marco na legitimação da língua como meio de expressão literária e cultural, refletindo as transformações sociolinguísticas do século XIV e auxiliando na consolidação de uma identidade literária nacional.

Esse processo de mitificação e interpretação literal da obra de Chaucer, teve um impacto profundo sobre como ele seria estudado e entendido, moldando a tradição crítica que perdurou por séculos, criando uma "verdade" biográfica que prevaleceu por séculos. No contexto multilíngue da Inglaterra do século XIV, a interação de Chaucer com as tradições literárias inglesas e francesas insere-se em um cenário de transformação linguística e cultural. A predominância do francês como língua da elite governante colocava desafios para a consolidação do inglês como idioma de produção literária. A decisão de escrever em inglês médio deve ser compreendida dentro desse contexto, pois contribuiu para a ampliação do status do vernáculo como meio de expressão literária. Essa escolha dialogava com um movimento mais amplo de afirmação do inglês como língua de criação intelectual, que se desenvolvia paralelamente a mudanças políticas e sociais da época. Dessa maneira, a adoção do inglês médio na literatura medieval não pode ser dissociada das dinâmicas de poder e identidade cultural que caracterizavam a sociedade inglesa naquele período.

CAPÍTULO 3: A REVITALIZAÇÃO DO MEDIEVO E A ASCENSÃO DE CHAUCER NO SÉCULO XIX

A discussão sobre Chaucer não se encerra no campo da produção medieval. Ao contrário, as interpretações e apropriações de sua obra ao longo dos séculos evidenciam como sua figura literária foi mobilizada em diferentes contextos históricos, adquirindo novos significados de acordo com as demandas culturais e políticas de cada época. Se os capítulos anteriores delinearam o ambiente social e político em que Chaucer viveu e produziram uma leitura crítica de sua obra à luz das tensões linguísticas e identitárias da Inglaterra medieval, este capítulo se propõe a analisar um momento crucial de reconfiguração dessa imagem: o século XIX. Nesse período, impulsionado pelo romantismo, pelo avanço do imperialismo britânico e pela consolidação de um sistema educacional nacionalista, Chaucer foi consagrado como símbolo fundacional da literatura inglesa. A compreensão das escolhas linguísticas e temáticas do autor, inseridas nas disputas culturais da Idade Média, torna-se, portanto, fundamental para entender como sua imagem foi apropriada posteriormente como ferramenta de legitimação cultural e imperial. O medievalismo vitoriano resgata e ressignifica esse passado literário com forte investimento ideológico, projetando sobre Chaucer ideais de tradição, identidade nacional e supremacia cultural. De maneira a ampliar a investigação, a recepção vitoriana de Chaucer não apenas reafirma as dinâmicas de poder já observadas no século XIV, como também revela como a literatura é continuamente instrumentalizada como campo de disputa simbólica na construção de narrativas hegemônicas.

3.1 MEDIEVALISMO, IDEOLOGIA E IDENTIDADE NO SÉCULO XIX

A interseção entre medievalismo, pós-colonialismo e a formação de identidades culturais oferece um rico campo de análise, especialmente em relação à maneira como o medievo foi idealizado e reapropriado durante o século XIX pela Inglaterra. A Era Vitoriana buscava reinterpretar o medievo, mas também utilizava essa construção simbólica para dialogar com os desafios ideológicos do período. A nostalgia por um passado medieval imaginado, frequentemente evocada como uma resposta às tensões sociais e às mudanças aceleradas do período, moldou tanto a produção artística e literária quanto os discursos políticos e ideológicos da época.

Elucidar o medievalismo é uma tarefa complexa devido a uma série de fatores. O termo "medievalismo" abrange um amplo espectro de práticas culturais, discursos e artefatos materiais que atravessam diferentes períodos históricos, contextos geográficos e tradições socioculturais, dificultando a formulação de uma definição única e definitiva. Matthews (2010), em *Chaucer's American Accent*, menciona que o medievalismo, em sua definição mais ampla, é o estudo das representações e ressignificações da Idade Média que emergem em épocas subsequentes. Ele enfatiza que a interpretação dessas ressurreições de fenômenos do passado frequentemente carrega

um investimento ideológico, o que pode comprometer a precisão das representações do período medieval (MATTHEWS, 2010, p. 758). A complexidade dessa área de estudo revela-se em sua intersecção com questões de identidade cultural e política, onde elementos da medievalidade são adaptados e utilizados para fins variados nos contextos modernos.

A partir dessa perspectiva, o medievalismo não deve ser concebido como um campo homogêneo, mas como uma rede de áreas interligadas que exploram diferentes manifestações da medievalidade em contextos diversos. Esse panorama abrange subcampos como o medievalismo romântico, Vitoriano e Tudor, além de expressões regionais e pós-coloniais (MATTHEWS, 2010, p. 761). Ao adotar essa abordagem, o autor ressalta tanto a transformação do medievalismo como disciplina acadêmica quanto sua relevância cultural e política nas sociedades contemporâneas, evidenciando como sua recepção e ressignificação permanecem em constante desenvolvimento, assim como os próprios materiais analisados pelos estudiosos da área.

Embora representações românticas da Idade Média frequentemente assumam um tom nostálgico e idealizado, a abordagem do medievalismo não se limita à exaltação desse período. Matthews aponta que, além das leituras enaltecidas, há interpretações que retratam a Idade Média como um período de atraso, superstição e estagnação, em contraste com a modernidade. Essa perspectiva crítica, muitas vezes depreciativa, é resultado de construções posteriores que moldaram a recepção da era medieval ao longo do tempo. Para compreender plenamente essas múltiplas camadas de significação, é necessário analisar as formas contraditórias por meio das quais a Idade Média é reinterpretada e ressignificada nas sociedades pós-medievais.

Nesse sentido, Richard Utz (2011), em seu artigo *"Coming to Terms with Medievalism"*, investiga a complexidade do conceito de medievalismo e sua evolução desde o século XIX, período em que o termo emergiu de maneira ambígua. Utz demonstra como a recepção da cultura medieval nos tempos modernos foi influenciada por fatores internos e externos ao meio acadêmico, evidenciando que a noção de medievalismo não se restringe a uma simples recriação do passado, mas se configura como um campo dinâmico, condicionado por interesses políticos, sociais e culturais. Utilizando a teoria do historiador conceitual Reinhart Koselleck, Utz explora a ideia de "temporalização", que descreve como as mentalidades de épocas anteriores são transformadas e incorporadas à linguagem e ao pensamento contemporâneo (UTZ, 2011, p. 101-102). Esse enfoque permite compreender o medievalismo como um fenômeno de resgate histórico, além de um discurso em constante adaptação, permeado por disputas ideológicas e reconfigurações conceituais ao longo do tempo.

Utz destaca que a transição do medievalismo para uma prática acadêmica mais formalizada ocorre quando as expectativas em relação ao estudo da Idade Média se tornam mais rigorosas e profissionalizadas. Na segunda metade do século XIX, estabeleceu-se uma distinção clara entre as

práticas de pesquisa acadêmica — voltadas à análise metódica e crítica dos textos medievais — e as representações populares da cultura medieval, frequentemente vistas como sentimentais ou imprecisas. Essa redefinição disciplinar foi impulsionada por instituições acadêmicas que buscavam legitimar o saber erudito, afastando-se de abordagens amadoras e estabelecendo critérios que conferiam autoridade científica ao campo.

Esse movimento, no entanto, não pode ser dissociado das tensões políticas e culturais do século XIX, particularmente do nacionalismo emergente que buscava, em diferentes países europeus, fundar identidades nacionais sobre tradições literárias e culturais supostamente autênticas. Nesse contexto, o resgate e a sistematização de textos medievais — muitas vezes filtrados por critérios linguísticos, étnicos ou morais — serviram como instrumentos ideológicos para a afirmação de uma herança cultural nacional. A ascensão de figuras como Israel Gollancz (1863–1930), que direcionou a *Early English Text Society* para uma atuação mais profissionalizada, ilustra essa transição. Gollancz e seus contemporâneos não estavam apenas motivados pelo desejo de compreender a Idade Média, mas também por um impulso nacionalista que via na filologia inglesa e na literatura medieval uma fundação legítima para a identidade britânica moderna (UTZ, 2011, p. 105–106).

A partir do início do século XX, os estudiosos de medievalismo começaram a restringir ainda mais o uso do termo, associando-o a um "capricho vitoriano" e a uma escola de pensamento que não se alinhava com as honradas normas acadêmicas que buscavam estabelecer. Essa semântica estreita não só afetou a forma como os estudiosos viam o medievalismo, mas também moldou a maneira como a cultura medieval era percebida e estudada nas universidades, que se tornaram cada vez mais especializadas e autocontidas (UTZ, 2011, p. 101).

Utz sugere que, apesar de o medievalismo ter sido frequentemente interpretado como uma resposta conservadora às pressões modernistas, ele agora emergia como um campo acadêmico que pode unir a rigorosidade do estudo acadêmico com uma abordagem mais emocional do passado. Ele aponta para a importância dos trabalhos colaborativos, como a coletânea editada por Louise D'Arcens, que visa quebrar as barreiras entre os estudos medievais e a recepção contemporânea da cultura medieval. Este movimento reflete uma mudança para um engajamento mais criativo e empático com o passado, permitindo que as estruturas emocionais e subjetivas da experiência humana sejam igualmente reconhecidas no estudo acadêmico. Utz observa que essa flexibilidade no pensamento pode e deve coexistir com a prática da pesquisa medieval, oferecendo um novo espaço semântico para a fusão de abordagem acadêmica e envolvimento pessoal, onde as emoções, a memória e a especulação possam coexistir (UTZ, 2011, p. 102).

Nessa perspectiva, o estudo do medievalismo, como apresentado por Louise D'Arcens (2016), surge como um campo de análise crítica que examina a recepção, interpretação e recriação

das Idades Médias na cultura pós-medieval. As representações da Idade Média, ao serem reinterpretadas, preservam elementos do passado e se entrelaçam com questões modernas, como a política global, as relações de gênero, e a crítica a normas sociais predominantes. Essa intersecção é particularmente importante, pois expressa como a cultura medieval se tornou um reservatório de imagens e ideias que, de forma paradoxal, informam e definem o que significa ser moderno (D'ARCENS, 2016, p. 6). A literatura, por exemplo, frequentemente mobiliza elementos medievais para recontar histórias do passado, mas para refletir dilemas modernos, ativando debates sobre identidade, poder e moralidade.

Dessa forma, o campo do medievalismo é caracterizado por uma relação intrincada entre práticas acadêmicas e não acadêmicas. Historicamente, a estrutura do estudo acadêmico em medievalismo se beneficiou de uma rica tradição de recuperação de textos e artefatos medievais. No entanto, a crescente profissionalização do campo também trouxe uma ênfase em métodos positivistas e historicistas (D'ARCENS, 2016, p. 6) que podem marginalizar as vozes e interpretações mais subjetivas desse período da história.

Além disso, o conceito de "Idade Média Global" é introduzido como uma forma de discutir a disseminação internacional de ideias sobre as Idades Médias europeias. Este fenômeno não se limita a um contexto europeu estrito, mas se estende por várias comunidades culturais que, mesmo ao desenvolver suas próprias respostas locais às representações medievais, se veem interligadas por influências mútuas. Com isso, o medievalismo não se limita a um passado europeu, mas também revela suas repercussões em contextos históricos e culturais diversos, promovendo uma rica perspectiva de análise que desafia a visão eurocêntrica tradicional (D'ARCENS, 2016, p. 10).

Em suma, o medievalismo como campo de estudo apresenta uma complexidade significativa, refletindo interações dinâmicas entre passado e presente, práticas acadêmicas e populares, e questões de identidade cultural. Através desta análise, percebemos que a Idade Média não é apenas um período histórico fixo, mas um espaço em constante diálogo, cujas narrativas e símbolos continuam a moldar a prática cultural contemporânea e a nos ajudar a questionar e reimaginar nossas próprias identidades em um mundo em mutação (D'ARCENS, 2016, p. 11). Essa abordagem multifacetada ao medievalismo contribui para uma compreensão mais profunda de como a cultura medieval influencia e é influenciada pelas preocupações modernas, formando assim um campo de estudo que merece uma consideração contínua e atenta.

3.1.1 LITERATURA INGLESA EM FOCO

A partir desta perspectiva, é importante compreender a relação entre medievalismo e literatura. Alarcão (2002), em “*We are all on fire [...]*”: os primórdios da canonização da literatura medieval inglesa, evidencia como medievalismo inglês e os primórdios da canonização da literatura medieval estão profundamente interligados, refletindo um renascimento do interesse cultural pela Idade Média que se fez sentir ao longo dos séculos XVIII e XIX. Este movimento não se limitou apenas a uma apreciação estética da literatura medieval, mas também buscou reavaliar seu significado e sua relevância dentro do contexto histórico e cultural da época e pudesse dialogar com as necessidades de uma identidade.

Durante esses séculos, a literatura medieval começou a ser vista como uma fonte relevante para compreender a formação da identidade cultural e nacional da Inglaterra. A literatura medieval, composta por uma diversidade de textos, que vão desde epopeias e romances a poesia lírica e folclore, começou a ser vista sob uma nova luz já no final do século XVIII e durante o século XIX. No trabalho de Miguel Alarcão, essa reavaliação é explorada enfatizando os diversos fatores que moldaram o medievalismo e a canonização literária. Entre esses fatores, destaca-se o surgimento de novos paradigmas críticos que permitiram uma leitura mais ampla da literatura medieval. Críticos e historiadores como Hugh Blair (1718 - 1800), Thomas Warton (1728 - 1790) e Richard Hurd (1720 - 1808) foram fundamentais nesse processo, pois suas obras ajudaram a estabelecer um novo discurso que valorizava a literatura medieval como parte integral do legado literário inglês. Eles propuseram que as obras medievais não eram apenas relíquias do passado, mas sim componentes vivos da cultura nacional, dignos de serem estudados e celebrados, contribuindo para a sua canonização (ALARCÃO, 2002, p. 2).

Esse renovado interesse pela Idade Média refletiu uma série de tensões culturais presentes na sociedade da época, entre o racionalismo da Revolução Científica e o desejo de encontrar raízes culturais mais profundas e emocionalmente ressonantes. A nostalgia pela Idade Média pode ser vista como uma reação contra os ideais da modernidade, onde os textos de uma cultura que valorizava a experiência imaginativa e emocional passaram a ser considerados significativos. Essa nostalgia foi expressa em uma série de obras literárias que se tornaram populares na era vitoriana, mostrando como a literatura medieval poderia ser integrada no discurso cultural contemporâneo.

Romances como *Ivanhoe* (1819), de Sir Walter Scott, destacam-se por combinar ficção e reconstrução histórica, exaltando conceitos como honra, coragem e amor. O poema *The Lady of the Lake* (1810), também de Scott, explora o heroísmo e a relação com a natureza, alinhando-se à estética romântica e à idealização do passado medieval. Da mesma forma, *Christabel* (1797), de Samuel Taylor Coleridge, incorpora elementos sobrenaturais e uma atmosfera gótica, exemplificando o misticismo e a imaginação característicos da literatura medievalista.

Além disso, *Marmion* (1808), outro poema narrativo de Scott, aborda temas de aventura, guerra e honra, enquanto *Idylls of the King* (1859), de Alfred Lord Tennyson, adapta as lendas arturianas à sensibilidade vitoriana, refletindo o idealismo e os anseios por um mundo mais significativo. A popularidade dessas obras evidencia como a literatura medieval foi assimilada no discurso cultural do período, servindo tanto como expressão de identidade quanto como resposta às transformações sociais e intelectuais da era vitoriana.

Outro ponto importante é o papel do antiquarianismo, que ajudou a estabelecer uma base sólida para o entendimento da literatura medieval. O antiquarianismo incentivou a investigação sobre textos antigos e sua preservação, permitindo que novos autores acadêmicos e literários pudessem redescobrir e, assim, tornar canônicas obras tradicionais (ALARCÃO, 2002, p. 9). Essas investigações culminaram em uma série de publicações que não só documentavam a literatura medieval, mas também ajudavam a criar um novo sentido de identidade literária para a Inglaterra como as de Frederick Furnivall.

Além disso, com a canonização da literatura medieval, surgiram questões sobre o que significava ser um autor canônico. A definição de "cânone" tornou-se flexível, abrangendo obras que não eram apenas as mais celebradas, mas também aquelas que ofereciam uma visão mais pluralista da cultura medieval. As narrativas de Scott, por exemplo, embora não fossem estritamente medievais, ajudaram a moldar a percepção pública da literatura deste período, infundindo-as com uma nova vivacidade e atraindo a atenção do público (ALARCÃO, 2002, p. 2). Por meio dessas publicações, o medievalismo começou a exercer uma influência significativa na construção da identidade cultural inglesa durante a era vitoriana.

O medievalismo, assim, emerge como um fenômeno estético e como uma forma de reavaliação das tradições culturais e literárias da Inglaterra, ocupava um lugar fundamental na maneira como a literatura medieval foi apreciada e integrada à cultura literária contemporânea.

O antiquarianismo surge então em um momento em que havia um crescente interesse pela história e pela preservação do patrimônio cultural. Este movimento, que ganhou força após a fundação da Sociedade dos Antiquários no século XVI, teve um destaque relevante na reavaliação dos textos medievais, permitindo uma maior visibilidade e um reconhecimento mais amplo das obras que anteriormente estavam relegadas ao esquecimento (ALARCÃO, 2002, p. 4). Por meio do antiquarianismo, textos e monumentos antigos foram resgatados, documentados e recontextualizados, o que ajudou a construir uma nova apreciação por essas obras e a sua importância no cenário literário da época.

Nesse contexto, os primórdios da canonização da literatura medieval inglesa se transformaram em um fenômeno para o entendimento da literatura que veio a seguir, marcando a

transição entre o que era visto como um simples legado do passado e o que se tornaria uma parte inerente da narrativa literária e de identidade inglesa.

Chris Jones (2016), ao examinar a origem do medievalismo, ressalta que a noção de Idade Média foi consolidada quando esse período passou a ser objeto de reflexão historiográfica, um processo que se intensificou durante o Renascimento. Esse novo enquadramento histórico possibilitou a construção de um espaço de alteridade em relação ao passado, promovendo um distanciamento que favoreceu tanto a anacronia quanto a reinterpretação dos ideais medievais. Nesse contexto, surgiram poemas que evocavam a medievalidade logo após o surgimento dessa nova consciência histórica na Inglaterra, evidenciando o “fascínio duradouro” que esse período exerceu sobre a literatura inglesa (JONES, 2016, p. 16). Dessa forma, os textos produzidos em inglês demonstram como a literatura ressignifica, reconstrói e adapta elementos da cultura medieval, conferindo-lhes novos significados ao longo do tempo.

John Dryden (1631 - 1700) e Alexander Pope (1688 - 1744) exemplificam esse processo de consagração literária. Dryden foi um crítico e poeta influente de sua época, conhecido por suas traduções de obras como *The Canterbury Tales*. Dryden não apenas traduziu diretamente, mas também adaptou e glorificou o estilo do poeta medieval em suas obras, apresentando Chaucer em formas que se encaixam no gosto da época. Ele traduziu *The Knight's Tale*, *The Nun's Priest's Tale*, *The Wife of Bath's Tale* e *The Flower and the Leaf* (um poema em inglês médio erroneamente atribuído a Chaucer nesse período) em *heroic couplets* na obra *Fables, Ancient and Modern* (1700) (JONES, 2016, p. 18).

A introdução de *Fables, Ancient and Modern* reforça a posição de Chaucer como símbolo inglês, ao ser pioneiro em se referir a Chaucer como “o Pai da Poesia Inglesa”. Dryden expressa sua reverência ao poeta medieval ao equipará-lo a figuras icônicas da literatura mundial. Ele afirma que, “*In the first place, as he is the Father of English Poetry, so I hold him in the same Degree of Veneration as the Grecians held Homer; or the Romans Virgil. He is an inexhaustible fountain of good sense, learned in all sciences, and therefore speaks appropriately on all subjects*”¹⁸. Essa comparação ressalta uma visão específica do período em que Dryden escrevia, influenciada por um ideal clássico de literatura. Seu posicionamento exalta a figura de Chaucer para a formação do cânone literário inglês, além de demonstrar um esforço em legitimar a tradição literária nacional por meio da assimilação de modelos consagrados da Antiguidade. Dessa forma, a recepção de Chaucer nos séculos seguintes passou a ser moldada por essa leitura, que enfatiza sua erudição como qualidade essencial à sua permanência na história da literatura.

¹⁸ “Em primeiro lugar, assim como ele é o Pai da Poesia Inglesa, eu o considero no mesmo Grau de Veneração que os gregos consideravam Homero, ou os romanos Virgílio. Ele é uma fonte inesgotável de bom senso, erudito em todas as ciências e, por isso, expressa-se com propriedade sobre todos os temas.” (DRYDEN, 1700, p. 25).

Alexander Pope destacou-se por suas paráfrases e adaptações de textos medievais, incluindo contos de Chaucer, nos quais introduziu elementos estilísticos e temáticos que dialogavam com os leitores de sua época. As narrativas das suas versões de *The Merchant's Tale* e *The Wife of Bath's Prologue* eram traduzidas e reformuladas para torná-las mais adaptadas ao público contemporâneo, incorporando uma perspectiva crítica e satírica que refletia as inquietações sociais e culturais do século XVIII. Dessa forma, a obra de Pope além de preservar e reinterpretar a tradição literária medieval, também estabelece um diálogo entre o passado e o presente, evidenciando como a literatura pode ser continuamente ressignificada de acordo com os contextos históricos e intelectuais em que é revisitada (JONES, 2016, p. 18).

Essas traduções e adaptações criaram um diálogo entre o passado medieval e o presente, evidenciando a capacidade de temas e formas literárias antigas de serem recontextualizados e valorizados dentro de novos cenários culturais. Ao longo do século XIX, o fascínio pela Idade Média continuou a se expandir, especialmente no contexto do Romantismo e do movimento Vitoriano, que focavam na reinterpretação das narrativas e estéticas medievais. A compreensão dessa dinâmica literária pode ser ampliada pela análise de Clare A. Simmons (2009), que, em seu artigo *Medievalism: Its Linguistic History in Nineteenth-Century Britain*, explora como a percepção e a linguagem associadas ao período medieval se transformaram ao longo do século XIX na Inglaterra.

O impacto do Romantismo foi determinante na maneira como os escritores passaram a perceber e a representar a Idade Média, destacando-se a transformação das abordagens históricas e literárias durante esse período. Ao final do século XVIII e início do XIX, novas maneiras de categorizar o passado começaram a ganhar força. Entre as inovações dessa época, os antiquários adotaram uma divisão da história inglesa em categorias bem definidas, como britânico, romano, saxão, normando e inglês antigo, refletindo uma organização do passado em períodos distintos.

Essa tendência de segmentação da história é ilustrada de maneira significativa na obra *History of Great Britain*, escrita por Robert Henry (1718 - 1790), concluída na década de 1790 e frequentemente reimpressa ao longo do século XIX. Henry propôs um "novo plano" para a historiografia inglesa, que se diferenciava das abordagens anteriores ao dividir a história inicial da Inglaterra em "períodos", em vez de se concentrar apenas nas monarquias. Nesse modelo, Henry organizou os desenvolvimentos de cada período segundo categorias sistemáticas, como política e constitucionalidade, religião, artes e aprendizagem, além dos costumes e modos de vida. Para Henry, a expressão "Idade Média" tornou-se de grande valor, pois conferia uma identidade clara a esse período histórico, destacando suas características e particularidades dentro do panorama geral da história inglesa (SIMONS, 2009, p. 32).

Nesse processo, a literatura romântica teve um papel preponderante ao revitalizar o discurso sobre a Idade Média, exaltando figuras heroicas e feitos grandiosos. Conforme observa Simmons, autores como Walter Scott (1771 - 1832) e Charles Mills (1788–1826), autor de *History of Chivalry, Or, Knighthood and its Times* (1825), frequentemente recorrendo aos termos "gótico" e "cavalheiresco" para descrever o que consideravam como "medieval", em uma tentativa de encontrar uma linguagem que valorizasse e honrasse o passado histórico. Mills, por sua vez, presta homenagem a Scott, considerando-o um dos maiores estudiosos da Idade Média, através da poesia, mas também em seus ensaios sobre "Cavalaria" e "Romance", cujas contribuições influenciaram significativamente a primeira edição da Enciclopédia Britânica. Em seus textos, Mills e Scott apresentaram a expressão "Idade Média" e ao mesmo tempo fizeram uma distinção clara entre "Idade Média" e "Idade Gótica" — diferenciação que, no contexto romântico, buscava valorizar as complexidades simbólicas do período e afastar-se das conotações negativas tradicionalmente associadas ao termo "gótico". Essa diferenciação ressalta a visão romântica do período medieval, enfocando suas complexidades e sua carga simbólica, ao mesmo tempo que se afastava de um entendimento mais simples ou pejorativo do termo "gótico", frequentemente associado a aspectos sombrios e de decadência (SIMONS, 2009, p. 30).

Nesse contexto, a noção de "romântico" ganha uma camada adicional de significado. Leslie Workman, citada por Simmons, argumenta que, para a Inglaterra, o Romantismo é uma forma de medievalismo, sugerindo que o movimento não se limita a se conectar com a Idade Média, mas também se alimenta dela. Essa perspectiva implica que escritores e poetas não apenas revisitam, mas reinterpretam a era medieval à luz de uma nova sensibilidade, reconfigurando-a para atender aos anseios e valores do século XIX (SIMONS, 2009, p. 34).

As narrativas românticas contrastavam com a ideia da "Idade Média das Trevas" e, por isso, enaltecem os heróis do passado e buscavam estabelecer uma conexão emocional com aqueles tempos distantes. Ao mesmo tempo, a insatisfação dos racionalistas do século XVIII com a idealização da Idade Média contribuiu para intensificar ainda mais a valorização romântica desse período. A Idade Média, assim, passou a ser vista como um tempo de paixão, aventura e emoção, em contraste com a lógica fria e racional do Iluminismo. Nesse sentido, essas transformações na percepção da Idade Média continuam a influenciar a maneira como o período é compreendido até hoje, refletindo um entendimento dinâmico e em constante evolução sobre esse importante momento histórico. Assim, a relação com a Idade Média não se limita a uma expressão nostálgica, mas também se configura como uma busca por identidade cultural e significado no presente, elemento central na produção literária dos romancistas vitorianos.

Dentro desse cenário, Alfred Lord Tennyson (1809 - 1892) também se destaca como um dos poetas influentes da Era Vitoriana, incorporando temas medievais em sua obra *The Idylls of the*

King (1859), uma sequência poética baseada no ciclo arturiano. Neste trabalho, Tennyson explora questões como lealdade, amor, traição e a busca pela justiça em um mundo marcado por ambiguidades morais. Ao revisitar as lendas do rei Arthur e dos cavaleiros da Távola Redonda, além de recontar essas histórias, Tennyson reconstrói à luz dos valores vitorianos, enfatizando ideais como dignidade, dever e honra. Dessa maneira, suas narrativas recuperam o imaginário medieval, além de dialogarem com os dilemas e expectativas sociais de sua própria época (JONES, 2016, p. 22-23).

Paralelamente, William Morris (1834 - 1896), figura central do movimento *Arts and Crafts*, contribuiu para essa redescoberta da literatura medieval com sua coletânea *The Defence of Guenevere* (1858). Diferentemente de Tennyson, cuja abordagem ressaltava a moralidade vitoriana, Morris aprofundou-se na complexidade emocional e na subjetividade dos personagens, oferecendo uma visão multifacetada da figura de Guenevere. Sua poesia revisitava temas medievais e buscava desafiar concepções tradicionais sobre heroísmo e virtude, trazendo à tona narrativas que questionavam as normas sociais e estéticas de seu tempo. Seu trabalho, assim, estimulou uma nova percepção da literatura medieval, incentivando uma reavaliação de seu significado e impacto na modernidade (JONES, 2016, p. 22-23).

Dessa forma, os poetas do século XIX não se limitaram a recuperar elementos do passado, mas os reconfiguraram para atender às exigências e inquietações de sua própria sociedade. Ao reinterpretar e transformar essas narrativas, eles estabeleceram uma ponte entre as tradições literárias medievais e as novas expressões artísticas, assegurando a permanência e a renovação do legado medieval na literatura inglesa.

Embora muitos poetas tenham se aproximado da Idade Média através de figurações anacrônicas, essa relação frequentemente implica um espaço de interpretação que pode oscilar entre idealizações românticas e crítica social. O medievalismo torna-se, assim, um campo fértil para investigar as maneiras como a cultura medieval foi apropriada e reimaginada ao longo do tempo. A discussão do medievalismo na poesia inglesa é um convite a reconsiderar a forma como entendemos nossa relação com o passado. Ao mesmo tempo que nos fornece uma nova linguagem e um novo entendimento das estruturas sociais, culturais e literárias da Idade Média, ele nos permite confrontar as continuidades e descontinuidades que permeiam nossa própria época. O processo de resgatar a medievalidade foi apenas uma busca estética, mas também uma busca de significado e de identidade em um mundo em constante transformação, onde as vozes do passado encontram eco nas perguntas e aspirações de hoje.

Ademais, Helen Phillips (2006), em seu ensaio sobre Chaucer e a cidade no contexto do século XIX, argumenta que a fruição que os vitorianos tinham por Chaucer estava intimamente ligada às suas ansiedades e respostas conflitantes à rápida urbanização da época. No início do

século XIX, Chaucer era lido como um poeta que refletia a natureza e valores humanistas, aproximando-se de uma idealização rural que parecia ideal em contrapartida às transformações urbanas. Dessa forma, a aclamação que Chaucer recebeu entre os vitorianos reflete uma tentativa de encontrar conforto e identidade em meio ao caos gerado pela urbanização (PHILLIPS, 2006, p. 193).

Apesar de Chaucer ter vivido e escrito sobre a vida urbana, sua imagem se transformou em um ícone anti-cidade que denotava uma serenidade rural imutável durante grande parte do século XIX. É dito que, enquanto seu trabalho refletia uma profunda familiaridade com as dinâmicas sociais e econômicas das cidades, ele foi romantizado para se tornar um símbolo de tranquilidade e simplicidade rural, um contraste com as condições urbanas em transformação (PHILLIPS, 2006, p. 196).

O engajamento com a natureza, tanto em sua obra quanto nas interpretações vitorianas, é uma marca essencial que transforma Chaucer em um poeta idolatrado. Os vitorianos viam nele um ideal de várias virtudes, como a saúde física através de atividades ao ar livre, que complementava o cuidado do espírito por meio da literatura. Isso é detalhado na página (PHILLIPS, 2006, p. 205), onde a noção de "Chaucer" é ligada a um ideal masculino de cavalheirismo e generosidade, ressaltando como a alegria do contato com a natureza e a apreciação da literatura inglesa se cruzam na sua obra.

A influência do romantismo na recepção da obra de Chaucer é destacada como um aspecto fundamental. Na era romântica, críticos e poetas estavam em busca de uma conexão mais profunda com a natureza e as emoções humanas. Essa necessidade de autenticidade e pureza na expressão artística fez com que muitos românticos vissem a obra de Chaucer como um exemplo ideal de como a arte poderia refletir a beleza da vida natural e as experiências humanas autênticas.

Comentaristas românticos frequentemente descrevem Chaucer como alguém que alcançou a transferência direta da cena natural para a página. William Hazlitt (1778 - 1830), expressou a ideia de que a verdadeira arte deve surgir da natureza. Isso implica que a arte não deve apenas retratar a vida e a beleza do mundo, mas também deve ser uma extensão da própria natureza e do ser humano. Assim, Chaucer passou a ser lido e reverenciado como um poeta que representava a natureza em suas obras e que possuía uma capacidade única de capturar a essência da vida com suas descrições vívidas e emocionantes. Por exemplo, a história de Griselda e a obra *Flower and the Leaf*. A narrativa de Griselda, com sua profundidade emocional e descrição vívida da personagem é vista como uma demonstração da capacidade de Chaucer de explorar temas universais de amor, dor e resistência, refletindo a condição humana de forma sincera e tocante. (PHILLIPS, 2006, p. 196 - 197).

Ao longo do século XIX, o papel de Chaucer evoluiu, com as opiniões começando a reconhecer que sua representação de paisagens e cenários poderia ser considerada não apenas naturalista, mas também como um produto de sua época, algo que os estudiosos começariam a explorar mais aprofundadamente depois cessar a idealização de um "Chaucer puro" na era vitoriana (PHILLIPS, 2006, p. 205-206). Esse olhar mudou nos períodos subsequentes, relacionando o crescente entendimento acadêmico e crítico a transformações mais amplas nas percepções tanto de Chaucer quanto da própria cidade, observando como a ansiedade da urbanização se refletiu na cultura literária da época. A análise de Phillips evidencia como a literatura funciona como um espaço de articulação das preocupações e aspirações sociais, mostrando que o entendimento de Chaucer é também um reflexo das tensões e ideologias de seu momento de recepção. Essa constatação reforça a necessidade de abordagens críticas que considerem as múltiplas camadas históricas envolvidas na construção da imagem do autor.

3.2 GEOFFREY CHAUCER E A EXPANSÃO CULTURAL INGLESA: O PAPEL DA LITERATURA NO IMPÉRIO INGLÊS

Durante o século XIX na Inglaterra a busca consciente por um grande passado cultural através da literatura foi refletido nas agendas nacionalista que visavam afirmar e celebrar a identidade inglesa. Nesse período, houve um movimento para que obras selecionadas se tornassem canônicas, onde textos críticos permaneceram a exaltar figuras como Chaucer como pilares da tradição literária inglesa. Essas dinâmicas históricas, culturais e ideológicas moldaram o processo que estabeleceu Chaucer como um cânone da literatura inglesa.

Durante esse período, a Inglaterra experimentou profundas transformações sociais, econômicas e culturais, impulsionado pela industrialização, pela expansão colonial e pela busca por uma identidade inglesa unificada, frequentemente referida como *Englishness*. Esse período, marcado por um renascimento do interesse pelo medievo, impulsionado por razões políticas, sociais e culturais, buscou afirmar a identidade nacional inglesa em um contexto de expansão colonial. Esse contexto histórico colocou a literatura em uma posição central na formulação de discursos imperialistas, agindo como uma forma de legitimar o poder inglês e de construir uma herança cultural percebida como coesa e contínua. Nesse contexto, a promoção da figura literária de Geoffrey Chaucer é integrada ao cânone literário para representar a continuidade e a grandeza da tradição cultural inglesa.

Mais do que um autor histórico, Chaucer foi reinterpretado como um símbolo da identidade inglesa, representando mais uma vez a solidez e a superioridade da cultura inglesa frente à diversidade cultural e linguística trazida pelo colonialismo. A promoção de Chaucer como um

emblema cultural demonstra como a literatura foi mobilizada como uma ferramenta de poder, destacando sua importância na articulação das narrativas de identidade e na consolidação do imaginário nacionalista inglês.

Durante a expansão colonial inglesa, as obras de Chaucer, ao lado de Shakespeare, Milton e tratados religiosos, eram frequentemente incluídas entre os livros levados pelos ingleses ao estabelecerem postos coloniais nas Américas, Ásia, Australásia e África (BARRINGTON, 2020, p. 2). Isso reforçava a presença cultural inglesa nessas regiões, além de ter ajudado a projetar uma imagem de superioridade cultural e moral da classe dominante inglesa. A literatura aqui se torna uma ferramenta ideológica fundamental. Toda construção de identidade nacional requer um conjunto de narrativas que justifiquem a homogeneização. Dessa forma, essa reapropriação de sua figura literária através do medievalismo e necessidade de uma identidade cultural exemplifica como o cânon literário pode ser moldado para atender a interesses específicos de poder e controle cultural, levantando questões críticas sobre a natureza e o propósito de tais construções literárias na formação das identidades nacionais.

Gauri Viswanathan (1998), acadêmica indiana da Universidade Columbia, em seu livro *Masks of Conquest: Literary Study and British Rule in India*, argumenta que o cânon literário inglês foi utilizado como uma ferramenta de dominação cultural durante o período colonial, apresentando a literatura inglesa como um padrão de excelência que mascarava as injustiças e explorações do colonialismo. Viswanathan argumenta que a introdução do cânon literário inglês tinha o objetivo de transmitir uma imagem respeitável e poderosa da classe dominante inglesa. Ao adotar a literatura inglesa como o padrão de excelência, ela servia como uma "máscara" que ocultava a exploração econômica e exploratórias do colonizador.

A utilização da literatura como ferramenta de controle no contexto colonial inglês nos elucida uma estratégia que vai além da dominação militar. Embora os ingleses detivessem uma posição de supremacia bélica na Índia, a escolha por uma abordagem indireta, centrada na educação e na difusão do cânone literário inglês, sugere a necessidade de um domínio intelectual, mais duradouro e menos suscetível a confrontos diretos. A imposição de uma disciplina acadêmica como meio de administração colonial indica que a força, por si só, não era suficiente para garantir a estabilidade do império. Ao transformar a literatura em um veículo de moralidade, verdade empírica e obrigação social, os ingleses difundiam sua cultura baseados em uma legitimação do seu poder ao apresentar a civilização inglesa como um modelo a ser seguido (VISWANATHAN, 1998, p. 10 - 11).

Esse processo, no entanto, não se deu de maneira linear. Inicialmente, o inglês foi imposto como língua oficial, reforçando a ideia de que a assimilação cultural seria um dos caminhos para a consolidação do domínio inglês. Posteriormente, surgiram esforços para equilibrar essa imposição

com princípios religiosos e éticos, demonstrando que a estratégia colonial não consistia apenas na transmissão de conhecimento, mas também na construção de uma identidade colonial moldada a partir de valores ingleses. Essa necessidade de adaptação evidencia que a posição inglesa não era tão sólida quanto aparentava, exigindo ajustes constantes para manter o controle sobre a população colonizada.(VISWANATHAN, 1998, p. 10)

Assim, observa-se uma tentativa de estabelecer um sistema de controle social sob a justificativa de um projeto cultural, que expõe a complexidade do colonialismo inglês. Mais do que uma simples demonstração de força, a difusão do cânone literário inglês serviu como resposta a desafios históricos e políticos, configurando-se como uma estratégia de gestão da instabilidade. Dessa forma, as políticas educacionais inglesas podem ser interpretadas como expressões de um etnocentrismo inquestionável e como instrumentos que visavam consolidar um domínio constantemente ameaçado pelas tensões e resistências locais.

Dentro desse cenário, Frederick James Furnivall emerge como uma figura participante deste processo. Advogado de formação, com fortes convicções igualitárias e democráticas, Furnivall dedicou grande parte de sua vida à publicação de textos em inglês antigo e médio, com um foco especial em Chaucer. Nascido em 1825 e falecido em 1910, ele estudou na Universidade de Londres e na Trinity Hall em Cambridge, lugares onde muitos de seus trabalhos sobre Chaucer permanecem guardados (BREWER, 1978, p. 167). Furnivall também foi co-secretário da London Philological Society em 1853 e, posteriormente, assumiu o cargo de secretário único até algumas semanas antes de seu falecimento em 1910, o que demonstra sua permanência nas esferas acadêmicas.

Furnivall percebeu uma necessidade de reavivar o interesse pela literatura medieval, especialmente em um momento em que havia um renascimento do gosto por estudos antiquários na literatura e o interesse por estudos literários, especificamente a literatura antiga e medieval, como parte de um movimento mais amplo que inclui o renascimento do gótico na arquitetura e do pré-raphaelismo na pintura. Esse renascimento é associado a uma corrente de pensamento que defende que os homens cultos da Inglaterra têm a obrigação de estudar os registros iniciais da sua língua e história social. Para cumprir essa obrigação, é essencial imprimir os manuscritos que contêm esses registros.

A fundação da *Early English Text Society* (EETS) em 1864 por Frederick James Furnivall teve como principal objetivo tornar acessíveis os textos medievais a um público mais extenso, tanto na Inglaterra quanto nas diversas regiões do Império Inglês. Poucos anos depois, em 1868, sua admiração por Geoffrey Chaucer levou à criação da *Chaucer Society*, uma iniciativa voltada à preservação e disseminação das obras do autor. No entanto, essa empreitada transcendeu o simples resgate literário, assumindo um caráter nacionalista que buscava reafirmar a continuidade da identidade cultural inglesa. Furnivall dedicou considerável esforço à administração da *Chaucer*

Society, possivelmente mais do que a qualquer outra organização que fundou, evidenciando seu compromisso com a valorização e consolidação da tradição literária nacional.

Diante desse contexto, torna-se pertinente questionar a relação entre os membros da *Chaucer Society* e a estrutura do governo colonial inglês. Até que ponto essa organização esteve alinhada com os interesses expansionistas do Império? De que maneira alguns de seus integrantes contribuíram para a manutenção do domínio colonial? Além disso, como a atuação da *Chaucer Society* se inseriu no mais amplo projeto de construção ideológica da Inglaterra ao longo do século XIX? Essas questões tornam-se ainda mais relevantes ao se considerar o funcionamento da sociedade, que, assim como a EETS, era mantida por um sistema de assinatura anual. Com aproximadamente 60 membros, sua sustentação financeira dependia de contribuições anuais, fixadas em 2 guinéus por ano. No entanto, essa quantia restringia a adesão a um grupo seletivo, excluindo segmentos populares e consolidando a sociedade como um espaço de circulação restrita, predominantemente vinculado às elites intelectuais e políticas (SPENCER, 2015, p. 602).

Embora a *Chaucer Society* e a EETS tenham inicialmente se concentrado na edição e divulgação de textos da literatura inglesa, suas motivações demonstram um caráter controverso. A EETS, conforme descrito em 1877, visava tornar a literatura inglesa antiga acessível aos estudantes e jovens do Império inglês, o que evidenciava uma perspectiva imperialista (BIDDICK, 1998, p. 93). Embora Furnivall tenha buscado um objetivo acadêmico e cultural, a *Chaucer Society* não é isenta de críticas. Sua atuação estava intimamente associada a um projeto nacionalista e patriótico, em grande parte devido à presença de membros com posturas imperialistas e colonialistas. A presença de figuras como Richard Morris (1854 – 1940), por exemplo, teve papel ativo na administração de colônias na Índia e China, enquanto Walter Skeat (1835 - 1912) esteve envolvido na gestão colonial em territórios africanos, evidencia essa relação entre os projetos filológicos da sociedade e a estrutura imperial inglesa (UTZ, 2011, p. 104).

O envolvimento de Skeat, assim como o apoio de Furnivall a ele, evidencia o caráter imperialista das sociedades e ganha relevância quando Furnivall expressa que “*The Early English Text Society had, by Mr Skeat's generous help, undertaken to do justice to Chaucer's great contemporary—above him in moral height, below him in poetic power*”¹⁹. A escolha de Furnivall de descrever Skeat como alguém de “altura moral” expõe uma tentativa de posicionar o filólogo como uma figura moralmente superior, cujas ações e decisões estavam sendo legitimadas não só pela sua erudição, mas também por sua posição ética e, possivelmente, por sua dedicação ao sucesso do império. Essa visão de “altura moral”, ao ser associada a Skeat, pode ser interpretada como uma tentativa de justificar o envolvimento e as práticas coloniais do período, sugerindo que

¹⁹ “A Early English Text Society, com a ajuda generosa do Sr. Skeat, comprometeu-se a fazer justiça ao grande contemporâneo de Chaucer — acima dele em altura moral, abaixo dele em poder poético.” (FURNIVAL, 1868, p. 3)

aqueles envolvidos com a administração do império estão engajados em um projeto de civilização e progresso. Essa interpretação não apenas traz à tona uma visão hierárquica da moralidade e da estética, mas também ilustra como as ideologias imperialistas estavam frequentemente entrelaçadas com as discussões acadêmicas e culturais de então.

Essas conexões ilustram como o resgate da literatura medieval, longe de ser um empreendimento neutro, esteve entrelaçado a dinâmicas de poder e dominação, reforçando discursos de superioridade cultural e consolidando a influência inglesa sobre suas colônias. Como aponta Stephanie Trigg, Furnivall acreditava que a preservação da identidade inglesa estava diretamente vinculada à disponibilização desses textos ao público. Segundo Trigg, “Para Furnivall, era a edição e publicação de textos que poderiam melhor preservar a identidade nacional” (2002, p. 175). Essa visão indica uma concepção da literatura como um instrumento de fortalecimento da coesão nacional, na qual o resgate da tradição escrita medieval serviria como fundamento para a continuidade histórica da Inglaterra.

Nesse sentido, também torna-se importante notar a relação entre a *Chaucer Society* e os Estados Unidos, especialmente em seus primeiros momentos de criação. Desde a fundação da sociedade imaginava expandir seu alcance aos amantes de Chaucer nos EUA. Furnivall afirmou que a criação da sociedade foi motivada por solicitações insistentes de seu amigo americano Francis James Child, estudante de Harvard, especialista na coleta de baladas e também um estudioso de Chaucer. Essa colaboração sugere que, apesar de a principal motivação de Furnivall ser a preservação da identidade literária inglesa, ele também nutria o desejo de estabelecer uma conexão intelectual transatlântica entre os admiradores de Chaucer na Inglaterra e nos Estados Unidos. Esse vínculo, assim, refletia o uso da obra de Chaucer para fortalecer o sentimento de identidade nacional na Inglaterra, buscando estreitar laços culturais com outras nações anglófonas, em particular com os Estados Unidos.

Francis Child (1825 - 1896) destaca-se como um dos autores do século XIX que utilizaram-se de suas posições intelectuais para enaltecer de maneira excessiva a figura de Chaucer e colaborar para a sua caracterização como cânone inglês. “*No supposition is more absurd than the idea that Chaucer, a master poet in any era, could write awkward, halting, or even disharmonious verses. Therefore, it must be held that when a verse is bad and cannot be improved in its current form, it is not the verse that Chaucer wrote.*”²⁰. Esse tipo de comentário, que reflete uma visão idealizada de Chaucer, carrega implicações sobre o julgamento crítico da obra do poeta medieval. Child, ao defender a perfeição artística de Chaucer, posicionava a obra do poeta como um modelo

²⁰ Nenhuma suposição é mais absurda do que a ideia de que Chaucer, um poeta magistral em qualquer época, poderia ter escrito versos desajeitados, irregulares ou dissonantes. Assim, deve-se considerar que, quando um verso parece defeituoso e não pode ser corrigido de nenhuma maneira em sua forma atual, então esse não é o verso que Chaucer realmente escreveu (BREWER, 1978, p. 123)

imune a falhas. Ao afirmar que versos ruins não seriam obra de Chaucer, ele estabelece uma visão quase hagiográfica da produção literária do autor. Essa postura, embora exagerada, sublinha o desejo de consolidar a imagem de Chaucer como um mestre incontestável da poesia, cuja obra não poderia ser sujeita às imperfeições da crítica comum. A obra do poeta medieval, portanto, é posicionada como um exemplo supremo de maestria literária, cuja qualidade não pode ser questionada.

A admiração de Francis Child por Chaucer, mesmo a partir dos Estados Unidos, pode ser explicada dentro de um contexto histórico e cultural em que durante o século XIX, os Estados Unidos estavam em um processo de consolidação de sua própria identidade nacional, e parte dessa construção envolvia a reafirmação das raízes culturais e literárias ligadas à Inglaterra. A obra de Chaucer, tornou-se um símbolo dessa conexão, representando a herança literária da Inglaterra e seu desejo de continuidade dos valores e ideias culturais .

Essa abordagem vai além da simples avaliação estética da produção literária de Chaucer; ela se torna uma ferramenta na construção de uma imagem de Chaucer como um pilar da identidade cultural e nacional inglesa. Child, ao apresentar Chaucer como um autor perfeito e sem falhas, contribuindo para a construção de uma figura literária de autoridade, além de reforçar a centralidade da literatura inglesa como um elemento definidor da cultura nacional. Assim, a defesa de Chaucer por Child não se limita à sua relevância estética, mas se inscreve em um contexto mais amplo, onde a obra do poeta se torna um símbolo de excelência cultural, utilizado para promover a identidade e a cultura da Inglaterra.

Investigando a relação entre a Chaucer Society e os Estados Unidos é possível perceber a motivação de Furnivall em preservar a identidade nacional e criar laços entre admiradores de Chaucer na Inglaterra e nos EUA. No prefácio provisório da primeira edição de *Six-Text Edition of The Canterbury Tales* (1868), Furnivall enfatiza a influência de Child na fundação da Chaucer Society, evidenciando o papel dos acadêmicos americanos na consolidação do estudo de Chaucer. Essa colaboração ilustra como a figura do poeta medieval foi mobilizada para fortalecer não apenas a tradição literária inglesa, mas também uma rede intelectual anglófona que transcendia o contexto inglês, reforçando a posição da literatura inglesa como referência cultural em um cenário global.

I am bound to confess that my love for Chaucer ... would not by itself have made me give up the time and trouble I can so ill afford to bestow on this task; but when an American, who had done the best bit of work on Chaucer's words [Child's "Observations on the Language of Chaucer," 1863], asked, and kept on asking, for texts of our great English poet, could an Englishman keep on refusing to produce them?[1] When that American had laid aside his own work to help, heart and soul, in the great struggle for freeing his land from England's legacy to it, the curse of slavery,[2] could one who honoured him for it, who felt strongly how mean had

been the feeling of England's upper and middle classes on the War, as contrasted with the nobleness of our suffering working-men,[3] – could one such, I say, fail to desire to sacrifice something that he might help to weave again one bond between at least the Chaucer-lovers of the Old Country and the New? No.²¹

A frase inicial, "*I am bound to confess that my love for Chaucer ... would not by itself have made me give up the time and trouble I can so ill afford to bestow on this task*" sugere que a dedicação ao estudo de Chaucer não se deve unicamente a uma paixão pessoal pela literatura, mas que fatores externos, foram determinantes para que ele se envolvesse tanto na produção de textos relacionados ao poeta medieval. Isso sugere que a criação da Chaucer Society e a colaboração com Furnivall transcendem o interesse acadêmico, envolvendo também uma dimensão pessoal e de política internacional entre os estudiosos de ambos os lados do Atlântico.

Furnivall então contextualiza sua decisão ao mencionar a solicitação de um americano, Francis James Child, cujo trabalho sobre Chaucer, particularmente *Observations on the Language of Chaucer*, de 1863, foi um fator determinante para sua ação. A menção da persistência de Child é uma estratégia discursiva que coloca a responsabilidade moral sobre Furnivall: dado o pedido repetido de um estudioso americano, não poderia ele, "*could an Englishman keep on refusing to produce them?*", recusar a contribuição à causa comum de preservar a obra de Chaucer, um ícone da literatura inglesa.

O texto transcende o campo estritamente acadêmico ao abordar a Guerra Civil Americana e o envolvimento de Child com a causa abolicionista. Furnivall estabelece um vínculo entre o engajamento moral e político de Child — que interrompeu seus próprios projetos para apoiar a luta pela emancipação nos Estados Unidos — e seu próprio propósito de fomentar o intercâmbio intelectual entre a Inglaterra e os Estados Unidos. Ao mencionar a expressão "*freeing his land from England's legacy*" no contexto da escravidão, Furnivall reconhece as complexidades históricas que permeiam as relações entre as duas nações, sugerindo que o passado colonial inglês deixou marcas que demandavam algum tipo de reparação, embora controversa.

Além disso, o uso de "*one English man*" e a contrastante menção à nobreza inglesa e aos trabalhadores que apoiaram a luta pela liberdade americana indica um reconhecimento de uma divisão interna dentro da sociedade inglesa. A crítica implícita à apatia das classes mais altas e

²¹ "Tenho que confessar que meu amor por Chaucer... por si só não teria me feito dedicar o tempo e o esforço que tão mal posso dispensar para esta tarefa; mas quando um americano, que fez o melhor trabalho sobre as palavras de Chaucer [Child, "Observations on the Language of Chaucer," 1863], pediu e continuou pedindo textos de nosso grande poeta inglês, poderia um inglês continuar recusando-se a produzi-los? Quando esse americano deixou de lado seu próprio trabalho para ajudar, de corpo e alma, na grande luta para libertar sua terra da herança deixada pela Inglaterra, a maldição da escravidão, poderia alguém que o honrava por isso, que sentia profundamente o quão mesquinho tinha sido o sentimento das classes altas e médias da Inglaterra em relação à Guerra, em contraste com a nobreza de nossos sofrendores trabalhadores – poderia um tal, digo eu, deixar de desejar sacrificar algo para ajudar a tecer novamente um vínculo entre, ao menos, os amantes de Chaucer do Velho e do Novo Mundo? Não." (FURNIVALL, 1868, p. 3).

médias da Inglaterra em relação à Guerra Civil Americana evidencia uma dissonância entre as elites inglesas e as classes trabalhadoras, que, segundo Furnivall, demonstraram maior empatia e solidariedade para com a luta americana pela abolição da escravidão.

Furnivall também apela ao simbolismo de "that he might help to weave again one bond" entre os amantes de Chaucer na Inglaterra e na América, sugerindo que, através da difusão da obra de Chaucer, poderia se restaurar uma conexão cultural e intelectual entre as duas nações. O uso de "laço" tem uma carga simbólica de união e continuidade, que em um contexto mais amplo pode ser entendido como uma tentativa de fortalecer os laços entre as culturas anglófonas, sem, no entanto, mencionar diretamente os aspectos políticos e imperiais que poderiam ter motivado essa união.

Assim como os propósitos nacionalistas e pró-americanos da Chaucer Society são perceptíveis, sua relação com o império também apresenta nuances complexas tais aquelas observadas na Early English Text Society (EETS). Essa dinâmica se entrelaça ao antagonismo inglês em relação à Alemanha, especialmente após sua unificação em 1871, quando suas ambições imperialistas passaram a ser percebidas como uma ameaça. A desconfiança de Furnivall em relação ao que Helen Spencer denomina a "hegemonia filológica alemã" reflete essa tensão, evidenciada nas instáveis colaborações entre Furnivall e os filólogos alemães envolvidos nas publicações da *Chaucer Society* (SPENCER 2015, p. 615-617).

Esse posicionamento é ilustrado em uma carta escrita em 1870 para Henry Bradshaw (1831–1886), em que Furnivall expressa a relação entre produção textual e poder nacional ao afirmar que a capacidade de uma nação de imprimir seus próprios manuscritos está diretamente ligada à sua força e autonomia (TRIGG, 2002, p. 176). Essa visão destaca como o controle sobre a produção e a disseminação do conhecimento era percebido como um elemento fundamental na consolidação da identidade e influência inglesa.

Essa declaração sugere que o domínio sobre a própria tradição literária era percebido como um componente fundamental da soberania nacional, associando a preservação e difusão da cultura escrita à capacidade de resistência e afirmação diante de desafios externos. Nesse contexto, a publicação de textos medievais transcendia a erudição acadêmica e integrava um projeto ideológico mais amplo, no qual a literatura se tornava um instrumento para consolidar a hegemonia cultural e política da Inglaterra.

A necessidade de afirmar a primazia da língua inglesa além das colônias se manifesta também nestas tensões entre Inglaterra e Alemanha no contexto do colonialismo e do imperialismo. Durante a unificação alemã, a erudição germânica era amplamente reconhecida por sua excelência em treinamento linguístico e análise textual, o que gerava percepções de superioridade. Furnivall, assim como muitos de seus contemporâneos, via essa influência como uma ameaça à preeminência

inglesa no campo dos estudos filológicos. Essas preocupações foram intensificadas pelo crescente atrito político entre os dois países no final do século XIX (SPENCER, 2015, p. 615).

A expansão imperialista alemã, particularmente durante a "Corrida pela África", provocou ressentimentos nos círculos acadêmicos ingleses, intensificando as rivalidades entre os dois países. Apesar de suas críticas à política colonial alemã, Furnivall mantinha uma postura pragmática ao reconhecer o valor da erudição germânica e incentivar colaborações intelectuais. Sua atitude demonstra como as tensões imperialistas não impediram a troca de conhecimento entre estudiosos de diferentes nações, evidenciando a interseção entre colonialismo, disputas nacionais e o desenvolvimento acadêmico (SPENCER, 2015, p. 616).

A "Corrida pela África" corresponde ao período das últimas décadas do século XIX, em que as potências europeias, incluindo a Inglaterra, França, Alemanha, Bélgica e Itália, competiam pela conquista e colonização do território africano. A partilha desse continente ocorreu sem consideração pelas populações locais, resultando na imposição de fronteiras artificiais que desconsideravam as divisões étnicas e culturais preexistentes.

No contexto dessa rivalidade, Spencer destaca que a Alemanha, sob o governo de Otto von Bismarck, inicialmente hesitava em estabelecer colônias, mas reverteu essa política entre 1884 e 1885, engajando-se ativamente na construção de um império colonial. Essa mudança intensificou a disputa com a Inglaterra, que já possuía um vasto domínio ultramarino e via a ascensão alemã como uma ameaça direta à sua hegemonia global.

As consequências dessa disputa extrapolaram o campo político e afetaram as esferas acadêmica e cultural. No ambiente intelectual inglês, crescia a percepção de que a Alemanha emergia como uma potência dominante em diversos campos do conhecimento, especialmente nos estudos linguísticos e filológicos. Esse avanço gerou ressentimento entre estudiosos ingleses, que se viam desafiados tanto em termos de prestígio quanto de influência. Desse modo, Spencer demonstra que a "Corrida pela África" não se limitou à conquista territorial, mas também ampliou rivalidades no meio acadêmico, onde a competição entre impérios repercutia na cooperação e no intercâmbio intelectual (SPENCER, 2015, p. 618).

Dentro dessa perspectiva, a intensificação da rivalidade anglo-alemã no final do século XIX e início do século XX contribuiu para um impulso estratégico na difusão da língua inglesa, tanto nas colônias inglesas quanto nos Estados Unidos. Esse fenômeno foi impulsionado por uma interação complexa de fatores políticos e culturais, que expressavam as tensões entre as potências emergentes. Com a unificação da Alemanha sob a liderança de Bismarck, a Inglaterra passou a enxergar o país de duas maneiras, como uma ameaça militar, mas também como um concorrente econômico e cultural. Esse ambiente de disputa incentivou uma valorização ainda maior da língua e da cultura inglesas, levando ao fortalecimento de políticas que buscavam consolidar o inglês como

idioma dominante nas colônias e no sistema educacional norte-americano. A competição entre as nações se estendia para o campo cultural, no qual a língua funcionava como um símbolo de identidade nacional e de influência geopolítica.

Nesse contexto, a adoção do inglês como língua predominante nas colônias foi uma estratégia empregada para consolidar a supremacia inglesa e manter a dominação cultural diante das tradições locais. Este processo esteve profundamente imerso no nacionalismo inglês, que vinculava a língua inglesa a valores de civilização e progresso, em contraste com a crescente influência de outras potências europeias, especialmente a Alemanha.

O fortalecimento da identidade nacional inglesa estava intimamente ligado ao esforço em promover o inglês, tanto como uma ferramenta educacional quanto como um meio diplomático. O agravamento das tensões com a Alemanha levou intelectuais ingleses, como Furnivall, a reconhecerem a necessidade de documentar, estudar e difundir sistematicamente a língua e cultura inglesa, a fim de garantir a manutenção de sua posição em um cenário internacional competitivo. Esse posicionamento torna-se evidente nos debates sobre a expansão do inglês, que era percebido não só como um instrumento de poder, mas também como uma estratégia para preservar a relevância cultural e política da Inglaterra em um contexto de rivalidades intensificadas no continente europeu durante o período.

Em síntese, as iniciativas filológicas e literárias da época não só visavam a preservação da herança cultural inglesa, mas também se alinhavam a um projeto imperial, em que a língua e a literatura se tornaram instrumentos de afirmação de poder frente ao crescimento de outras potências europeias.

3.2.1 EDUCAÇÃO E CULTURA NO CONTEXTO COLONIAL

A necessidade de afirmar a supremacia da Inglaterra se consolidou por meio de estratégias que buscavam posicionar a cultura inglesa como superior. Como analisado, os processos imperialistas não se restringiram ao âmbito das leis econômicas e das decisões políticas, mas se estenderam para além dessas esferas. Pela influência de formações culturais identificáveis e pela consolidação contínua da educação, literatura, artes visuais e musicais, tais processos se manifestaram em um nível de grande relevância: o da cultura nacional. Essa cultura, muitas vezes apresentada como um espaço asséptico e composto por monumentos intelectuais imutáveis, é, na realidade, permeada por relações de poder e filiações ideológicas (SAID, 2011, p. 37). A conexão entre cultura e dominação imperial pode ser observada na ideia de que arte e ciência sustentam as bases do império.

Essa perspectiva reforça o argumento de que nenhuma esfera da experiência humana permaneceu imune à imposição sistemática dessas hierarquias. No sistema pedagógico desenvolvido para a Índia, por exemplo, os alunos eram instruídos não apenas na literatura inglesa, mas também na suposta superioridade intrínseca da raça inglesa. De maneira semelhante, aqueles que contribuíam para o nascente campo da etnografia na África, Ásia e Austrália além de levarem consigo instrumentos meticolosos de análise, também difundiam concepções preconceituosas sobre barbárie, primitivismo e civilização. No campo emergente da antropologia, doutrinas diversas, como o darwinismo, o cristianismo, o utilitarismo, o idealismo, a teoria racial, a história jurídica, a linguística e os relatos de viajantes, se combinavam de maneira singular. No entanto, independentemente das variações teóricas, todos partilhavam a convicção inabalável na supremacia dos valores da civilização branca, identificada, sobretudo, com a identidade inglesa (SAID, 2011, p. 131).

Propagandas enganosas, que iam desde anúncios de cigarros, cartões-postais e partituras de canções até almanaques, manuais, programas de *music-hall*, brinquedos militares, concertos de bandas e jogos de tabuleiro, promoviam uma imagem idealizada do império. Esses elementos reforçavam a noção de que a expansão imperial era indispensável para a estabilidade estratégica, moral e econômica da nação, ao mesmo tempo em que retratavam as populações racializadas como irremediavelmente inferiores, necessitando de submissão, controle severo e, em certos casos, erradicação (SAID, 2011, p. 184).

Além dessas representações, os guias de viagem representavam uma posição significativa na construção de uma mentalidade colonial entre os ingleses que viajavam pela Europa. Esses manuais além de fornecer informações práticas, também incentivavam uma postura de superioridade em relação aos povos locais. No *Handbook for Travellers in Spain* (1855), Richard Ford orientava os turistas ingleses a adotarem uma atitude firme e reservada, enfatizando que a seriedade e a frieza no comportamento inglês eram eficazes para impor respeito entre os estrangeiros. Essa recomendação ilustra como tais guias não apenas instruíam sobre aspectos logísticos, mas também promoviam uma perspectiva hierárquica nas interações culturais (FIGES, 2019, p. 404).

A análise das medidas educacionais inglesa exige uma reflexão sobre sua fundamentação: se foram concebidas a partir de uma posição incontestada de superioridade ou se visavam consolidar um domínio percebido como frágil diante de desafios históricos e políticos. Ambas as perspectivas são válidas. A segunda, em particular, se evidencia ao considerar que a imposição do inglês como língua de instrução representou uma estratégia reativa a pressões diversas, incluindo os embates entre a Companhia das Índias Orientais e o Parlamento inglês, os conflitos entre parlamentares e missionários, e as disputas entre a Companhia e as elites indianas.

A insegurança inglesa diante do contexto colonial manifestava-se em mecanismos de controle voltados à contenção de possíveis levantes. O temor de uma insurreição era tão arraigado que impulsionava ações preventivas, moldando decisões administrativas e educacionais. Esse receio transparece nas discussões parlamentares e na correspondência entre o Conselho de Diretores e o governador-geral, onde as especulações sobre a reação da população local—como a oposição ao ensino da Bíblia ou à supressão do financiamento do aprendizado oriental—frequentemente recebiam mais atenção do que os relatos sobre respostas concretas dos nativos (VISWANATHAN, 1998, p. 10-11)

A formulação da política inglesa no contexto colonial não resultava necessariamente de uma avaliação precisa da realidade vivida pela população subjugada, mas sim de uma construção imaginária que orientava as ações dos administradores ingleses. A representação dos indianos como moral e intelectualmente inferiores oferecia uma justificativa para a imposição do domínio colonial, legitimando a intervenção sob a premissa de que caberia aos ingleses promover o progresso civilizatório. No entanto, essa mesma estrutura discursiva, ao descrever os nativos como irracionais, instáveis e propensos à insubordinação, alimentava nos governantes ingleses um estado de permanente vigilância e apreensão diante da possibilidade de revoltas e resistências.

Nesse cenário, as estratégias dos administradores ingleses caracterizavam-se por constantes contradições, revisões e ajustes de posicionamento. O temor de uma insurgência iminente levou à adoção de medidas que, muitas vezes, respondiam menos a ameaças concretas e mais a percepções subjetivas e alarmistas. A introdução da educação em inglês, por exemplo, inseriu-se nesse contexto como uma tentativa de consolidar a hegemonia inglesa, ao mesmo tempo que servia como mecanismo de controle social e disciplinamento da população colonizada (VISWANATHAN, 1998, p. 10-11).

Diante dessas dinâmicas, argumenta-se que até que as estratégias educacionais fossem plenamente estruturadas, a administração inglesa deveria adotar uma postura de cautela em relação às elites intelectuais indianas. Para evitar uma ruptura abrupta na ordem estabelecida, defendia-se a necessidade de reconhecer, ainda que temporariamente, a influência política, cultural e espiritual dessas classes, garantindo uma transição mais controlada para a consolidação da supremacia inglesa no campo da educação e do pensamento (VISWANATHAN, 1998, p. 40).

Isto posto, é notável que a ideologia imperial estava profundamente enraizada no pensamento intelectual do século XIX, influenciando a produção literária e filosófica da época. Autores como John Stuart Mill, Thomas Carlyle e Charles Dickens discutiam temas como raça, civilização e a legitimidade moral da dominação colonial, demonstrando a intersecção entre literatura, cultura e os interesses expansionistas do Império Inglês. Nesse cenário, estudiosos como Frederick Furnivall, Francis Child e William Godwin, responsáveis pelo ressurgimento dos estudos

sobre Chaucer no século XIX, promoviam a análise de sua obra, ao mesmo tempo em que o consolidavam como um símbolo da identidade cultural inglesa.

A exaltação da figura do poeta no século XIX não se limita a um simples reconhecimento literário, mas faz parte de um esforço mais amplo para cristalizar uma imagem positiva e forte do poeta, alinhada aos interesses e valores da sociedade dominante da época. Essa construção de uma imagem idealizada do poeta como figura central e indiscutível dentro do cânone literário, muitas vezes com um caráter quase heroico, reflete as necessidades culturais e políticas do período. Nesse contexto, Robert Southey (1774 - 1843), em 1831, expressa essa visão ao afirmar que

"Chaucer is not merely the acknowledged father of English poetry, he is also one of our greatest poets. His proper station is in the first class, with Spenser, and Shakspeare, and Milton; and Shakspeare alone has equalled him in variety and versatility of genius. In no other country has any writer effected so much with a half-formed language: retaining what was popular, and rejecting what was barbarous, he at once refined and enriched it; and though it is certain that his poetry is written rhythmically rather than metrically, his ear led him to that cadence and those forms of verse, which, after all subsequent experiments, have been found most agreeable to the general taste, and may, therefore, be deemed best adapted to the character of our speech"²²

A visão de Southey, ao situar Chaucer entre os maiores nomes da literatura, também sugere que sua obra foi uma força civilizadora que ajudou a moldar o inglês, afirmando sua superioridade sobre outras línguas e culturas, ao mesmo tempo em que estabelece uma relação de continuidade e evolução da língua inglesa. Esse tipo de canonização de Chaucer, no entanto, não deve ser entendido como uma seleção neutra ou puramente literária, mas sim como parte de um processo de construção ideológica.

Essa concepção também é reforçada por William Godwin (1756–1836) em sua biografia publicada em 1803, na qual apresenta Chaucer como a figura central na revitalização do idioma inglês na literatura e nas artes após o domínio normando.

"Chaucer fixed and naturalised the genuine art of poetry in our island. But what is most memorable in his eulogy, is that he is the father of our language, the idiom of which was by the Norman conquest banished from courts and civilised life, and which Chaucer was the first to restore to literature, and the muses. No one man in

²² "Chaucer não é apenas o pai reconhecido da poesia inglesa, ele também é um dos nossos maiores poetas. Sua posição adequada é na primeira classe, com Spenser, Shakespeare e Milton; e Shakespeare sozinho o igualou em variedade e versatilidade de gênio. Em nenhum outro país um escritor fez tanto com uma linguagem meio formada: mantendo o que era popular e rejeitando o que era bárbaro, ele ao mesmo tempo a refinou e enriqueceu; e embora seja certo que sua poesia é escrita ritmicamente em vez de metricamente, seu ouvido o levou àquela cadência e àquelas formas de verso que, depois de todos os experimentos subsequentes, foram consideradas mais agradáveis ao gosto geral e podem, portanto, ser consideradas mais adaptadas ao caráter de nossa fala" (BREWER, 2003, p. 313).

the history of human intellect ever did more, than was effected by the single mind of Chaucer."²³

A afirmação de Godwin enfatiza a importância de Geoffrey Chaucer na consolidação da poesia e da língua inglesa, atribuindo-lhe um papel fundamental na restauração do inglês como idioma literário e culturalmente legítimo após a conquista normanda. A análise dessa afirmação pode ser desdobrada em três aspectos principais: a naturalização da arte poética, a restauração do inglês como língua de prestígio e a construção da identidade linguística nacional.

Primeiramente, ao afirmar que Chaucer "fixou e naturalizou a genuína arte da poesia" na Inglaterra, Godwin sugere que sua obra estabeleceu um padrão para a tradição poética inglesa. Isso implica que, antes dele, a poesia em inglês carecia de uma forma consolidada ou de um status reconhecido. Chaucer, ao utilizar o inglês médio em sua produção literária, conferiu-lhe legitimidade e demonstrou sua capacidade expressiva, aproximando-o das grandes tradições poéticas europeias da época.

Em seguida, a citação destaca que Chaucer foi o responsável por restaurar o inglês ao domínio da literatura e da cultura letrada, depois de séculos em que a influência normanda havia marginalizado o idioma nos círculos de poder e prestígio. A Conquista Normanda de 1066 impôs o francês como língua da corte, da administração e da aristocracia, relegando o inglês ao status de idioma popular, falado pelas classes mais baixas. Ao escolher escrever em inglês, Chaucer desafiou essa hierarquia linguística, contribuindo para a reintegração do idioma na esfera literária e institucional.

Por fim, Godwin confere a Chaucer um protagonismo excepcional, afirmando que "nenhum outro indivíduo na história do intelecto humano fez mais" do que ele para a língua inglesa. Essa visão hiperbólica reflete uma perspectiva nacionalista, comum no início do século XIX, que enaltecia figuras históricas como pilares da identidade cultural e linguística da nação. Embora Chaucer tenha, de fato, feito parte da valorização do inglês, sua influência foi parte de um processo mais amplo que envolveu outros escritores e mudanças sociopolíticas que impulsionaram a ascensão do idioma. Dessa forma, a citação de Godwin simplifica um fenômeno complexo, atribuindo a ele um impacto quase singular na consolidação da língua inglesa. Seu discurso reflete um desejo de construir uma narrativa heroica sobre a origem do inglês como idioma nacional e literário.

Ao enfatizar Chaucer como um representante da tradição literária nacional, esses estudiosos estabeleceram um vínculo entre a Inglaterra medieval e a expansão imperial vitoriana, reforçando a

²³ "Chaucer fixou e naturalizou a genuína arte da poesia em nossa ilha. Mas o que é mais memorável em seu elogio é que ele é o pai de nossa língua, cujo idioma foi banido das cortes e da vida civilizada pela conquista normanda, e que Chaucer foi o primeiro a restaurar à literatura e às musas. Nenhum homem na história do intelecto humano jamais fez mais do que foi efetuado pela mente única de Chaucer." (BREWER, 2003, p. 238).

continuidade de uma suposta grandeza histórica. Esse processo extrapolava o âmbito acadêmico, uma vez que a literatura inglesa era amplamente utilizada como instrumento ideológico nas colônias. A construção de uma narrativa literária centrada na cultura inglesa contribuía para sustentar a ideia de superioridade civilizacional, legitimando a influência inglesa sobre outros povos. Assim, a promoção de Chaucer no século XIX não se limitava ao reconhecimento de sua importância literária, mas também se inseria em um contexto mais amplo de afirmação cultural e política do Império Inglês.

3.3 A FORMAÇÃO DO CÂNONE LITERÁRIO: CHAUCER, SPIVAK E A DESCOLONIZAÇÃO DA LITERATURA INGLESA

Ao longo da pesquisa, deparei-me com um artigo de Jenna Mead (1994), cujo título faz referência a um questionamento formulado por Gayatri Chakravorty Spivak (1990) sobre as abordagens críticas aplicadas ao estudo de Chaucer. O questionamento — “*the anti-imperialist approaches to Chaucer (are there those?)*” (1990, p. 785) — evidencia como as leituras do poeta inglês, em sua maioria, têm sido moldadas por perspectivas imperialistas que reiteram discursos hegemônicos. A reflexão proposta por Mead e Spivak insere-se, portanto, em um debate sobre a formação do cânone literário e as práticas pedagógicas no ensino da literatura.

Ao recorrer às contribuições de Spivak, Mead dialoga com uma crítica ao cânone tradicional, ressaltando as implicações políticas da representação no contexto educacional. A experiência de Spivak em um departamento de literatura inglesa nos Estados Unidos ilustra como o ensino literário não se limita à análise de textos, mas está profundamente vinculado à construção de identidades culturais. Para Spivak, a literatura constitui um espaço de disputas em que se definem quais vozes são legitimadas e quais permanecem à margem.

Sob essa perspectiva, o ensino de Chaucer configura-se como um ponto de convergência entre a preservação da tradição e a necessidade de revisão crítica, revelando tensões entre o cânone estabelecido e as demandas por um currículo mais representativo. A análise de Mead ressalta os desafios inerentes à reinterpretação de um autor amplamente reconhecido como figura central da literatura inglesa, mas cuja obra, em determinadas abordagens críticas, não se alinha plenamente às perspectivas que buscam revisitar a tradição literária sob um viés politicamente engajado.

Gayatri Chakravorty Spivak (1990), em seu artigo *The Making of Americans, the Teaching of English, and the Future of Culture Studies*, examina questões fundamentais sobre o ensino de inglês nos Estados Unidos, ressaltando a importância de uma abordagem crítica e interdisciplinar na formação acadêmica. A autora argumenta que a língua e a literatura não podem ser dissociadas das

estruturas coloniais e pós-coloniais que influenciaram a produção e a recepção dos textos. Nesse sentido, Spivak questiona a prática de desvincular a literatura de seu contexto histórico e social, defendendo uma análise que incorpore essas dimensões para evitar a perpetuação de uma visão eurocêntrica e excludente.

Spivak, ao problematizar as limitações impostas pelo cânone literário anglo-americano, ilustra como essa estrutura estreita restringe a pluralidade de experiências representadas no ensino de inglês, impedindo uma compreensão mais abrangente e inclusiva das dinâmicas culturais globais. A formação dos cânones literários, em sua essência, é um processo multifacetado, que envolve não apenas elementos literários, mas também uma série de fatores externos à própria literatura. Ao priorizar determinados autores e tradições, os cânones acabam marginalizando outras vozes, o que limita a amplitude da experiência educacional e a compreensão das complexidades culturais e históricas presentes em diversas tradições literárias.

A discussão contemporânea sobre a formação dos cânones literários têm se concentrado na influência de fatores extra-literários, que, muitas vezes, operam em consonância com os aspectos dominantes de uma dada época. Nessa dinâmica, um sistema hierárquico de obras é imposto, no qual certos textos são considerados mais significativos que outros, com uma ênfase particular em autores que atendem aos critérios de poder, prestígio e relevância cultural em momentos específicos da história. Esse processo resulta na exclusão sistemática de obras e autores que não se alinham a esses padrões, tornando-se invisíveis ou marginalizados no cânone estabelecido. Fatores como preconceitos culturais, ideológicos, políticos, de gênero, étnicos e socioeconômicos são frequentemente determinantes na construção dessa hierarquia, evidenciando como a literatura é, muitas vezes, um reflexo das estruturas de poder que a cercam.

Em virtude de sua própria estrutura e significados, o cânone literário está imerso em uma política de exclusão em vez de uma seleção objetiva e imparcial das "melhores" obras literárias, refletindo as hierarquias de poder e as relações de dominação presentes na sociedade. Muitas vezes, essas estruturas são apresentadas como universais e imutáveis, quando, na verdade, constituem construções históricas e políticas, profundamente influenciadas pelas relações de poder e pelas dinâmicas sociais de sua época. O questionamento dessas construções e a busca por abordagens críticas visam, portanto, descolonizar o cânone, ampliando a diversidade das obras literárias e permitindo que tradições mais variadas e complexas sejam reconhecidas e valorizadas. Nesse contexto, a função do cânone literário vai além de seu papel acadêmico, pois também é utilizado para reforçar uma imagem hierárquica, comumente associada ao colonizador em relação ao colonizado.

Críticas pós-coloniais, como as de Spivak e Viswanathan, questionam a ideia de que o cânon literário é uma seleção objetiva das melhores obras literárias. Em vez disso, essas críticas

evidenciam que o cânon é frequentemente moldado por agendas políticas e ideológicas, refletindo as hierarquias de poder e dominação na sociedade. Essa perspectiva é particularmente relevante na análise da biografia e do legado de Chaucer. Ao longo dos séculos XIX, a figura de Chaucer foi frequentemente mobilizada para sustentar uma ideia de continuidade histórica da identidade inglesa, sendo apresentado como um autor “orgânico”, que expressaria a voz autêntica do povo inglês em sua própria língua, numa espécie de gênese da literatura nacional. Biografias como a de William Godwin (1803), por exemplo, enfatizam a ascendência nobre de Chaucer, sua ligação com a realeza e seu papel como servidor do Estado, aspectos que reforçam uma narrativa de prestígio e legitimidade cultural. Em contextos imperiais, essa imagem foi particularmente útil para sustentar a noção de uma linhagem literária que justificava a superioridade cultural inglesa.

É possível notar um certo esforço para subordinar sua relevância literária a uma narrativa que destacasse sua relação com a tradição cultural ocidental, ocultando aspectos que poderiam desviar dessa construção ideológica. A representação de Chaucer como um autor cosmopolita neste período, buscou projetar uma imagem de abertura e inclusão, mas, paradoxalmente, servia para consolidar um nacionalismo cultural excludente. Esse discurso sustentava a supremacia cultural inglesa tanto no cenário doméstico quanto internacional, ao passo que moldava a obra de Chaucer dentro de um quadro ideológico que privilegiava determinadas perspectivas e omitia outras.

Dessa forma, é possível imaginar que a imagem do autor foi utilizada para se alinhar aos interesses culturais e políticos da Inglaterra, garantindo que ele fosse lembrado principalmente por sua conexão com valores eurocêtricos. Essa apropriação estratégica da figura de Chaucer reflete um processo mais amplo de seleção e exclusão no desenvolvimento dos cânones literários sustentados pelo Orientalismo.

Essa perspectiva implica a necessidade de desconstruir a imagem monumentalizada do autor, substituindo-a por uma interpretação mais matizada, enraizada em sua época e informada pelas complexidades culturais, sociais e políticas do período medieval. Para tanto, é essencial reexaminar criticamente o legado textual de Chaucer, identificando o que foi omitido ou enfatizado por editores do século XIX. As lacunas, contradições e divergências em suas obras devem ser explicitadas, promovendo uma compreensão mais completa e contextualizada.

Para superar essa limitação, Spivak propõe uma perspectiva transnacional, na qual a literatura inglesa seja analisada em diálogo com outras disciplinas, como estudos sociais e antropologia, possibilitando uma interpretação mais aprofundada e crítica da cultura. Assim, a aplicação das ideias de Spivak ao estudo de Chaucer permite questionar como o processo de se tornar um cânone operou dentro da lógica eurocêntrica que além de consolidar sua obra como fundacional, também silenciou ou reconfigurou aspectos que poderiam desafiar essa visão consolidada.

Outro aspecto fundamental é a interseção entre educação e cidadania. Spivak sustenta que o ensino de inglês deve fomentar a formação de cidadãos capazes de compreender criticamente as estruturas de poder e as desigualdades sociais que atravessam o discurso literário e cultural. Diante da diversidade étnica e cultural dos Estados Unidos, torna-se imprescindível que os currículos não se limitem à tradição literária dominante, mas incorporem múltiplas narrativas que constituem a sociedade contemporânea. Nesse sentido, a autora argumenta que a reformulação do ensino de inglês não se restringe à mera inclusão de novos textos, mas requer uma reestruturação profunda dos métodos pedagógicos, de modo a capacitar os estudantes para uma participação reflexiva e engajada na esfera pública.

O reconhecimento do plurilinguismo não se configura apenas como uma questão histórica, mas também como um debate político contemporâneo, uma vez que a hegemonia da língua inglesa moderna frequentemente marginaliza outras línguas e, conseqüentemente, os sujeitos que as falam. Esse fenômeno, denominado por Spivak como "ignorância sancionada" das línguas não inglesas, evidencia como a dominação linguística reforça desigualdades epistemológicas e culturais. Nas palavras da autora:

“Our own mania for ‘third world literature’ anthologies, when the teacher or critic often has no sense of the original languages, or of the subject-constitution of the social and gendered agents in question (and when therefore the student cannot sense this as a loss), participates more in the logic of translation-as-violation than in the ideal of translation- as-freedom-in-tropeing. What is at play there is a phenomenon that can be called ‘sanctioned ignorance,’ now sanctioned more than ever by an invocation of “globality”—a word serving to hide the financialization of the globe, or “hybridity”—a word serving to obliterate the irreducible hybridity of all language.”²⁴

No trecho extraído de *A Critique of Postcolonial Reason*, Gayatri Chakravorty Spivak analisa criticamente a apropriação ocidental da literatura do chamado "Terceiro Mundo" por meio de antologias que frequentemente desconsideram as línguas originais e os contextos sociais e de gênero das obras. A autora caracteriza esse processo como um ato de "tradução como violação", contrapondo-o à concepção de tradução como um espaço de reelaboração criativa (*troping*). O conceito de *sanctioned ignorance*, ou ignorância sancionada, proposto por Spivak, denuncia a maneira pela qual esse apagamento cultural e epistemológico se mantém legitimado por discursos

²⁴“Nossa própria mania por antologias de ‘literatura do terceiro mundo’, quando o professor ou crítico frequentemente não tem noção das línguas originais, ou da constituição do sujeito dos agentes sociais e de gênero em questão (e quando, portanto, o aluno não consegue sentir isso como uma perda), participa mais da lógica da tradução-como-violação do que do ideal da tradução-como-liberdade-em-tropeço. O que está em jogo ali é um fenômeno que pode ser chamado de ‘ignorância sancionada’, agora sancionada mais do que nunca por uma invocação de “globalidade” — uma palavra que serve para esconder a financeirização do globo, ou “hibridez” — uma palavra que serve para obliterar a hibridez irreduzível de toda linguagem.” (Spivak, 1999, p. 164).

contemporâneos. Segundo ela, tais narrativas operam para mascarar relações de poder econômico e ocultar a complexidade linguística inerente a todas as culturas (DAVIDSON, 2009, p.135).

Além disso, a referência ao ensaio do filósofo indiano Aijaz Ahmad, *Disciplinary English: Third-Worldism and Literature*, insere-se em um debate mais amplo sobre a categorização da literatura do "Terceiro Mundo" no meio acadêmico ocidental. Spivak sugere que esse enquadramento tende a reduzir tais produções a um rótulo homogêneo, desconsiderando suas especificidades históricas e a pluralidade de perspectivas que as compõem. Dessa forma, a autora questiona abordagens que simplificam e descontextualizam essas literaturas, reforçando dinâmicas de dominação simbólica e epistemológica.

A crítica de Gayatri Spivak à apropriação ocidental da literatura do chamado "Terceiro Mundo" e sua relação com a ignorância sancionada oferece um referencial teórico para a análise da canonização de Geoffrey Chaucer no âmbito do cânone literário eurocêntrico. Assim como as literaturas não ocidentais são frequentemente traduzidas e interpretadas de modo que obscurece seus contextos históricos e linguísticos originais, a consagração de Chaucer como o "pai da literatura inglesa" resulta de um processo de apropriação que carrega implicações ideológicas.

Nesse sentido, o conceito de "ignorância sancionada" também pode ser aplicado à maneira como certos mitos sobre Chaucer foram institucionalizados, ocultando as complexidades sociopolíticas de seu tempo. A elevação de sua obra a um marco fundador da literatura inglesa sustenta uma narrativa de continuidade linear e homogênea, negligenciando as disputas culturais e linguísticas que influenciaram sua recepção. Esse fenômeno guarda semelhança com a crítica de Aijaz Ahmad à construção da categoria de "literaturas do Terceiro Mundo", frequentemente reduzidas a uma representação homogênea que ignora suas especificidades internas em prol de uma leitura conveniente aos interesses acadêmicos ocidentais.

A construção do cânone ocidental, especialmente no caso de Chaucer, resultou de um processo seletivo que enfatiza determinados aspectos de sua obra em detrimento de outros, ao mesmo tempo que negligenciou ou reinterpretou sua inserção no contexto multilíngue do século XIV. A crítica de Spivak à "tradução como violação" pode ser comparada à forma como a recepção de Chaucer foi moldada ao longo dos séculos por interesses nacionalistas e imperiais, transformando-o em um símbolo de uma literatura inglesa coesa e fundacional, quando, na realidade, sua produção esteve profundamente enraizada em um ambiente trilingue, no qual o latim, o francês e o inglês coexistiam e se influenciavam mutuamente.

Os discursos coloniais estão presentes principalmente nas interpretações e nas construções ideológicas que associam Chaucer à fundação e ao fortalecimento da identidade inglesa. A exaltação de Chaucer pode ser vista dentro de um contexto colonial, onde a construção de uma literatura inglesa "superior" servia a uma narrativa de dominação cultural e política. A forma como

Chaucer é apresentado como o “pai” da língua inglesa, como alguém que refinou e enriqueceu a língua, retira o foco de seu contexto trilingue medieval e ignora as complexas interações culturais que marcaram a formação do inglês. Isso cria uma visão homogênea da língua e literatura inglesa, apagando as influências significativas do francês, latim e outras culturas que estiveram presentes na Inglaterra medieval.

Dessa maneira, a forma como Chaucer foi articulado como uma figura central e quase mitológica na construção do cânone literário inglês também pode ser vista como parte de uma estratégia colonial. Sua canonização ajudou a legitimar uma narrativa nacionalista e imperialista, alinhada com a construção de uma identidade inglesa que excluía outras tradições culturais e literárias. As críticas pós-coloniais de Spivak e Viswanathan ajudam a desvelar como o cânone literário, longe de ser uma seleção "objetiva", muitas vezes serve para reforçar a dominação cultural, como acontece com a figura de Chaucer, que, ao ser inserido nesse processo de glorificação, ajuda a consolidar a ideia de uma literatura inglesa superior, voltada para uma construção de um império colonial e uma tradição de poder. Assim, os discursos coloniais são implícitos na maneira como Chaucer foi elevado a um status quase intocado, representando um ideal de superioridade literária e cultural, frequentemente utilizado em narrativas imperialistas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa analisou a construção da imagem de Geoffrey Chaucer, investigando sua relação com as agendas culturais, literárias e ideológicas da Inglaterra. Buscou-se compreender os fatores históricos, sociais e políticos que influenciaram a recepção de sua obra ao longo do tempo, destacando as transformações religiosas e políticas que caracterizaram a Inglaterra medieval. A análise de *The Canterbury Tales* revelou a multiplicidade de interpretações atribuídas à obra, cujas dimensões foram enriquecidas pelo contexto histórico, particularmente a Guerra dos Cem Anos, a ascensão do inglês vernáculo como língua literária e as mudanças políticas no país. Dessa forma, a obra de Chaucer é um produto das dinâmicas sociais e culturais de sua época, sendo reinterpretada conforme o cenário histórico se alterava.

É no século XIX que a exaltação de Chaucer ganha contornos decisivos, quando sua obra passa a ser mobilizada como símbolo da tradição literária inglesa em um contexto de expansão imperial. A edição de suas obras por estudiosos como Frederick J. Furnivall e a consolidação de sua imagem como o "pai da poesia inglesa" refletem um esforço de apropriação cultural que alinha Chaucer aos valores nacionalistas e moralizantes da Era Vitoriana. Nesse período, sua biografia foi reconfigurada para atender às demandas de um projeto educacional e identitário que buscava reforçar a autoridade do império britânico através de uma literatura canônica, escrita em inglês e vinculada a uma herança supostamente contínua desde a Idade Média. Assim, o século XIX desempenhou papel central na construção moderna da imagem de Chaucer, servindo como ponto de inflexão entre a leitura histórica de sua obra e sua instrumentalização ideológica.

Ao revisar a narrativa histórica sobre Chaucer, a pesquisa buscou compreender como sua obra foi interpretada e mobilizada ao longo do tempo, inserindo essas leituras nas dinâmicas culturais e políticas que moldaram a Inglaterra medieval e, posteriormente, o império inglês. A análise envolveu a atuação de intelectuais, críticos e autores que promoveram Chaucer como um ícone literário no cânone ocidental, utilizando sua imagem para reforçar projetos de identidade cultural inglesa. A pesquisa demonstrou como as narrativas sobre o autor e sua produção foram adaptadas ao longo do tempo para atender às necessidades e interesses de diferentes períodos históricos. Esse enfoque possibilitou uma compreensão mais precisa das forças culturais e ideológicas que moldaram a recepção da obra de Chaucer e sua inserção no cânone literário. Além disso, foi explorada a influência do medievalismo vitoriano, com sua valorização do período medieval, e sua conexão com o imperialismo, na forma como as obras de Chaucer foram interpretadas.

A pesquisa revelou que a literatura foi frequentemente utilizada como ferramenta para atender a diversos interesses culturais, políticos e acadêmicos. Desde a fundação da *Chaucer Society* até a atuação da *Early English Text Society* (EETS), a edição e circulação dos textos de

Chaucer estiveram associadas a projetos nacionalistas e imperialistas. Através dessas edições, Chaucer foi promovido como um símbolo de continuidade e excelência literária, vinculado à grandeza do Império Inglês. A preservação da literatura medieval como parte da construção de uma identidade cultural inglesa demonstra como a filologia e os estudos literários foram instrumentalizados para consolidar a hegemonia cultural inglesa, tanto no Império Inglês quanto em territórios colonizados. A participação de figuras como Richard Morris e Walter Skeat nas sociedades literárias e seus vínculos com atividades coloniais indicam que a disseminação das obras de Chaucer foi, além de um empreendimento acadêmico, uma estratégia ideológica voltada para a afirmação da supremacia inglesa.

Ao aprofundar a análise das complexidades envolvidas na construção da imagem de Geoffrey Chaucer, buscou-se evitar a simplificação de sua figura como apenas um precursor de certos ideais literários ou culturais. Propomos, em vez disso, considerar Chaucer como uma figura literária cuja obra e recepção estão em um contínuo processo de reinvenção. A partir dessa perspectiva, o estudo enfatizou as várias dimensões da história de sua recepção, destacando lacunas e contradições presentes nas interpretações de seus escritos.

A hipótese inicial, que postulava uma estreita relação entre a construção da imagem de Chaucer nos séculos XIV e XIX e as agendas culturais e ideológicas da Inglaterra, foi corroborada pelos resultados da pesquisa. A análise das fontes primárias e secundárias evidenciou que os escritos de Chaucer foram empregados como parte de um projeto cultural que buscava consolidar uma identidade cultural e imperial. A pesquisa também elucidou como o medievalismo vitoriano, em conjunto com o multiculturalismo e o legado colonial da Inglaterra, contribuiu para o crescente interesse por Chaucer e a valorização do período medieval. Dessa forma, a construção de Chaucer como uma figura literária central esteve diretamente ligada a interesses ideológicos voltados ao reforço da posição dominante da Inglaterra no cenário global.

Além disso, a pesquisa proporcionou uma visão mais ampla da literatura medieval, destacando a interconexão entre literatura e história. Ao situar a obra de Chaucer em diferentes momentos históricos, foi possível perceber que as tradições literárias não são entidades fixas, mas estão em contínua transformação, ajustando-se às exigências culturais e políticas de cada época. Em síntese, os resultados da análise revelaram que a recepção das obras de Chaucer não se limitou a uma simples apreciação literária, mas esteve fortemente ligada à construção e reforço de narrativas culturais que desempenharam um papel fundamental na formação do imaginário coletivo inglês durante o medievo e o período vitoriano.

Nesse panorama, a consagração de Chaucer como referência no cânone ocidental foi exemplificada pela perspectiva eurocêntrica e colonial em relação ao Oriente. Foi percebido que a constituição dos cânones literários envolve dimensões políticas e ideológicas, com a criação de uma

hierarquia que favorece determinadas obras em detrimento de outras, resultando em processos de exclusão. Autores e textos são frequentemente marginalizados devido a preconceitos culturais, ideológicos, políticos, de gênero, étnicos ou socioeconômicos. Dessa forma, a definição do cânone não se limita à seleção de obras reconhecidas, mas também evidencia as estruturas de poder que orientam a memória literária e a historiografia cultural.

A construção da figura de Geoffrey Chaucer frequentemente resulta em uma idealização que o coloca em uma posição isolada, distorcendo sua relação com os contemporâneos e relegando outros autores medievais a um segundo plano. Esse processo é particularmente evidente na formação do cânone literário, onde a ênfase na singularidade de Chaucer pode obscurecer a diversidade da literatura medieval, contribuindo para a marginalização de outras vozes significativas do período. Ao abordar essas questões, abre-se a possibilidade de uma análise mais crítica e inclusiva da literatura medieval, questionando as narrativas dominantes e promovendo uma apreciação mais ampla das variadas tradições literárias e culturais.

Até recentemente, o estudo de Chaucer foi amplamente centrado na concepção de sua obra como fundamental para a consolidação da literatura inglesa. Contudo, abordagens contemporâneas, sustentadas por teorias pós-coloniais, globais e orientalistas, têm expandido o foco das pesquisas sobre sua produção literária. Essas novas perspectivas buscam descolonizar o campo literário e ampliar a compreensão das dinâmicas interculturais, trazendo à tona uma análise mais plural da literatura medieval. Tais discussões também demonstraram como a tradição ocidental medieval contribuiu para a perpetuação da dicotomia entre Oriente e Ocidente, uma narrativa que, ao longo do tempo, marginalizou a influência do Oriente na formação da cultura ocidental, tanto no plano cultural quanto geográfico.

Os dados e análises apresentados ao longo deste trabalho demonstram a urgência de repensar o lugar de Chaucer dentro do campo literário. A consagração de Chaucer como figura central da literatura medieval inglesa não apenas reflete escolhas interpretativas específicas, mas também está enraizada em projetos ideológicos ligados à construção da identidade nacional britânica. A análise evidenciou que abordagens críticas contextuais, que articulam o texto literário às dinâmicas políticas, sociais e culturais de sua produção e recepção, permitem revelar as camadas de exclusão e centralidade que sustentam a permanência de certos autores no cânone. Assim, a pesquisa contribui para o debate contemporâneo sobre descolonização dos saberes ao mostrar como a centralidade imperial atribuída a Chaucer obscurece outras vozes e tradições da literatura medieval.

Essa constatação aponta para a necessidade de reavaliar os critérios de consagração literária e de promover um olhar crítico sobre a formação dos cânones, integrando perspectivas históricas mais amplas e inclusivas. Em vez de manter a separação entre crítica literária e análise linguística,

os resultados desta investigação indicam que sua articulação é fundamental para compreender as operações simbólicas que legitimam certas narrativas em detrimento de outras. A pesquisa, portanto, não apenas contribui para o entendimento das estruturas de valorização literária, como também propõe caminhos para a construção de uma história literária mais complexa, plural e sensível às intersecções entre linguagem, poder e identidade.

Este debate, embora ainda em estágio inicial, é fundamental para que obras e tradições literárias também sejam analisadas e questionadas, com o intuito de descolonizar o discurso e evidenciar os processos de inclusão e exclusão na valorização de determinados autores e obras. O objetivo é desafiar e ampliar os cânones ocidentais, seja na literatura ou em outras áreas culturais, buscando uma compreensão mais abrangente e inclusiva das narrativas culturais. Dessa forma, pretende-se não apenas enriquecer os estudos literários, mas também promover maior diversidade e equidade na valorização das diferentes tradições culturais globalmente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABU-LUGHOD, Janet L. Before European hegemony: the world system AD 1250-1350. Nova York: Oxford University Press, USA, 1989.
- AKBARI, Suzanne Conklin. Idols in the east: European representations of Islam and the orient, 1100–1450. Cornell University Press, 2009.
- ALARCÃO, Miguel. "We are all on fire [...]': os primórdios da canonização da literatura medieval inglesa." In: Actas do XXIII Encontro da Associação Portuguesa de Estudos Anglo-Portugueses, p. 37-49, 2002.
- ALBUQUERQUE, I. D. A utilização do conceito de identidade nos estudos sobre Idade Média: um olhar sobre a Inglaterra no período de Alfred, o Grande (871-899). Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, p. 38-51, 2012.
- ALTSCHUL, Nadia R. Postcolonialism and the study of the Middle Ages. History Compass, v. 6, n. 2, p. 588-606, 2008.
- AZEVEDO, Leandro Villela de. As obras inglesas de John Wycliffe inseridas no contexto religioso de sua época, tese de doutorado – FFLCH – USP – São Paulo, 2010.
- BARRINGTON, Candace. American Chaucers. England: Palgrave Macmillan, 20007.
- BARRINGTON, Candace. The Global Pilgrimage of Geoffrey Chaucer's The Canterbury Tales. In: SEIGNEURIE, Ken; XIAO, Jiwei. (Eds.) A Companion to World Literature. Nova Jersey: John Wiley & Sons, p. 1-12, 2020.
- BENSON, Larry D. (Ed.). *The Riverside Chaucer*. 3. ed. Oxford: Oxford University Press, 1987.
- BIDDICK, Kathleen; SCOTT, Joan Wallach. *The shock of medievalism*. Durham: Duke University Press Books, 1998.
- BOFFEY, Julia; EDWARDS, A. S. G. Contextualising the Legend of Good Women: Some Possible Bohemian Perspectives. In: BROWN, Peter; ČERMÁK, Jan (Ed.). *England and Bohemia in the Age of Chaucer*. Suffolk: Boydell & Brewer, 2023.
- BREWER, Derek. Tradition and Innovation in Chaucer. Londres: Palgrave MacMillan, 1982.
- BREWER, Derek. Getting a life: biographical constructions of Chaucer the man. In: GUST, Geoffrey (Ed.). *Constructing Chaucer: author and autofiction in the critical tradition*. Springer, 2009.

- BREWER, Derek. Geoffrey Chaucer: The Critical Heritage Volume 1 1385–1837. Routledge, 1978.
- BREWER, Derek. Geoffrey Chaucer: The Critical Heritage Volume 2 1837-1933. Routledge, 1978.
- COHEN, Jeffrey. Hybridity, identity, and monstrosity in medieval Britain: on difficult middles. Springer, 2016.
- COHEN, Jeremy (Ed.). The postcolonial middle ages. New York. Palgrave, 2000.
- COLLETTE, Carolyn. Afterlife. In: BROWN, Peter (Ed.). A companion to Chaucer. John Wiley & Sons, 2008.
- CHAUCER, Geoffrey. Os contos de Canterbury. Tradução, apresentação e notas de Paulo Vizioli. Posfácio e notas adicionais de José Roberto O'Shea. São Paulo: Editora 34, 2014. Edição bilíngue.
- CHAUCER, Geoffrey; SKEAT, Walter William. The legend of good women. Oxford: Clarendon Press, 1889.
- CHAUCER, Geoffrey; MURPHY, Michael (ed.). Troilus and Criseyde. City University of New York, Brooklyn. Disponível em: <https://academic.brooklyn.cuny.edu/webcore/murphy/troilus/troilus.html>. Acesso em: 22 nov. 2024.
- COPELAND, Rita. Lollard writings. In: SCANLON, Larry. The Cambridge Companion to Medieval English Literature 1100-1500. New York: Cambridge University Press, 2009.
- DAVIDSON, M. Medievalism, multilingualism, and Chaucer. England: Palgrave Macmillan, 2009.
- DOBRÁNZKY, Enid Abreu. A invenção do poeta: A biografia do escritor e a formação do cânone literário. Remate de Males, v. 27, n. 2, p. 147-158, 2007.
- DOWNES, Stephanie. Chaucer in nineteenth-century France. The Chaucer Review, v. 49, n. 3, p. 352-370, 2015.
- DRYDEN, John. Fables ancient and modern: translated into verse, from Homer, Ovid, Boccace, & Chaucer: with original poems. London: Printed for Jacob Tonson, 1700.
- EDWARDS, A. S. G. The Early Reception of Chaucer and Langland. Florilegium, v. 15, n. 1, p. 1-22, 1998.
- EL FAHLI, Mourad. The Construction of Space(s) and Identity(s) in Medieval Literature: Geoffrey Chaucer's The Canterbury Tales as a Case Study. Mirabilia: Electronic Journal of Antiquity, Middle & Modern Ages, n. 27, p. 254-268, 2018.

FURNIVALL, F. J. A Temporary Preface to the Six-Text Edition of Chaucer's Canterbury Tales, Part 1, The Chaucer Society, London: Trübner & Co., 1868a.

FIGES, Orlando. The Europeans: three lives and the making of a cosmopolitan culture. Random House, 2019.

GODWIN, William. Life of Geoffrey Chaucer, the Early English Poet: Including Memoirs of His Near Friend and Kinsman, John of Gaunt, Duke of Lancaster: With Sketches of the Manners, Opinions, Arts and Literature of England in the Fourteenth Century. Vol. I. 2nd ed. London: Printed by T. Davison, White-Friars, 1804.

HEFFERNAN, Carol. F. The Orient in Chaucer and Medieval Romance. Londres: D. S. Brewer, 2003.

HENG, Geraldine. The Global Middle Ages: An Introduction. Cambridge University Press, 2021.

HOCCKLEVE, Thomas. The Regement of Princes. FURNIVALL, Frederick J. (Ed) London: Early English Text Society, 1897.

JESUZ, Viviane Azevedo. "A Litel Jape That Fil in Oure Citee": A Construção da Identidade Cidadina e o Discurso sobre a Londres Medieval. 2017. Tese de Doutorado. Niterói: Universidade Federal Fluminense.

JONES, Chris. Medievalism in British poetry. In: D'ARCENS, Louise (Ed.). The Cambridge companion to medievalism. Cambridge University Press, 2016.

LYDGATE, John. Lydgate's Troy book. FURNIVALL, Frederick J. (Ed) London: Early English Text Society, 1908.

LYDGATE, John. A comendacion of chauceres. LAURITIS, Joseph A. A critical edition of John Lydgate's Life of Our Lady, 1992. Digital collection Early English Books Online. <https://name.umdl.umich.edu/A06558.0001.001>. University of Michigan Library Digital Collections. Acesso em 10 de julho de 2024.

MATTHEWS, David. Chaucer's American Accent. American Literary History, v. 22, n. 4, p. 758-772, 2010.

MEAD, Jenna. ... the anti/imperial approaches to Chaucer (are there those?): an essay in identifying strategies. Southern Review: Communication, Politics & Culture, v. 27, n. 4, p. 403-417, 1994.

MEDEIROS, Márcia Maria. Das Contribuições de Geoffrey Chaucer para a literatura e a história. *Fênix-Revista de História e Estudos Culturais*, v. 4, n. 2, p. 1-12, 2007.

MENOCAL, Maria Rosa. *The Arabic Role in Medieval Literary History: A Forgotten Heritage*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2010.

METLITZKI, Dorothee. *The matter of Araby in medieval England*. Londres: Yale University Press, 1977.

PHILLIPS, Helen. Chaucer and the nineteenth-century city. In: BUTTERFIELD, Ardis (Ed.). *Chaucer and the City*. DS Brewer, p. 193-210, 2006.

ROTHWELL, William. The Trilingual England of Geoffrey Chaucer. *Studies in the Age of Chaucer*, v. 16, n. 1, p. 45-67, 1994.

SAID, Edward W. *Cultura e imperialismo*. Editora Companhia das Letras, 2011.

SAID, Edward W. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SCALON, Larry. Geoffrey Chaucer. In: SCALON, Larry (Ed.). *The Cambridge Companion to Medieval English Literature 1100-1500*. Cambridge University Press, 2009.

SHOGIMEN, Takashi. Wyclif's Ecclesiology and Political Thought. In: LEVY, I. C. (Ed.). *A Companion to John Wyclif*. Brill, 2006. v. 4.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.); HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. *Identidade e Diferença: A perspectiva dos estudos culturais*. II ed. Petrópolis, RJ. Vozes, 2012.

SIMMONS, Clare A. Medievalism: Its linguistic history in nineteenth-century Britain. *Studies in Medievalism*, v. 17, p. 28-35, 2009.

SPENCER, H. Leith. FJ Furnivall's Six of the Best: The Six-Text Canterbury Tales and the Chaucer Society. *The Review of English Studies*, v. 66, n. 276, p. 601-623, 2015.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. The making of Americans, the teaching of English, and the future of culture studies. *New Literary History*, v. 21, n. 4, p. 781-798, 1990.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *A critique of postcolonial reason: Toward a history of the vanishing present*. Harvard UP, 1999.

SPURGEON, Caroline Frances Eleanor (Ed.). Five hundred years of Chaucer criticism and allusion (1357-1900). Londres: Oxford University Press, 1902.

STROHM, Paul. The Social and Literary Scene in England. In: BOITANI, Piero; MANN, Jill (Ed.). The Cambridge Companion to Chaucer. Cambridge University Press, 2003.

SWART, Felix. Chaucer and the English Reformation. *Neophilologus*, v. 62, n. 4, p. 616 - 619, 1978.

TRIGG, Stephanie. The New Medievalization of Chaucer. *Studies in the Age of Chaucer*, v. 24, n. 1, p. 347-354, 2002.

TRIGG, Stephanie. Reading Chaucer outside the academy: Furnivall, Woolf, and Chesterton. In: TRIGG, Stephanie. *Congenial souls: reading Chaucer from medieval to postmodern*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2002. p. 157-194.

TURNER, Marion. Chaucer: A European Life. Nova Jersey: Princeton University Press, 2020.

UTZ, Richard. Coming to terms with medievalism. *European Journal of English Studies*, v. 15, n. 2, p. 101-113, 2011.

VISWANATHAN, Gauri. *Masks of Conquest: Literary Study and British Rule in India*. Oxford: Oxford University Press, 1998.

WALLACE, David. Chaucerian polity: Absolutist lineages and associational forms in England and Italy. (No Title), 1997.

KAMOWSKI, W. Chaucer and Wyclif: God's Miracles against the Clergy's Magic. *The Chaucer Review*, v. 37, n. 1, p. 5-25, 2002.

ZEHNTER, Manuela. Hybrid Identities in Chaucer's Post-Colonial Canterbury Tales: Imagining an English Nation. In: *FoGe Das Forum für junge Geschichtswissenschaft*. 2015. p. 217-232.

ZINK, Michel. Literaturas. In: LE GOFF, Jacques; SCHMITT, J. C. (Eds.) *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. 2002.

ZUMTHOR, Paul. *A letra e a voz: a "literatura" medieval*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.